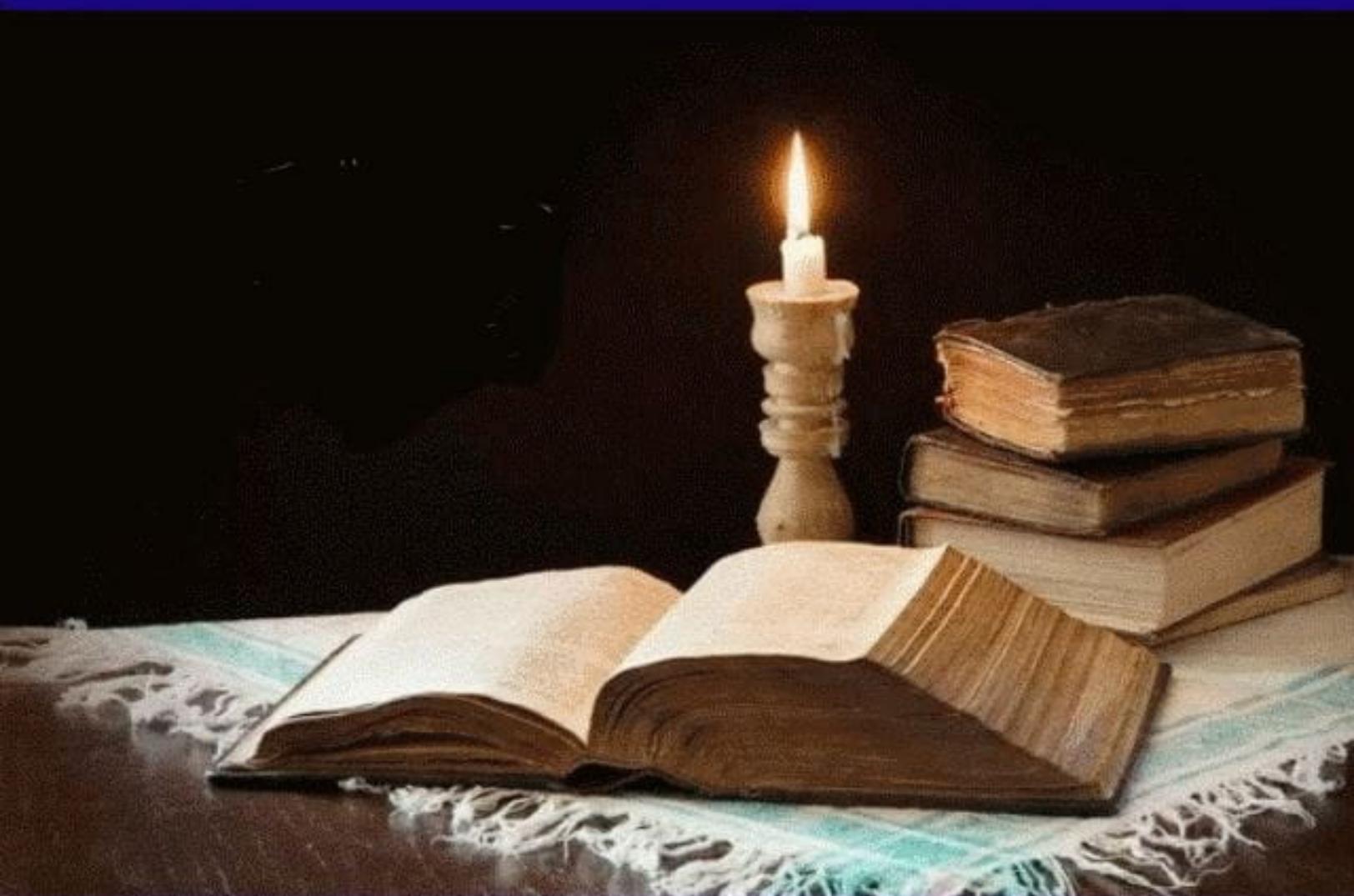


MEDITAÇÕES
TEMPO COMUM
(Semanas XXVIII a XXXIV)



EDITADO POR 

MEDITAÇÕES
TEMPO COMUM
(SEMANAS XXVIII a XXXIV)

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Tempo Comum^[*]

1. XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
2. Segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum
3. Terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum
4. Quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
5. Quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
6. Sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum
7. Sábado da XXVII semana do Tempo Comum
8. XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
9. Segunda-feira da XXVIII semana do Tempo Comum
10. Terça-feira da XXVIII semana do Tempo Comum
11. Quinta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum
12. Sexta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum
13. Sábado da XXVIII semana do Tempo Comum
14. XXIX domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
15. Segunda-feira da XXIX semana do Tempo Comum
16. Terça-feira da XXIX semana do Tempo Comum
17. Quarta-feira da XXIX semana do Tempo Comum
18. Quinta-feira da XXIX semana do Tempo Comum
19. Sexta-feira da XXIX semana do Tempo Comum
20. XXX domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
21. Segunda-feira da XXX semana do Tempo Comum

22. Terça-feira da XXX semana do Tempo Comum
23. Sexta-feira da XXX semana do Tempo Comum
24. Sábado da XXX semana do Tempo Comum
25. XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
26. XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
27. XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
28. Segunda-feira da XXXI semana do Tempo Comum
29. Terça-feira da XXXI semana do Tempo Comum
30. Quarta-feira da XXXI semana do Tempo Comum
31. Quinta-feira da XXXI semana do Tempo Comum
32. Sexta-feira da XXXI semana do Tempo Comum
33. Sábado da XXXI semana do Tempo Comum
34. XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)
35. XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
36. XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
37. Segunda-feira da XXXII semana do Tempo Comum
38. Terça-feira da XXXII semana do Tempo Comum
39. Quarta-feira da XXXII semana do Tempo Comum
40. Quinta-feira da XXXII semana do Tempo Comum
41. Sexta-feira da XXXII semana do Tempo Comum
42. Sábado da XXXII semana do Tempo Comum
43. XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)
44. XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

45. XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)
46. Segunda-feira da XXXIII semana do Tempo Comum
47. Terça-feira da XXXIII semana do Tempo Comum
48. Quarta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum
49. Quinta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum
50. Sexta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum
51. Sábado da XXXIII semana do Tempo Comum
52. Cristo Rei (Ciclo A)
53. Cristo Rei (Ciclo C)
54. Segunda-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
55. Terça-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
56. Quarta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
57. Quinta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
58. Sexta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum
59. Sábado da XXXIV semana do Tempo Comum

[*] Há algumas meditações em falta, em conformidade com os textos originais.

XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: o banquete que nos espera; convidar todos para a festa; saborear os bens de Deus.*

Sumário

- O banquete que nos espera.
- Convidar todos para a festa.
- Saborear os bens de Deus.

«O QUE OS olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (1Cor 2, 9). Não há palavras para expressar a plenitude de felicidade que o Senhor quer comunicar ao ser humano. Como explicam as primeiras palavras do Catecismo da Igreja: «Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada»^[1].

Não encontrando palavras para expressar a bem-aventurança à qual Deus nos chama, a Sagrada Escritura recorre a imagens que nos podem ajudar a intuí-la. O profeta Isaías, na primeira leitura da Missa, fala-nos de um esplêndido banquete que «o Senhor do Universo há de preparar para todos os povos um banquete de manjares suculentos, um banquete de vinhos deliciosos: comida de boa gordura, vinhos puríssimos.» Nesse convite, «há de tirar o véu que cobria todos os povos (...) destruirá a morte para sempre e (...) enxugará as lágrimas de todas as faces» (Is 25, 6-8).

Abundância, visão face a face, paz, conforto, plenitude de vida sem fim. Este é o destino que nos espera, «para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus.» (Fl 3, 14). «Pensa no Amor que te espera no Céu – recomendava S. Josemaria –. Fomenta a virtude da esperança, que não é falta de generosidade»^[2]; é recordar que: «não temos aqui cidade

permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13, 14), a nossa casa, onde o nosso Pai Deus nos espera. «O Cristianismo não anuncia somente uma qualquer salvação da alma num além indefinido, no qual tudo o que foi precioso e querido para nós neste mundo seria eliminado, mas promete a vida eterna, "a vida do mundo que há de vir": nada daquilo que nos é precioso e querido cairá em ruínas, mas encontrará a plenitude em Deus»^[3].

JESUS retoma a imagem do banquete preparado por Deus para todos os povos, mas acrescenta uma *nuance*: o Senhor quer contar connosco para enviar o convite para esse grande banquete a todos os povos. Ou seja, quer que compartilhem com todos a nossa esperança, que cheguemos ao céu acompanhados de muitas pessoas. Ao mesmo tempo, alerta-nos contra um obstáculo que podemos encontrar no cumprimento desta missão: a rejeição. «O reino dos Céus pode comparar-se a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho. Mandou os servos chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram vir» (Mt 22, 2). Perante a primeira recusa, o Senhor pede aos seus servos que tenham paciência, que expliquem mais detalhadamente aos convidados a maravilha que os espera e o gosto que o Senhor tem que participem na sua festa (cf. Mt 22, 3-4); «Mas eles, sem fazerem caso, foram um para o seu campo e outro para o seu negócio; os outros apoderaram-se dos servos, trataram-nos mal e mataram-nos» (Mt 22, 5-6).

Nesta história, a tristeza do Senhor é notória perante a experiência da rejeição dos homens, uma rejeição que vai da indiferença fria à oposição violenta. Mas o Senhor não desanima no desejo de fazer felizes os seres humanos e pede-nos que também não desistamos: «Ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas todos os que encontrardes» (Mt 22, 9). Em vez de cancelar o banquete ou limitar-se a receber apenas os parentes ou amigos mais próximos, estende o convite a todos, sem exceção, porque «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2, 4). «Na barca da Igreja, deve haver lugar para todos: todos os batizados são chamados a subir para ela e lançar as redes, empenhando-se pessoalmente no anúncio do Evangelho. (...) A nós, como Igreja, cabe a tarefa de nos fazermos ao largo nas águas deste mar, lançando a rede do Evangelho, sem apontar, sem acusar ninguém, mas levando às

peças do nosso tempo uma proposta de vida, a de Jesus: levar o acolhimento do Evangelho, convidar para a festa»^[4].

ALGUNS convidados recusam o seu lugar no banquete porque já estão ocupados com outros assuntos; preferem satisfazer-se à sua maneira, com aquilo que lhes proporciona relativo bem-estar. Outro, pelo contrário, comparece ao banquete com claro desejo de ficar satisfeito, mas é rejeitado por não se ter apresentado com os trajes adequados; isto é, não está preparado para saborear o que o Senhor tinha preparado. «Sei viver na pobreza e sei viver na abundância. – diz S. Paulo na segunda leitura – Em todo o tempo e em todas as circunstâncias, tenho aprendido a ter fartura e a passar fome, a viver desafogadamente e a padecer necessidade» (Flp 4, 12). Se o apóstolo pode dizer isto, é porque fez a experiência de se deixar alimentar por Deus; por isso afirma que tudo pode naquele que o consola (cf. Flp 4, 13) e pode animar com certeza os Filipenses: «O meu Deus proverá com abundância a todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza e magnificência, em Cristo Jesus» (Flp 4, 19).

O céu será deixar-nos alimentar por Deus no banquete que Ele preparou para nós. Mas para desfrutá-lo é preciso aprender a saborear as coisas do Senhor, evitando os substitutos que atrofiam o nosso desejo. «Pensa quão grato é a Deus Nosso Senhor o incenso que se queima em sua honra; pensa também no pouco que valem as coisas da terra, que mal começam logo acabam... Pelo contrário, um grande Amor te espera no Céu: sem traições, sem enganar: todo o amor, toda a beleza, toda a grandeza, toda a ciência...! E sem enfiar: saciar-te-á sem saciar»^[5]. A Virgem Maria presidirá, juntamente com o seu Filho, o banquete final. Podemos pedir-lhe que nos ensine a saborear os alimentos que Deus nos dá e que nos sustente na nossa missão de atrair muitas outras almas para a festa do céu.

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 139

[3] Bento XVI, Homilia, 15/08/2010.

[4] Francisco, Homilia, 02/08/2023.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 995.

Segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a Caridade abre-nos os olhos; Jesus e os Samaritanos; amar com obras.

Sumário

- A Caridade abre-nos os olhos.
- Jesus e os Samaritanos.
- Amar com obras.

EM CERTA OCASIÃO, um doutor da lei faz a Jesus uma pergunta sobre a relação entre a vida eterna e o amor a Deus e ao próximo. Sabe bem que a Lei de Moisés ordena este último, mas havia uma discussão sobre quem merecia ser considerado como "próximo", e se essa distinção coincidia com a pertença ao povo escolhido. Jesus aproveita este diálogo para falar de um amor que não conhece distinções, e fá-lo através da parábola do Bom Samaritano.

A história começa com um homem que, ao descer de Jerusalém para Jericó, cai nas mãos de assaltantes que o deixam meio morto. Quando um sacerdote e um levita o encontram pelo caminho, passam sem parar, talvez para não se contaminarem com o seu sangue. Antepõem essa norma, ligada ao culto, ao grande Mandamento de Deus, que prefere a misericórdia ao sacrifício (cf. Mt 9, 13).

Pode dar a impressão de que, no interior daquele sacerdote ou daquele levita, essa norma e os cuidados lógicos para com uma pessoa ferida eram incompatíveis entre si. Talvez pensassem: “Ou escolho cuidar do culto a Deus ou me ocupo desta pessoa”. Mas quando deixamos que o amor a Deus e aos outros dê forma a toda a nossa vida, esses dilemas desaparecem: «A caridade, de facto, esvazia-nos do nosso egoísmo, abate as barreiras do nosso isolamento, faz-nos abrir os olhos e leva-nos a descobrir o próximo

naqueles que estão junto de nós, naqueles que estão longe de nós e em toda a humanidade»^[1]. Em suma, faz-nos ver que cuidando precisamente daquela pessoa prestamos culto a Deus: «Se eu não me aproximo daquele homem, daquela mulher, daquela criança, daquele idoso ou daquela idosa que sofre, não me aproximo de Deus»^[2].

JESUS convida o doutor da lei a sair dos seus esquemas e apresenta um samaritano como o herói da parábola. Os samaritanos eram um grupo fora da religião oficial, longe da pureza que rodeava o povo escolhido, especialmente dos que prestavam culto no templo. Os atos com os quais o samaritano entra em cena são os mesmos dos outros dois viajantes: ele passa pela estrada e vê o homem gravemente ferido. Mas a sua reação é totalmente diferente: «Comoveu-se profundamente» (Lc 25, 33) e sentiu «um relâmpago de compaixão que lhe tocou a alma»^[3].

Talvez os ouvintes da parábola se tenham surpreendido ao ouvir que um samaritano é que se compadeceu, talvez achassem que podiam prever como cada um iria atuar naquela situação. Mas Jesus quer mostrar que não devemos reduzir a realidade aos nossos próprios modelos, nem encaixar neles as pessoas. De facto, o Evangelho apresenta-nos pelo menos duas interações de Cristo com os samaritanos: um leproso que é modelo de agradecimento a Deus (cf. Lc 17, 11-19), e uma mulher que, ao encontrar-se com a água viva de Jesus, se transforma em apóstola (cf. Jo 4, 7-30).

Quando olhamos para os outros sem preconceitos, aprendemos a amá-los como são, além de nos enriquecermos com as suas qualidades. Imitamos assim o amor de Cristo, que olha sempre para todo o bem de que somos capazes. Como S. Josemaria diz: «A fé, a magnitude do dom do amor de Deus, fez desvalorizar todas as diferenças e barreiras, até desaparecerem: já não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus' (Gl 3, 28). Esse saber-se e amar-se de facto como irmãos, para além das diferenças de raça, de condição social, de cultura ou de ideologia é essencial no cristianismo»^[4].

A REAÇÃO do Samaritano neste relato não se ficou apenas num bom sentimento de compaixão. Pelo contrário, meteu mãos à obra: «Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas, deu-as ao estalajadeiro e disse: ‘Trata bem dele; e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar’» (Lc 10, 34-35).

O samaritano mostra-nos que o amor se manifesta no concreto, em grandes e pequenos gestos. Através deles, expressamos a nossa vontade de ajudar nas necessidades dos outros e de tornar amável a vida das pessoas à nossa volta. S. Josemaria convidava-nos a concretizar o nosso amor, para que não fique só em palavras, mas se faça vida e se torne evidente nas obras: «Contam de uma alma que ao dizer ao Senhor na oração: “Jesus, amo-Te”, ouviu esta resposta do Céu: "Obras é que são amores, e não boas palavras". Pensa se porventura não merecerás tu também esta carinhosa censura»^[5].

Quando a parábola termina, Jesus faz uma pergunta ao doutor da lei: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» Respondeu: «O que teve compaixão dele» (Lc 10, 36-37). Podemos pedir a Maria que torne os nossos corações mais sensíveis, e nos dê a prontidão para pormos mãos à obra: só então seremos verdadeiramente "próximos".

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Mensagem para a Quaresma, 1986.

[2] Francisco, Audiência geral, 27/04/2016.

[3] Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Vol. 1, p. 238.

[4] S. Josemaria, “*As riquezas da fé*”, 02/11/1969.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 933.

Terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: procurar Cristo “entre as panelas”; Marta: quando estamos sobrecarregados; Maria: uma palavra que enforma a vida.

Sumário

- Procurar Cristo “entre as panelas”.
- Marta: quando estamos sobrecarregados.
- Maria: uma palavra que enforma a vida.

POR VEZES, o episódio de Jesus em Betânia (cf. Lc 10, 38-42) foi visto como um dilema entre duas formas de viver a fé: ou se é como Marta, dedicada às atividades do mundo, ou como Maria, centrada nas coisas de Deus. Contudo, também podemos considerar que ambas as atitudes são necessárias e complementares: não é necessário abandonar as ocupações comuns para estar sempre com o Senhor. Josemaria, fazendo eco dos ensinamentos dos santos que abraçaram a vida religiosa, escreveu: «É preciso procurar Jesus Cristo na vida quotidiana – também entre as panelas, como dizia a Madre Teresa [de Ávila] – na vida quotidiana. (...) Deus está ali, entre os livros, entre o material de laboratório, no trabalho de investigação ou de ensino; e está igualmente na cozinha ou entre os instrumentos de limpeza ou na tábua de passar a ferro»^[1].

Quando Marta se lamenta diante do Senhor porque a irmã não a ajuda no serviço da casa, Jesus responde: «andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada» (Lc 10, 41-42). Cristo não convida Marta a ignorar as suas ocupações. Caso contrário, como é que Ele e os apóstolos poderiam comer e recuperar as forças? O Mestre quer que Marta, enquanto anfitriã, não esqueça “a melhor parte”, a única que é “necessária”: dar glória a Deus e servir os outros através do seu trabalho bem feito. Desta forma, como

escreveu o fundador do Opus Dei, «chega um momento em que nos é impossível distinguir onde termina a oração e onde começa o trabalho, porque o nosso trabalho é também oração, contemplação, uma verdadeira vida mística de união com Deus»^[2].

CERTAMENTE em mais de uma ocasião nos encontramos como Marta. Durante um período de tempo – curto ou longo – podemos ter a impressão de que não alcançamos tudo o que nos propusemos. Podemos ter uma família para cuidar, obrigações de trabalho e mais de um imprevisto que inevitavelmente surge todos os dias e que exige tempo extra e atenção especial: uma doença nossa ou de uma pessoa próxima, uma chamada ou reunião de última hora, um trabalho mais demorado, algum desarranjo em casa, ter que conversar longamente com um amigo ou colega, etc. Esperamos então que este período de certo *stress* desapareça o mais rapidamente possível e ansiamos, com toda a razão, que finalmente chegue alguma tranquilidade e paz.

A reação de Marta pode-nos dar uma pista sobre como acolher esses momentos quando eles surgem: ir até Jesus e desabafar com Ele. «Confiai-Lhe todas as vossas preocupações, porque Ele tem cuidado de vós» (1Pe 5, 7). Ao mesmo tempo, o convite do Senhor a concentrar-nos no que é “necessário” também pode ajudar-nos a descobrir o significado daquelas ocupações que nos podem tirar a paz. Não são apenas acontecimentos ou tarefas imprevistas, mas formas pelas quais nos tornamos santos e contribuímos para o bem das pessoas que nos rodeiam. Esta mudança de foco dificilmente significará que, de um dia para o outro, o cansaço desapareça ou que consigamos harmonizar as tarefas exatamente como os gurus de gestão do tempo ensinam. Mesmo aproximando-nos desse nobre ideal, o cansaço vivido com Jesus tem um significado valioso, pois o nosso esforço não visa livrar-nos o mais rapidamente possível daquela tarefa, mas adquire uma dimensão ambiciosa: identificar-nos com Cristo, que viveu concentrado nas coisas do Seu Pai e com o coração aberto e magnânimo, para atender aqueles que d'Ele se aproximavam.

Essa atitude explica «porque é que os santos parecem cheios de paz, mesmo no meio da dor, da desonra, da pobreza e da perseguição. A resposta

– como disse o Bto. Álvaro – é muito clara: porque procuram identificar-se com a Vontade do Pai do Céu, imitando Cristo»^[3]. Assim, o que talvez antes fosse percebido como uma ameaça que alterou a nossa vida interior, é visto de outra forma: uma oportunidade de crescer nos ideais que sustentam as nossas vidas.

MARIA escuta atentamente as palavras de Jesus. A forma de seguir a sua pregação é muito diferente da de alguns fariseus ou escribas, que quando o Mestre falava procuravam algo para acusá-lo. Ela, por outro lado, acolheria os Seus ensinamentos com carinho e sentido prático: não se limitaria a deleitar-se com a beleza do discurso, mas tentaria fazê-lo seu e aplicá-lo à sua própria vida. «Ao abrires o Santo Evangelho – sugeria S. Josemaria –, pensa que não só tens de saber o que ali se narra – obras e ditos de Cristo – mas também tens de vivê-lo. Tudo, cada ponto relatado, se recolheu, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência»^[4].

«Escutar a palavra de Deus é lê-la e dizer: Que é que isto diz ao meu coração? Que está Deus a dizer-me com estas palavras? (...) Deus não fala a todos em geral: sim, fala a todos, mas fala a cada um de nós. O Evangelho foi escrito para cada um de nós»^[5]. Para descobrir esse significado pessoal, a palavra de Deus precisa de fermentar dentro de nós; ou seja, não basta ouvir ou ler um fragmento uma vez para compreender o seu significado, mas é necessário que ele assente no nosso coração e na nossa inteligência. Desta forma, podemos ler os acontecimentos que nos ocorrem à luz dessa palavra e perceber o que o Senhor nos quer transmitir a cada momento.

Esta foi a atitude da Virgem Maria. meditou no seu coração tanto os episódios da sua vida que não compreendia como aqueles que a enchiam de alegria. A nossa Mãe pode ajudar-nos a seguir o que o seu Filho quis transmitir no lar de Betânia: dar glória a Deus com o nosso trabalho e ouvir a sua palavra para que enforme toda a nossa vida.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Carta* 36, n. 60.

[2] S. Josemaria, *Carta* 11, n. 25.

[3] Bto. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 01/05/1987.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[5] Francisco, Homilia, 23/09/2014.

Quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus quer que sejamos santos; sermos filhos no Pai-Nosso; sermos perdoados e perdoar.

Sumário

- Deus quer que sejamos santos.
- Sermos filhos no Pai-Nosso.
- Sermos perdoados e perdoar.

JESUS ESTÁ recolhido em oração. Os Seus discípulos já O tinham visto muitas vezes a fazer oração. Gostariam de ter essa intimidade com Deus que veem ser tão natural no Mestre, e que se manifesta nas suas palavras, nas suas ações, na sua alegria... Por isso, animam-se a pedir-Lhe algo que, juntamente com eles, também nós podemos fazer: «Senhor, ensina-nos a rezar» (Lc 11, 1). Jesus entrega aos apóstolos a oração que resume a sua vida e a sua aspiração mais íntima: fazer a vontade de Deus, abandonar-Se nas suas mãos. «Pai-Nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso Nome; venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu» (Mt 6, 9-10). O desejo de Deus é precisamente que sejamos santos e, portanto, felizes. Como S. Paulo recordará mais tarde: «Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação» (1Ts 4, 3).

Na vida de Jesus vemos que não Se limitou a aceitar com resignação a vontade de seu Pai: abraçou-a até ao extremo de dar a sua vida por nós. S. Josemaria falava das diferentes maneiras de acolher o querer divino, sobretudo quando pode tornar-se mais difícil: «Não leves a cruz de rastos... Leva-a erguida a prumo, porque a tua Cruz, levada assim, não será uma Cruz qualquer: será... a Santa Cruz! Não te resignes com a Cruz. Resignação é uma palavra pouco generosa. Quer a Cruz. Quando de verdade a quiseres, a tua Cruz será... uma Cruz sem Cruz»^[1].

«A glória de Deus – recordava Sto. Ireneu – consiste em que o homem viva, e a vida do homem consiste na visão de Deus»^[2]. O lugar mais seguro para viver é junto de Deus, que entregou o seu próprio Filho para nos salvar. Ninguém está tão empenhado na nossa salvação como Ele. A oração que Jesus ensinou aos apóstolos é, no fundo, um «sim» ao desejo divino da nossa felicidade. Pronunciá-la, dando todo o sentido a essas palavras de Cristo, ir-nos-á enchendo de paz, de segurança e de fortaleza.

DEUS FEZ todo o possível para Se aproximar das criaturas que ama e para Se dar a conhecer. «Considera, ó homem – assim nos fala – que Eu fui o primeiro a amar-te. Ainda não tinhas nascido, o mundo ainda não existia, e já Eu te amava. Desde que existo, Eu amo-te»^[3]. A oração que Jesus ensina aos seus apóstolos introduz-nos na essência do que somos: filhos queridíssimos de Deus; criaturas escolhidas desde a eternidade para entrar no seu gozo. A nós, imersos ainda no tempo e na fragilidade da condição humana, é-nos difícil imaginar na sua plenitude todo este amor divino.

No início, Jesus ensina-nos a falar com Deus com uma confiança surpreendente. A Ele acabarão por condená-l’O por chamar a Deus seu Pai: «Blasfemou; que necessidade temos de mais testemunhas?» (Mt 26, 65). Deus nunca tinha estado tão próximo dos homens e mulheres. Unir a nossa oração de filhos à oração de Cristo enche-nos de esperança, permite-nos realmente seguir os passos de Jesus para cumprir a vontade de Seu Pai. Desaparece progressivamente o medo do desconhecido, do novo, daquilo que não controlamos. Saber que somos filhos impele-nos com força a evangelizar, a encher-nos da luz do nosso Pai Deus. «De vez em quando a escuridão pode-nos parecer cómoda. Posso esconder-me e passar a minha vida a dormir. Nós, porém, não fomos chamados a viver nas trevas, mas na luz»^[4].

No Pai-Nosso, esconde-se todo um caminho para compreendermos cada vez melhor a nossa filiação. «A salvação que Deus nos oferece é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. Envia o seu Espírito aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para

nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor»^[5].

PERDOAR como Deus não está ao nosso alcance. Esta prontidão divina para perdoar faz que, de certo modo, o céu esteja sempre em festa. Jesus, na sua oração, convida-nos a abandonar a lógica do intercâmbio quando nos relacionamos uns com os outros, porque o amor não pode sobreviver nesse ambiente de méritos e culpas. Consideramo-lo também numa oração do missal que fala do «admirável comércio» entre Deus e nós: do ponto de vista simplesmente humano, não é razoável que, «oferecendo-Vos o que nos destes, mereçamos receber-Vos a Vós mesmo»^[6]. Mas essa é precisamente a lógica divina.

É na Confissão que experimentamos de forma especial o perdão de Deus; um perdão que é libertação e que vai contra a nossa lógica, pois não são as nossas próprias obras que nos justificam, mas a nossa vontade de nos convertermos novamente a Deus. «Quantas vezes nos libertamos de tantos pesos interiores, de não nos sentirmos amados e respeitados, quando começamos a amar os outros gratuitamente!»^[7]. E na Confissão experimentamos precisamente este amor gratuito de Deus.

Ao mesmo tempo, saber-nos perdoados pelo Senhor leva-nos a relativizar as ofensas que possamos receber dos outros. S. Josemaria recomenda-nos: «Esforça-te, se necessário, por perdoar sempre aos que te ofenderem, desde o primeiro momento, já que, por maior que seja o prejuízo ou a ofensa que te façam, mais te tem perdoado Deus a ti»^[8]. Podemos pedir a Santa Maria que nos ajude a experimentar o perdão libertador do seu Filho para que o possamos viver com as pessoas que nos rodeiam.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Santo Rosário*, IV mistério doloroso.

[2] Sto. Ireneu de Lyon, *Contra os hereges*, 4, 20, 5-7.

[3] Sto. Afonso Maria de Ligório, *Tratado sobre a prática de amar a Jesus Cristo*, pp. 9-14.

[4] Bento XVI, Homilia, 22/03/2008.

[5] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 112.

[6] Oração sobre as oferendas do XX Domingo do Tempo Comum.

[7] Francisco, Homilia, 26/07/2022.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 452.

Quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a pedagogia do Mestre; nenhuma súplica fica sem resposta; quando parece que Deus não nos ouve.

Sumário

- A pedagogia do Mestre.
- Nenhuma súplica fica sem resposta.
- Quando parece que Deus não nos ouve.

JESUS é um bom pedagogo. Procura acompanhar os seus ensinamentos com exemplos, imagens ou gestos concretos. Não poupa tempo nem energias para que a sua doutrina chegue e se conecte com todos. Preocupa-se em conhecer bem os discípulos para captar o seu entendimento nos discursos, e repete as coisas sempre que necessário. Como dizia S. Josemaria, «o Senhor foi pródigo connosco. Instruiu-nos pacientemente; explicou-nos os seus preceitos com parábolas e insistiu connosco sem descanso»^[1].

Quando o Senhor falou sobre o valor da oração, quis reforçar os seus ensinamentos com um exemplo que interpelaria muitos dos seus ouvintes; e poderia ser algo que tinha acontecido recentemente. «Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: 'Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer', e se ele lhe responder lá de dentro: 'Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar'» (Lc 11, 5-6).

Para além da mensagem concreta desta passagem, podemos ver a preocupação de Jesus em se colocar no lugar do outro quando deseja transmitir os seus ensinamentos. Aproveitava os acontecimentos diários para revelar realidades divinas grandes. Deus não é «uma inteligência

matemática muito distante de nós. Deus interessa-se por nós, ama-nos, entrou pessoalmente na realidade da nossa história e comunicou-se a si mesmo a ponto de se encarnar. Portanto, Deus é uma realidade da nossa vida, é tão grande que tem tempo também para nós, preocupa-se conosco. Em Jesus de Nazaré nós encontramos o rosto de Deus, que desceu do seu Céu para imergir no mundo dos homens, no nosso mundo, e para ensinar a “arte de viver”, o caminho da felicidade; para nos libertar do pecado e para nos tornar filhos de Deus»^[2]. Também nós, quando transmitimos a fé, podemos imitar esse desejo de Nosso Senhor para relacionar os seus ensinamentos com as realidades do dia a dia. E assim o Evangelho entender-se-á não como algo alheio, mas como algo familiar, próximo, que desperta o desejo de viver essa Boa Nova.

RESSOAVAM ainda nos ouvidos dos discípulos as diversas petições que Jesus tinha sintetizado no Pai-Nosso: um modo novo de se dirigir a Deus, filial e confiado. Neste contexto, Jesus apresenta agora o exemplo de um amigo importuno que, a desoras, pede pão para uma visita inesperada. Cristo quer que comparemos o nosso modo humano de responder aos pedidos que nos fazem com o novo estilo de Deus.

Para que este modo divino fique gravado nos corações dos seus ouvintes e nos nossos, Jesus diz: «Assim pois, eu vos digo: pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á» (Lc 11, 9). Em poucas ocasiões o Senhor é tão insistente, quer pelas imagens que utiliza – pedir, procurar, bater – como pela frequência com que as repete, dizendo por uma segunda vez: «Porque todo aquele que pede recebe; e quem procura encontra; e ao que bate abrir-se-lhe-á» (Lc 11, 10).

Jesus apresenta uma consoladora promessa sobre a oração de petição: nada fica sem resposta. «A súplica é expressão do coração que confia em Deus, pois sabe que sozinho não consegue. Na vida do povo fiel de Deus, encontramos muitas súplicas cheias de ternura crente e de profunda confiança. Não desvalorizemos a oração de petição, que tantas vezes nos tranquiliza o coração e ajuda a continuar a lutar com esperança^[3]. É o que fizeram tantos santos ao longo da história, face a muitas obscuridades ou obstáculos. Pedir fê-los crescer na sua consciência de que era Deus quem

levava as coisas para a frente: a missão apostólica que tinham entre mãos, a sementeira de paz e de alegria que queriam levar por todo o mundo; a sua própria santidade, as preocupações familiares... S. Josemaria, em momentos de incompreensões e dificuldades, insistia com os seus filhos, servindo-se de uma frase de Isaías: «Grita em voz alta, sem te cansares. Levanta a tua voz como uma trombeta» (Is 58, 1).

«QUAL O PAI de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião?» (Lc 11, 11). Seguindo o seu modo de ensinar, Jesus apresenta outra comparação para completar a imagem que os ouvintes podiam ter de Deus. Não é só um Pai a quem se pode pedir todo o tipo de bens, como mostrou no Pai-Nosso. Também não é suficiente para descrever essa paternidade o facto de não deixar qualquer súplica sem resposta. Além de tudo isto, é um Pai muito superior ao melhor que pudéssemos encontrar. «Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!» (Lc 11, 13).

Podemos talvez ter passado pela experiência de ter pedido alguma coisa a Deus que, afinal, não nos foi concedida. Então podemos pensar que não é certo aquilo de que «todo aquele que pede recebe». Mas o que Jesus quer transmitir é que, quando não nos cansamos de suplicar, o primeiro bem que recebemos é precisamente o de sermos verdadeiramente filhos de Deus, graças ao Espírito Santo. Em determinadas ocasiões, com efeito, pode parecer que não nos dá o que pedimos, mas temos a certeza de que Deus é bom e, por conseguinte, sempre quer o melhor para nós»^[4]. Essa oração, se é cheia de confiança, ajuda-nos a ser humildes, a reconhecer que somos filhos necessitados de um Pai cheio de amor. E muitas vezes o principal fruto dessa petição será o de ter tomado consciência da nossa filiação.

«Deus, ao diferir a sua promessa, aumenta o desejo; dilata a alma e dilatando-a, torna-a capaz dos seus dons»^[5]. Quando parece que Jesus não nos concede o que lhe pedimos, faz isso para que continuemos a insistir e cresça em nós o desejo de o conseguir. Por meio dessa oração que não esmorece, Deus prepara a nossa alma para acolher o dom da filiação divina

que ilumina o nosso caminho rumo à santidade e que nos faz ter como Mãe a Virgem Maria. «Mãe! – Chama-a bem alto, bem alto. – Ela, tua Mãe Santa Maria, escuta-te, vê-te em perigo talvez, e oferece-te, com a graça do seu Filho, o consolo do seu regaço, a ternura das suas carícias. E encontrar-te-ás reconfortado para a nova luta»^[6].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 52.

[2] Bento XVI, Audiência, 28/11/2012.

[3] Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 154.

[4] Francisco, Angelus, 16/01/2022.

[5] Sto. Agostinho, *Sobre a primeira carta de S. João*, Tratado IV.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 516.

Sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a divisão no nosso interior; buscar o aplauso de Deus; a unidade, testemunho do amor de Deus.

Sumário

- A divisão no nosso interior.
- Buscar o aplauso de Deus.
- A unidade, testemunho do amor de Deus.

«TODO o reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas e cairá casa sobre casa» (Lc 11, 17). A palavra «reino» convida-nos a pensar em nações ou grandes comunidades submetidas aos vaivéns da política ou da guerra, ou em coletividades numerosas agitadas por tensões internas. No entanto, a fratura de que Jesus fala refere-se também àquela que se pode produzir dentro de cada pessoa. Todos temos consciência de que, por vezes, há uma divisão entre o que dizemos e o que fazemos, entre o que somos e o que gostaríamos de ser, entre o que nos propomos fazer e o que finalmente levamos a cabo. Talvez até a passagem do tempo pareça ter distanciado ou diluído o que, tempos atrás, tínhamos sonhado chegar a ser.

O pecado dos nossos primeiros pais quebrou a harmonia original da Criação. Deixou, além disso, em estado frágil a harmonia interior de todos os homens, cujas tensões interiores e exteriores põem à prova a retidão das suas decisões e dos seus desejos. Consciente dessa fraqueza, o demónio trata de quebrar a ordem interior do homem, de o dividir contra si mesmo. S. Paulo expressa-o com simplicidade na Carta aos Romanos: «Não compreendo o que faço, pois não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero» (Rm 7, 15). E um pouco mais adiante indica as razões deste paradoxo: «Deleito-me na lei de Deus, segundo o homem interior, mas vejo nos meus membros outra lei que luta contra a lei da minha razão e me faz escravo da lei do pecado que está nos meus membros» (Rm 7, 22-23).

Esses momentos em que, como S. Paulo, sentimos a tensão no nosso interior ajudam-nos a crescer no desejo de viver perto de Jesus e a saber que, com o passar do tempo, embora pareça que nalguns aspetos estamos a andar para trás, na realidade o Senhor está sempre perto de nós. S. Josemaria animava a não nos surpreendermos quando surgem essas ocasiões de dúvida e de tensão, pois estamos feitos de barro, mas a aproveitá-las para reforçarmos a nossa fidelidade a Deus: «Se nalgum momento a luta interior se torna mais difícil, será uma boa ocasião para mostrar que o nosso Amor é autêntico. Para quem começou a saborear de alguma forma a entrega, cair vencido seria uma espécie de fraude, um engano miserável. Não te esqueças daquele grito de S. Paulo: *quis me liberabit de corpore mortis huius*, quem me livrará deste corpo de morte? E escuta, na tua alma, a resposta divina: *sufficit tibi gratia mea!*, basta-te a minha graça!»^[1].

OUTRA DIVISÃO que pode ter lugar no nosso interior dá-se quando as ações contrastam com as ânsias do nosso coração. Jesus denunciava frequentemente a hipocrisia daqueles que davam esmola ou fingiam rezar «para serem louvados pelos homens» (Mt 6, 2). Embora realizassem bons gestos externos, não eram motivados pelo desejo de ajudar os necessitados ou de dar glória a Deus, mas pelo afã de ficarem bem aos olhos dos seus contemporâneos.

«Eu pergunto-me: como é que sigo Jesus? As coisas boas que faço, faço-as "em segredo" ou gosto de que me vejam?»^[2]. O cristão não é um ator de teatro, que tem de se ajustar com precisão ao que indica o guião para ganhar o aplauso dos espetadores; é, antes, alguém que sabe mover-se com liberdade e procura em todo o momento agradar a Deus: o aplauso d'Ele é a única coisa que lhe interessa. E nós sabemos que o Senhor se compraz com o que é grande e as pequenas coisas que realizamos com amor.

Neste sentido, S. Josemaria pôs por escrito a impressão que lhe causou o empenho de uns filhos seus, pouco depois do início da Obra. «Recordo com emoção o trabalho daqueles universitários brilhantes – dois engenheiros e dois arquitetos – ocupados com todo o gosto na instalação material de uma residência de estudantes. Mal acabaram de colocar o

quadro numa sala de aula, a primeira coisa que os quatro artistas escreveram foi: “*Deo omnis gloria!*” – toda a glória para Deus». E concluía: «Já sei que Te encantou, Jesus»^[3]. A convicção de que o nosso trabalho *encanta* o Senhor dará unidade à nossa vida: as nossas ações e os nossos pensamentos buscarão apenas a glória de Deus.

NÓS, OS CRISTÃOS, também somos chamados a cultivar a unidade dentro do povo de Deus. A Igreja é uma família enorme, formada por muitas e muito diversas pessoas, e enriquecida pelos carismas e iniciativas que o Espírito Santo suscita ao longo e ao largo do tempo e da geografia. O facto de convivermos com tantas realidades eclesiais será muitas vezes um estímulo para elevarmos o nosso coração a Deus e para Lhe agradecermos a abundância de caminhos que Ele oferece aos homens e mulheres na sua peregrinação rumo à meta comum do Céu.

Poucas horas antes de ser feito prisioneiro em Getsémani, Jesus dirige-Se ao Pai na intimidade do Cenáculo e pede a unidade dos seus discípulos, incluídos também nós: «Que todos sejam um; como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós» (Jo 17, 21). E acrescenta que precisamente essa unidade será uma das razões que os seus discípulos darão ao mundo para que O reconheça a Ele, Jesus, como enviado do Pai. «A unidade e o testemunho são coessenciais. Não podemos dar verdadeiro testemunho do Deus de amor se não estivermos unidos entre nós como Ele quer; e não podemos estar unidos permanecendo cada um por seu lado, sem nos abirmos ao testemunho, sem ampliarmos as fronteiras dos nossos interesses e das nossas comunidades em nome do Espírito que abraça todas as línguas e quer chegar a cada um»^[4].

O fundador do Opus Dei, ao contemplar numa ocasião as diferentes maneiras como as pessoas expressavam o seu amor a Nossa Senhora, comentava: «Certamente também vós, ao ver nestes dias tantos cristãos a manifestar o seu afeto à Virgem Santa Maria de mil maneiras diferentes, vos sentis mais dentro da Igreja, mais irmãos de todos esses vossos irmãos. É como uma reunião de família, quando os filhos mais velhos, que a vida separou, voltam a encontrar-se junto da sua Mãe por ocasião de alguma festa. E, se alguma vez discutiram entre si e se trataram mal, já não o

fazem; sentem-se unidos, reconhecem-se todos no afeto comum»^[5]. A Virgem Maria é, ao mesmo tempo, mãe da Igreja e mãe de cada um de nós. Ela ajudar-nos-á a viver sempre intimamente unidos ao seu Filho e a cultivar a unidade da grande família que é a Igreja.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 92-94.

[2] Francisco, Homilia, 05/05/2014.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 611.

[4] Francisco, Discurso, 04/11/2022.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 139.

Sábado da XXVII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXVII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus corrige sempre por amor; amar os defeitos dos outros; um fruto da amizade.

Sumário

- Jesus corrige sempre por amor.
- Amar os defeitos dos outros.
- Um fruto da amizade.

OS EVANGELHOS mostram-nos vários momentos em que Jesus corrige alguém. Um deles ocorre quando uma mulher levantou a voz no meio da multidão e disse: «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito». E Ele imediatamente a faz ver o verdadeiro motivo pelo qual a Sua mãe merece tal elogio: «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 27-28).

S. Josemaria dizia que «a correção fraterna faz parte do olhar de Deus, da Sua amorosa Providência»^[1]. Jesus, nessa ocasião, corrige a mulher porque quer conduzi-la à verdade plena. «A correção fraterna nasce do afeto – assinala Mons. Fernando Ocáriz –; mostra como desejamos que os outros sejam cada vez mais felizes»^[2]. Por isso, preocupar-se com os outros não é apenas julgar se eles cumpriram alguma regra, mas tentar olhar para eles como Jesus: o Seu é um olhar que não se limita a detalhes insignificantes, mas que enche de esperança, com amplos horizontes. A correção de Cristo é movida pelo amor pessoal ao outro, pelo desejo de que sejamos felizes, e não para manter uma certa ordem externa.

«Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós»^[3]. A correção fraterna não se exerce do alto, como quem tem algo a ensinar; trata-se antes de ir ao encontro do outro para

compreendê-lo e acompanhá-lo nos seus desejos de santidade. Com a correção fraterna, as pessoas ao nosso redor não se sentem sozinhas na sua luta, mas sabem que podem contar com o nosso apoio.

«VÓS, QUANDO fizerdes uma correção fraterna, deveis amar os defeitos dos vossos irmãos»^[4], disse S. Josemaria. Um coração que ama é capaz de superar o que consideramos um defeito nos outros. Logicamente, na medida das nossas capacidades, tentaremos ajudar a superá-lo; no entanto, nem sempre será possível, ou não se conseguirá dum dia para o outro. Portanto, aprender a amar esses defeitos também nos introduz de alguma forma na lógica do amor divino. Jesus abraça as nossas qualidades e as nossas fraquezas, não impõe condições de nenhum tipo ao Seu amor.

«A regra suprema da correção fraterna é o amor, isto é, corrigir porque queremos o bem dos nossos irmãos e irmãs. E muitas vezes é também tolerar os problemas dos outros, os defeitos dos outros em silêncio, na oração para depois encontrar o caminho certo para corrigi-los»^[5]. Isso implica respeitar a liberdade de cada um, pois assim tornaremos o nosso amor mais semelhante ao que Deus tem para nós. Ajudar o nosso irmão ou irmã no seu caminho para a santidade é mais parecido com uma noite paciente e quente de vigília, em que se espera a ação de Deus, do que uma supervisão fria. Quem quiser ajudar não fica preso apenas ao exterior, mas olha os acontecimentos à luz daquele desejo de santidade do outro, tirando as sandálias porque está no fundo da sua alma (cf. Ex 3, 5).

Antes de corrigir os que estão ao nosso redor, também pode ser bom lembrar as palavras de Cristo: «tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás melhor para tirar o argueiro da vista do teu irmão» (Mt 7, 5). Sem deixar de se esforçar para ajudar os outros, talvez a melhor maneira de os incentivar a serem santos seja a nossa própria santidade. Perceber no outro o *bonus odor Christi*, o bom aroma de Cristo, atrai a uma vida de amizade com Deus, além de facilitar o ambiente propício para corrigir ou ser corrigido, com a confiança dos filhos do mesmo Pai.

PARA VIVER a correção fraterna de forma autêntica e fecunda, geralmente é necessário primeiro criar um contexto de proximidade e de real interesse pela vida do outro. Corrigir alguém que é desconhecido geralmente não é a melhor maneira, e muitas vezes pode ser injusto. Ou seja, além do aspeto a ser corrigido, é bom que haja uma relação de amizade mútua e verdadeira, onde o afeto tenha sido vivenciado manifestado de várias formas: detalhes de serviço, momentos vividos juntos, preocupações compartilhadas... E, simplesmente como mais uma expressão dessa amizade, surge espontaneamente o desejo de ajudar o outro no caminho da santidade. Dessa forma, poderemos entrar delicadamente no seu coração, sem invadir a sua privacidade, sempre tentando aperceber-nos da sua situação.

Esse contexto também nos levará a entender as reações dos outros quando corrigidas. Há disposições de temperamento que nos diferenciam muito uns dos outros e que S. Josemaria considerava parte central desse “numerador diversíssimo” nas pessoas do Opus Dei e na Igreja. Para alguns, até as palavras mais delicadas soam facilmente como reprovação. Outros, por seu lado, se as palavras não forem especialmente claras, podem perceber uma falta de interesse. Em todo o caso, se houver essa relação de proximidade e amizade de antemão, todos descobrimos na correção fraterna um gesto de lealdade.

O fundador do Opus Dei dizia que, a um irmão, «nunca toleramos que se critique pelas costas. E dizemos as coisas desagradáveis assim, carinhosamente, para que as corrija»^[6]. Podemos pedir a Maria que nos ajude a ver os nossos irmãos com o seu mesmo olhar de mãe para que possamos falar uns com os outros com carinho, delicadeza e lealdade.

NOTAS

[1] Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*.

[2] Fernando Ocariz, Carta Pastoral, 01/11/2019, n. 16.

[3] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2012, n. 1.

[4] S. Josemaria, Apontamentos de uma reunião familiar, 18/10/1972.

[5] Francisco, Audiência, 03/11/2021.

[6] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21/05/1970.

XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXVIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: o banquete que nos espera; convidar todos para a festa; saborear os bens de Deus.*

Sumário

- O banquete que nos espera.
- Convidar todos para a festa.
- Saborear os bens de Deus.

«O QUE OS olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (1Cor 2, 9). Não há palavras para expressar a plenitude de felicidade que o Senhor quer comunicar ao ser humano. Como explicam as primeiras palavras do Catecismo da Igreja: «Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada»^[1].

Não encontrando palavras para expressar a bem-aventurança à qual Deus nos chama, a Sagrada Escritura recorre a imagens que nos podem ajudar a intuí-la. O profeta Isaías, na primeira leitura da Missa, fala-nos de um esplêndido banquete que «o Senhor do Universo há de preparar para todos os povos um banquete de manjares suculentos, um banquete de vinhos deliciosos: comida de boa gordura, vinhos puríssimos.» Nesse convite, «há de tirar o véu que cobria todos os povos (...) destruirá a morte para sempre e (...) enxugará as lágrimas de todas as faces» (Is 25, 6-8).

Abundância, visão face a face, paz, conforto, plenitude de vida sem fim. Este é o destino que nos espera, «para o prémio a que Deus, lá do alto, nos chama em Cristo Jesus.» (Fl 3, 14). «Pensa no Amor que te espera no Céu – recomendava S. Josemaria –. Fomenta a virtude da esperança, que não é falta de generosidade»^[2]; é recordar que: «não temos aqui cidade

permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13, 14), a nossa casa, onde o nosso Pai Deus nos espera. «O Cristianismo não anuncia somente uma qualquer salvação da alma num além indefinido, no qual tudo o que foi precioso e querido para nós neste mundo seria eliminado, mas promete a vida eterna, "a vida do mundo que há de vir": nada daquilo que nos é precioso e querido cairá em ruínas, mas encontrará a plenitude em Deus»^[3].

JESUS retoma a imagem do banquete preparado por Deus para todos os povos, mas acrescenta uma *nuance*: o Senhor quer contar connosco para enviar o convite para esse grande banquete a todos os povos. Ou seja, quer que compartilhem com todos a nossa esperança, que cheguemos ao céu acompanhados de muitas pessoas. Ao mesmo tempo, alerta-nos contra um obstáculo que podemos encontrar no cumprimento desta missão: a rejeição. «O reino dos Céus pode comparar-se a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho. Mandou os servos chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram vir» (Mt 22, 2). Perante a primeira recusa, o Senhor pede aos seus servos que tenham paciência, que expliquem mais detalhadamente aos convidados a maravilha que os espera e o gosto que o Senhor tem que participem na sua festa (cf. Mt 22, 3-4); «Mas eles, sem fazerem caso, foram um para o seu campo e outro para o seu negócio; os outros apoderaram-se dos servos, trataram-nos mal e mataram-nos» (Mt 22, 5-6).

Nesta história, a tristeza do Senhor é notória perante a experiência da rejeição dos homens, uma rejeição que vai da indiferença fria à oposição violenta. Mas o Senhor não desanima no desejo de fazer felizes os seres humanos e pede-nos que também não desistamos: «Ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas todos os que encontrardes» (Mt 22, 9). Em vez de cancelar o banquete ou limitar-se a receber apenas os parentes ou amigos mais próximos, estende o convite a todos, sem exceção, porque «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2, 4). «Na barca da Igreja, deve haver lugar para todos: todos os batizados são chamados a subir para ela e lançar as redes, empenhando-se pessoalmente no anúncio do Evangelho. (...) A nós, como Igreja, cabe a tarefa de nos fazermos ao largo nas águas deste mar, lançando a rede do Evangelho, sem apontar, sem acusar ninguém, mas levando às

peças do nosso tempo uma proposta de vida, a de Jesus: levar o acolhimento do Evangelho, convidar para a festa»^[4].

ALGUNS convidados recusam o seu lugar no banquete porque já estão ocupados com outros assuntos; preferem satisfazer-se à sua maneira, com aquilo que lhes proporciona relativo bem-estar. Outro, pelo contrário, comparece ao banquete com claro desejo de ficar satisfeito, mas é rejeitado por não se ter apresentado com os trajes adequados; isto é, não está preparado para saborear o que o Senhor tinha preparado. «Sei viver na pobreza e sei viver na abundância. – diz S. Paulo na segunda leitura – Em todo o tempo e em todas as circunstâncias, tenho aprendido a ter fartura e a passar fome, a viver desafogadamente e a padecer necessidade» (Flp 4, 12). Se o apóstolo pode dizer isto, é porque fez a experiência de se deixar alimentar por Deus; por isso afirma que tudo pode naquele que o consola (cf. Flp 4, 13) e pode animar com certeza os Filipenses: «O meu Deus proverá com abundância a todas as vossas necessidades, segundo a sua riqueza e magnificência, em Cristo Jesus» (Flp 4, 19).

O céu será deixar-nos alimentar por Deus no banquete que Ele preparou para nós. Mas para desfrutá-lo é preciso aprender a saborear as coisas do Senhor, evitando os substitutos que atrofiam o nosso desejo. «Pensa quão grato é a Deus Nosso Senhor o incenso que se queima em sua honra; pensa também no pouco que valem as coisas da terra, que mal começam logo acabam... Pelo contrário, um grande Amor te espera no Céu: sem traições, sem enganos: todo o amor, toda a beleza, toda a grandeza, toda a ciência...! E sem enfiar: saciar-te-á sem saciar»^[5]. A Virgem Maria presidirá, juntamente com o seu Filho, o banquete final. Podemos pedir-lhe que nos ensine a saborear os alimentos que Deus nos dá e que nos sustente na nossa missão de atrair muitas outras almas para a festa do céu.

NOTAS

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 139

[3] Bento XVI, Homilia, 15/08/2010.

[4] Francisco, Homilia, 02/08/2023.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 995.

Segunda-feira da XXVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no segunda-feira da XXVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: em busca de um sinal; Cristo vive; alguns sinais que confirmam a nossa decisão.

Sumário

- Em busca de um sinal.
- Cristo vive.
- Alguns sinais que confirmam a nossa decisão.

MUITAS vezes não é fácil tomar uma decisão correta. Por isso, nalgumas ocasiões recorreremos à ajuda de alguém para fazermos uma escolha e recebermos um pouco de luz. Foi exatamente isso que alguns fariseus e escribas pediram a Jesus: um sinal de que Ele era o Messias esperado, para assim poderem segui-l'O. Cristo não satisfaz a sua curiosidade realizando nesse momento um prodígio, como talvez esperassem, mas compara-Se a um profeta que eles conheciam bem: «Assim como Jonas foi um sinal para os habitantes de Nínive, assim o será também o Filho do Homem para esta geração» (Lc 11, 30).

Jonas percorreu Nínive anunciando a sua destruição iminente, e os ninivitas responderam apelando ao jejum e à penitência. Deus, ao ver as suas boas ações, desistiu «do castigo com que os ameaçara e não o executou» (Jo 3, 10). Também Jesus espera dos israelitas uma conversão semelhante: abraçar a vida nova do Evangelho que Ele próprio proclama com as suas obras e palavras. Estes são, de facto, os sinais que aqueles fariseus e escribas procuravam, mas que eram incapazes de ver; com efeito, a sua dureza de coração impedi-los-á de aceitar a ressurreição de Cristo, o sinal na sua plenitude, embora soubessem pelos soldados romanos que assim tinha acontecido.

Dizia S. Josemaria que «já tudo se deu em Cristo, que morreu, e ressuscitou, e vive e permanece para sempre. Mas é preciso que nos unamos a Ele pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já *alter Christus*, mas *ipse Christus*, o próprio Cristo!»^[1]. Deste modo, poderemos ser o *sinal* que muitos procuram.

JESUS vive. Este é o sinal que também hoje ilumina as pessoas, e não apenas as que testemunharam o seu caminhar terreno. «Cristo não é uma figura que passou – comentava o fundador do Opus Dei –, que existiu em certo tempo e que se foi embora, deixando-nos uma recordação e um exemplo maravilhosos. Não: Cristo vive»^[2]. A sua vida manifesta-se na Igreja e, de modo especial, na Eucaristia. «A presença de Jesus vivo na Hóstia Santa é a garantia, a raiz e a consumação da sua presença no mundo»^[3].

Saber que Jesus está perto de nós enche-nos de consolação, também quando pensamos que as circunstâncias não são as melhores. Foi o que aconteceu aos discípulos de Emaús: embora pensassem que Jesus continuava morto, sentiram que o seu coração ardia quando Ele lhes falava no caminho (cf. Lc 24, 32). A companhia do Senhor foi mais forte do que a tristeza que os tinha invadido há vários dias.

«Ele entrou no túmulo do nosso pecado, chegou ao ponto mais distante onde andávamos perdidos, percorreu os passos emaranhados dos nossos medos, carregou o peso das nossas opressões e, dos abismos mais sombrios da nossa morte, despertou-nos para a vida e transformou o nosso luto em dança. (...) Com Jesus, o Ressuscitado, nenhuma noite é infinita; e mesmo na escuridão mais densa, nessa escuridão brilha a estrela da manhã»^[4]. Com a segurança de que Cristo continua vivo, neste tempo de oração podemos confiar-Lhe os nossos medos. Tal como aos discípulos de Emaús, Ele fará arder o nosso coração.

ALÉM da sua vida e da sua ressurreição, Jesus põe à nossa disposição uma série de sinais que podem confirmar-nos no nosso caminho para

vivermos junto d’Ele. Para isso, precisamos de um coração atento que reconheça a sua voz no meio dos acontecimentos diários. Um desses sinais pode ser o de uma alegria e de uma serenidade estáveis, que não desabam em função das circunstâncias. «Se fizeres um aprofundamento e depois tomares a decisão, e se isto te der uma paz que perdura no tempo, este é um bom sinal, pois indica que o caminho foi bom. Uma paz que traz harmonia, unidade, fervor, zelo. Sais do processo de aprofundamento melhor do que entraste»^[5].

Outro dos sinais pode ser o de saber que se atua por amor, por gratidão pelo bem recebido, e não tanto por medo ou obrigação. Como escreve o prelado do Opus Dei: «Saber que o Amor infinito de Deus está não só na origem da nossa existência, mas em cada instante, (...) enche-nos de segurança»^[6]. E isto confirma, além disso, que atuamos sempre livremente, pois «a liberdade adquire o seu autêntico sentido quando se exerce em serviço da verdade que resgata, quando se gasta na busca do Amor infinito de Deus que nos liberta de todas as servidões»^[7].

Nem sempre conseguiremos controlar tudo o que nos acontece e, por vezes, podemos ter dificuldade em reconhecer esses sinais de Jesus. A vida de Maria, como a dos santos, mostra-nos que quem põe a sua confiança em Deus pode «construir com Ele algo magnífico, algo eterno. (...) Avancemos, procurando sempre tomar decisões assim, com a oração, sentindo o que acontece no nosso coração e progredindo lentamente»^[8].

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 104.

[2] *Ibid.* n. 102.

[3] *Ibid.*

[4] Francisco, Homilia, 16/04/2022.

[5] Francisco, Audiência, 07/12/2022.

[6] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018.

[7] Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 27.

[8] Francisco, Audiência, 07/12/2022.

Terça-feira da XXVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: descobrir o bem do que fazemos; a castidade é uma afirmação gozosa; reorientar os nossos desejos.

Sumário

- Descobrir o bem do que fazemos.
- A castidade é uma afirmação gozosa.
- Reorientar os nossos desejos.

JESUS está na casa de um fariseu. Ao chegar à mesa, o anfitrião fica surpreso ao ver que o Senhor não se lavou antes da refeição. E o Mestre, sabendo para onde iam os seus pensamentos, diz-lhe: «Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! Quem fez o interior não fez também o exterior?» (Lc 11, 39-40).

O Senhor não condenou a prática da lavagem. O que pretendia transmitir era antes que, acima das aparências, o que realmente conta é o espírito com que se realizam as boas obras. «Dizia-lhes que eles só se importavam com as coisas externas e que desprezavam as coisas internas como se fossem alheias, porque não sabiam que o que se fazia com o corpo tinha que ser feito também com a alma»^[1].

Neste sentido, a santidade não consiste em incorporar cada vez mais boas obras na nossa vida. Para que sejam realmente boas, é necessário que sejam acompanhadas de uma interioridade que adere sinceramente a esse bem; ou seja, que desenvolvamos uma atitude que nos leva a refletir sobre as razões das nossas ações, para que as nossas ações tenham uma raiz saudável e também tendam para um bem valioso, embora aparentemente o resultado não seja claro ao princípio. Por exemplo, lutar para não se aborrecer para evitar problemas e para que ninguém perturbe a nossa paz

pode-nos mover até certo ponto e pode ter uma origem parcialmente egoísta. Por outro lado, se o que nos move é o desejo de sermos pessoas que reagem com serenidade para preservar a caridade e a unidade de um grupo, estaremos entusiasmados para lutar no dia a dia, mesmo que às vezes pareçamos um pouco mal-humorados, melindrosos ou ressentidos. Com o tempo e a graça de Deus, o nosso esforço para sermos sinceramente mansos dará lugar a novos ideais, como chegar a uma idade avançada sendo pessoas encantadoras, que transmitem alegria e compreensão.

S. JOSEMARIA considerava a virtude da castidade como uma «alegre afirmação»^[2]. Esta abordagem contrasta com a daqueles que colocam uma ênfase excessiva no não, como se a virtude consistisse simplesmente em não fazer, não pensar ou não olhar. Mais uma vez, a boa ação requer uma boa terra para criar raízes: é preciso um bom desejo, uma nobre intenção para impulsioná-la. A castidade é, portanto, um sim ao amor, porque é o amor que a torna valiosa e lhe dá sentido. Naturalmente, é preciso dizer não a certos atos ou atitudes contrárias ao amor e que toda a pessoa sensata percebe precisamente como negações do amor. Mas, apesar de exigir alguns não, a castidade é uma realidade eminentemente positiva.

Nesta luta, como acontece com qualquer outra virtude, às vezes será necessário agir contra a inclinação, e então talvez os não estejam mais presentes. Contudo, a experiência cristã mostra a importância de recordar que este não é o objetivo; é apenas um passo que, se não for seguido por outros, apenas formará a capacidade de parar, de reprimir a nossa vontade. Ordenar a tendência à beleza e ao prazer significa integrar a castidade no bem da pessoa: conhecer os próprios desejos, purificá-los e integrá-los até conferir unidade à nossa vida, para que os desejos e, em geral, a nossa sensibilidade, sejam progressivamente coerentes com a nossa identidade e a reforcem. Um coração impuro é um coração fragmentado, sem rumo; por outro lado, um coração puro é um coração que aprendeu progressivamente a unificar, a dar uma direção harmoniosa às diferentes dimensões da vida.

Por isso, o fundador do Opus Dei gostava de considerar os frutos de uma vida temperada, que não está presa a coisas que brilham, mas que não têm valor. «Esse homem sabe prescindir do que prejudica a sua alma e

apercebe-se de que o sacrifício é só aparente: porque ao viver assim – com sacrifício – livra-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus. A vida ganha então as perspectivas que a intemperança esbate; ficamos em condições de nos preocuparmos com os outros, de compartilhar com todos o que nos pertence, de nos dedicarmos a tarefas grandes»^[3].

ÀS VEZES podemos perceber na nossa vida alguns afetos que são contrários à nossa identidade. Perceber essa realidade é o primeiro passo para reorientar os nossos desejos para aquilo que nos faz verdadeiramente felizes. Ignorar ou desprezar esta informação valiosa que as paixões e os sentimentos nos oferecem pode acabar por produzir a divisão de que fala o Senhor: um copo perfeitamente limpo por fora, mas sujo por dentro; muitas boas obras, mas um coração que talvez não aproveite plenamente a vida que leva. Às vezes, a purificação que Jesus nos pede não será tanto corrigir um determinado comportamento externo, mas sim redirecionar os desejos latentes que estão nos nossos corações; desejos que se podem manifestar em ilusões que não condizem com a nossa identidade ou em pequenas aspirações frustradas que não acabamos de deixar nas mãos do Senhor e enfrentá-las com Ele.

«Isto deve-se ao facto de Deus nos ter feito assim: empapados de desejo. (...) Podemos dizer, sem exagerar, que nós somos aquilo que desejamos. Porque são os desejos que ampliam o nosso olhar e impelem a vida mais além: além das barreiras do hábito, além duma vida limitada ao consumo, além duma fé repetitiva e cansada, além do medo de arriscar, de nos empenharmos pelos outros e pelo bem»^[4]. Purificar os nossos desejos leva-nos a desfrutar cada vez mais da realidade tal como ela é, pois encontramos nos diferentes momentos do dia uma oportunidade de concretizar o ideal que alimenta a nossa existência. Aprendemos a saborear a felicidade valiosa que cada dia nos oferece, sem vias de escape e sem tensões entre o exterior e o interior: tanto as ações como as aspirações do nosso coração podem ser coerentes com a nossa vocação. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a ter um maior conhecimento dos nossos afetos, para que possamos dirigi-los ao Amor que sustenta as nossas vidas.

NOTAS

[1] Hegemonio, *Acta disputationis Archelai episcopi Mesopotamiae et Manetis haeresiarchae* 21.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 5.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[4] Francisco, Homilia, 06/01/2022.

Quinta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: humildade, o caminho que nos leva a Deus; o exame de consciência: reconhecer a voz do Senhor; valentia para olhar para o nosso coração.

Sumário

- Humildade, o caminho que nos leva a Deus.
- O exame de consciência: reconhecer a voz do Senhor.
- Valentia para olhar para o nosso coração.

TANTO LUCAS como Mateus registam nos seus evangelhos o famoso discurso dos “ais”, no qual o Senhor repreende os escribas e fariseus pela incoerência das suas vidas. O Mestre acusa-os duramente porque estavam mais preocupados com as aparências do que em viver segundo a verdade. «Ai de vós, também, doutores da Lei, porque carregais os homens com fardos insuportáveis e nem sequer com um dedo tocais nesses fardos! Ai de vós, que edificais os túmulos dos profetas, quando os vossos pais é que os mataram! (...) Ai de vós, doutores da Lei, porque vos apoderastes da chave da ciência» (Lc 11, 46-47.52).

Longe de abrandar os seus corações, as palavras que ouvem dos lábios de Jesus Cristo levam-nos «a pressioná-l’O fortemente» (Lc 11, 53). Na verdade, o Senhor falou severamente com eles. Porém, se tivessem olhado para dentro de si com um pouco de coragem e sinceridade, teriam percebido que as acusações de Jesus eram justas. A humildade, por outro lado, permite-nos aceitar a correção e caminhar rumo à conversão que o Senhor nos pede. Esse é «o caminho que nos conduz a Deus e, ao mesmo tempo, precisamente porque nos conduz a Ele, leva-nos também ao essencial da vida, ao seu verdadeiro significado, à razão mais fiável pela qual vale a pena viver a vida. Só a humildade nos abre à experiência da verdade, da alegria genuína, do conhecimento que conta. Sem humildade, estamos

desligados (...) da compreensão de Deus, da compreensão de nós mesmos»^[1].

Noutras passagens do Evangelho vemos como Jesus se comove com a simplicidade das crianças que se aproximam d'Ele e que ainda não aprenderam a mentir; com a fraqueza dos leprosos que pedem a cura sem se deixarem atar pelo que vão dizer; a honestidade de quem pergunta porque quer saber a verdade. O Mestre aprecia autenticidade e honestidade. Por isso, noutra ocasião, pregará: «Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não. Tudo o que for além disto procede do espírito do mal» (Mt 5, 37).

A INCLINAÇÃO dos fariseus e escribas para se justificarem é tão antiga quanto o próprio homem. Quando Deus se surpreende ao ver o fato de folhas que Adão vestiu e lhe pergunta se ele comeu do fruto da árvore, o primeiro homem desculpa-se: «Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi» (Gn 3, 12). A sua reação é culpar Eva, para tranquilizar a sua consciência sobre o que acabara de acontecer.

D. Javier Echevarría conta que S. Josemaria: «sempre lutou contra todo o tipo de desculpas que atrapalham o cumprimento do dever, mesmo que não representem ofensa grave ao Senhor. (...) O amor demonstra-se nesses detalhes. Por isso rejeitava radicalmente cinco argumentos, que não hesitou em qualificar de diabólicos: é que, pensei que, acreditei que, amanhã, depois»^[2]. O desejo de ter um coração atento e vigilante leva a ouvir a voz de Deus em todas essas pequenas lutas.

O exame de consciência é um meio que nos ajuda a conhecermo-nos melhor e a reconhecer os chamamentos que Deus nos dirige todos os dias. Se às vezes percebemos que não soubemos retribuir, nesse momento podemos pedir ao Senhor a graça de recomeçar no dia seguinte. Como dizia S. Josemaria: «A nossa vida – a dos cristãos – tem de ser assim tão vulgar como isto: procurar fazer bem, todos os dias, as mesmas coisas que temos obrigação de viver; realizar no mundo a nossa missão divina, cumprindo o pequeno dever de cada instante. Melhor: esforçando-nos por cumpri-lo, porque às vezes não o conseguimos e, ao vir a noite, no exame, teremos que

dizer a Nosso Senhor: – Não te ofereço virtudes; hoje só posso oferecer-te defeitos, mas – com a tua graça – chegarei a chamar-me vencedor»^[3].

A CHAMADA e o seguimento de Cristo estão intimamente ligados à necessidade de nos examinarmos no amor de Deus. Na oração precisamos de enfrentar as nossas fragilidades, sem medo, através de um exame de consciência sincero, que nos permite dar nome e apelido ao que nos acontece. O Beato Álvaro, numa das suas primeiras cartas pastorais, aconselhava a «fazer com consciência o exame de consciência»^[4]. Ou seja, animava os seus filhos a terem coragem de olhar para dentro do coração, indo até ao fundo, para encontrar as causas das debilidades.

Este esforço para nos conhecermos melhor pode ajudar-nos a crescer na liberdade, porque assim descobrimos o olhar e a ação contínua do Senhor na nossa existência, que nos impulsiona a viver autenticamente. Pelo contrário, «O esquecimento da presença de Deus na nossa vida anda de mãos dadas com a ignorância sobre nós mesmos – ignorar Deus e ignorar-nos – ignorância sobre as características da nossa personalidade e sobre os nossos desejos mais profundos»^[5]. Neste exame podemos reavivar os ideais que queremos que nos movam e pedir a Deus a sua graça para nos ajudar a viver de acordo com a nossa vocação. Desta forma poderemos acompanhar de perto o Senhor, sem cair na armadilha daquilo que nos separa d'Ele. Quando Jesus chamou os primeiros apóstolos, eles, «*statim*», imediatamente, «*relictis omnibus*», abandonando todas as coisas, tudo! seguiram-no... E acontece algumas vezes que nós, que desejamos imitá-los, não acabamos por abandonar tudo e fica-nos um apego no coração, um erro na nossa vida, que não queremos cortar para o oferecer ao Senhor. – Examina o teu coração bem a fundo? Não há de ficar lá nada que não seja dele; se não, não o amamos bem, nem tu nem eu...»^[6].

A Virgem Maria soube dirigir os seus afetos para a missão que o anjo lhe tinha anunciado: ser Mãe de Deus. Daquele dia em diante, toda a sua vida, até os mínimos detalhes, giraria em torno dessa vocação. Ela pode ajudar-nos a que todo o nosso dia seja também expressão do amor que temos pelo seu Filho, e que se estende às pessoas que nos rodeiam.

NOTAS

- [1] Francisco, Audiência, 22/12/2021.
- [2] Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria*.
- [3] S. Josemaria, *Forja*, n. 616.
- [4] Bto. Álvaro del Portillo, *Carta* 08/12/1976, n. 8.
- [5] Francisco, Audiência, 05/10/2022.
- [6] S. Josemaria, *Forja*, n. 356

Sexta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: testemunhar a verdade com as obras; a sinceridade no acompanhamento espiritual; os fundamentos da vida espiritual.

Sumário

- Testemunhar a verdade com as obras.
- A sinceridade no acompanhamento espiritual.
- Os fundamentos da vida espiritual.

NUMA DAQUELAS pregações em que milhares de pessoas se aglomeravam à volta de Jesus, o Senhor, advertiu os Seus discípulos: «Cuidado com o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia» (Lc 12, 1). Os fariseus eram, de facto, como “sepulcros caiados”, que parecem bonitos por fora, mas por dentro só contêm morte. Pelo seu comportamento, escondiam a verdade ou camuflavam-na com dupla intenção. As suas ações estavam contaminadas pelo orgulho, pois estavam mais preocupados em impressionar os outros do que em servi-los.

Depois de os ter advertido contra o perigo da hipocrisia e da astúcia, o Mestre convidou os seus discípulos a viverem continuamente na verdade: «Não há nada escondido que não venha a ser descoberto e oculto que não venha a ser conhecido. Pois o que dissestes às escuras será ouvido à luz, e o que falastes ao ouvido, será proclamado dos telhados» (Lc 12, 2-3). Jesus, que Se autodenomina «o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 12, 3), mostra-nos o verdadeiro caminho para chegar ao Reino de Deus: abraçar a verdade é o caminho para encontrar o amor, é o caminho através do qual nos encaminhamos para a verdadeira liberdade. Sem verdade não há caminho, não há vida. Ao contrário, ao procurarmos a verdade, encontramos a fé e o amor, porque, definitivamente, a verdade é uma pessoa: o próprio Jesus Cristo.

Vivendo como filhos de Deus, manifestando o Seu amor aos outros, damos testemunho da verdade que Jesus encarnou. «Perguntemo-nos: que verdade testemunham as nossas obras como cristãos, as nossas palavras, as nossas escolhas? (...) Nós, cristãos, não somos homens e mulheres excepcionais. Mas somos filhos do Pai celeste, que é bom e não nos desilude e que tem no seu coração o amor pelos nossos irmãos. Esta verdade não é apenas uma palavra, é um modo de ser, um modo de viver, e vê-se em cada ato»^[1].

QUANDO se perguntava a S. Josemaria qual era a sua virtude humana preferida, a resposta era sempre a mesma: a sinceridade. Nos seus escritos abundam as referências a esta virtude que ele coloca no centro do desenvolvimento espiritual de um cristão que quer seguir Cristo no meio do mundo. Assim, por exemplo, escreve: «Pediste-me uma sugestão para vencer as vossas batalhas quotidianas, e eu respondi-vos: ao abrir a vossa alma, disse antes de mais o que não gostaríeis que se soubesse. Desta forma, o demónio é sempre derrotado. – Abre a tua alma com clareza e com simplicidade, de par em par, para que entre – até ao último canto – o sol do Amor de Deus!»^[2].

No Evangelho, encontramos muitas pessoas que, depois de confiarem a Jesus os seus medos e fragilidades, encontraram um novo impulso na sua própria vida. No acompanhamento espiritual, temos um irmão que, caminhando ao nosso lado, nos ajuda a conhecermo-nos melhor, procurando dar-nos alguma luz sobre as coisas que nos acontecem, para que possamos descobrir o que o Senhor nos quer dizer.

Na direção espiritual, a honestidade não se limita a contar as coisas que correram mal. Essa abertura de alma também está relacionada com a manifestação dos nossos afetos e desejos mais profundos. Para isso, antes de tudo, é necessário ser sincero consigo mesmo. Descobrir esta dimensão interior das realidades que nos alegram e nos entristecem dá-nos um conhecimento valioso, porque nos indica onde está o nosso coração. E isso «exige a capacidade de parar, de “desligar o piloto automático”, para tomarmos consciência da forma como fazemos as coisas, dos sentimentos

que nos habitam, dos pensamentos recorrentes que nos condicionam, muitas vezes sem nos apercebermos»^[3].

A SINCERIDADE de vida é compatível com os erros e as falhas, pois leva-nos a não os esconder e a esforçarmo-nos por os retificar. Esta simplicidade tinha para S. Josemaria uma profunda raiz evangélica: «Olha: os apóstolos, com todas as suas evidentes e inegáveis misérias, eram sinceros, simples..., também vós tendes misérias evidentes e inegáveis. – Oxalá não vos falte a simplicidade»^[4].

O fundador do Opus Dei dedicou uma das suas Cartas a falar da humildade na vida espiritual. Nela encorajava os seus filhos a reconhecerem que tinham pés de barro e a não terem medo das fraquezas que pudessem experimentar. «Não nos enganemos a nós próprios: teremos misérias. Quando formos velhos, também: as mesmas más inclinações que tínhamos aos vinte anos. E a luta ascética será igualmente necessária, e teremos de pedir ao Senhor que nos dê humildade. É uma luta constante. *Militia est vita hominis super terram*. Mas a paz está justamente na guerra; a paz é consequência da vitória!»^[5].

Acrescentou, também, onde podemos encontrar os fundamentos para a nossa luta pela santidade. «Para nós, a rocha é esta: piedade, filiação divina, abandono nas mãos de Deus, sinceridade e manter a cabeça na realidade constante da vida quotidiana: “Amo-te, Senhor, minha fortaleza. O Senhor é a minha rocha, o meu refúgio e o meu libertador” (Sl 18, 2-3)»^[6]. Ao sentirmo-nos filhos, sabemos que Deus está sempre connosco e que está atento às nossas necessidades. E a seu lado está a nossa Mãe, a quem podemos pedir ajuda para viver com a segurança de filhos amados.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 14/11/ 2018.

[2] S. Josemaria, *Forja*, n. 126.

[3] Francisco, Audiência, 05/10/2022.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 932.

[5] S. Josemaria, Carta 2, n. 10.

[6] *Ibid.*, n. 7.

Sábado da XXVIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXVIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o testemunho que fortalece o nosso amor a Cristo; quando surge a incompreensão; confiança no Espírito Santo.

Sumário

- O testemunho que fortalece o nosso amor a Cristo.
- Quando surge a incompreensão.
- Confiança no Espírito Santo.

FALAR em público acerca do afeto que se tem a uma pessoa não é somente uma manifestação exterior desse carinho, mas também o aprofunda. Quando, por exemplo, uma relação se torna pública tendo em vista um possível casamento, isso significa que o amor entre essas duas pessoas começou a fazer parte da própria identidade. É como se se quisesse dizer: «Se me conheces, conhecerás necessariamente a pessoa que amo». Ou, dito de outra forma: «Não me podes conhecer verdadeiramente se não conheces a pessoa que mudou a minha vida».

S. Josemaria ensinou sempre que o apostolado é uma «superabundância da vida interior»^[1]. Se Jesus é a pessoa mais importante da nossa vida, é lógico que O demos a conhecer de forma natural entre os nossos familiares e amigos. Contudo, também se poderia dizer algo semelhante, mas ao invés: a vida interior aprofunda-se através dos nossos esforços apostólicos. Na medida em que *tornamos pública* a nossa relação pessoal com Cristo, cresce também o nosso amor por Ele e, portanto, a nossa vida interior torna-se mais madura. Por isso, Jesus diz-nos: «Todo aquele que der testemunho de Mim diante dos homens, também o Filho do Homem dará testemunho dele diante dos anjos de Deus» (Lc 12, 8). A linguagem judicial que o Senhor utiliza expressa esta ideia: se atuarmos sempre como testemunhas do seu amor, também Ele não hesitará em dar testemunho de nós. Porque

quando o amor se manifesta exteriormente, reforça-se a relação e um está sempre pronto a interceder pelo outro.

Por isso, como pregava o fundador do Opus Dei, uma vida de santidade traduz-se no desejo de dar a conhecer Cristo às pessoas que nos rodeiam: «Agradece ao Senhor a contínua delicadeza, paternal e maternal, com que te trata. Tu, que sempre sonhaste com grandes aventuras, comprometeste-te numa aventura maravilhosa..., que te leva à santidade. Insisto: agradece-o a Deus, com uma vida de apostolado»^[2].

SER TESTEMUNHAS de Cristo na vida pública é uma vocação que nos enche de felicidade. Essa realidade pode estar acompanhada de momentos realmente complicados para a nossa vida, sobretudo quando as pessoas que nos rodeiam podem fazer-nos questionar a nossa própria identidade, ao termos – em parte – estilos de vida um pouco diferentes. S. Josemaria referia-se a esta inquietação que lhe manifestava um estudante, quando escrevia: «‘E, num ambiente paganizado ou pagão, quando esse ambiente chocar com a minha vida, não parecerá postiça a minha naturalidade?’, perguntas-me. – E respondo-te: sem dúvida, a tua vida chocará com a deles. E esse contraste, porque confirma com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que te peço»^[3].

Como é lógico, com o apostolado não se procura semear a divisão. Não podemos esquecer que a verdade da nossa religião se baseia no amor de uma pessoa: Jesus Cristo. Mas também sabemos que o nosso testemunho cristão pode, por vezes, suscitar certas incompreensões entre os que nos rodeiam, pois o seguimento de Cristo é o seguimento de uma pessoa que não deixa ninguém indiferente e que, portanto, também para nós não está isento de inconvenientes. Por isso, quando vivemos autenticamente a nossa vocação apostólica, exprimimos de forma clara que Jesus Cristo tem prioridade nas nossas vidas, especialmente quando o nosso apostolado implica correr alguns riscos. Às vezes, por exemplo, certos comportamentos ou opiniões sobre assuntos morais que resultam de crer em Cristo podem suscitar a crítica ou a troça por parte de outras pessoas, ou podem dificultar-nos tomar uma decisão, e isso pode levar-nos a sentir uma certa solidão, como se ninguém nos compreendesse. Precisamente nesses momentos é

animador recordar a promessa de Jesus: «Todo aquele que der testemunho de Mim diante dos homens, também o Filho do Homem dará testemunho dele diante dos anjos de Deus» (Lc 12, 8). Nunca estamos sós quando somos testemunhas de Cristo. N'Ele podemos encontrar o afeto de que às vezes sentimos falta num ambiente que não nos compreende.

Nesses momentos de maior dificuldade, S. Josemaria convida-nos a não nos esquecermos da nossa filiação divina: «Convence-te de que, se quiseres – como Deus te ouve, te ama, te promete a glória –, tu, protegido pela mão onnipotente do teu Pai do Céu, podes ser uma pessoa cheia de fortaleza, disposta a dar testemunho em toda a parte da sua amável doutrina verdadeira»^[4].

«QUANDO vos levarem às sinagogas, ante os magistrados e autoridades, não vos preocupeis com o modo como respondereis ou com o que direis, porque o Espírito Santo vos ensinará, naquele momento, o que deveis dizer» (Lc 12, 11-12). Estas palavras de Jesus dão-nos uma grande confiança para aqueles momentos em que dar testemunho da nossa fé pode ser mais difícil. Obviamente, isto não invalida a necessidade de meditar sobre as palavras que queremos utilizar, ou de nos perguntarmos sobre o que os nossos ouvintes são capazes de compreender. No entanto, fazemos tudo isso com a convicção de que é o Espírito Santo que guia as nossas palavras.

A ação do Espírito Santo não consiste numa espécie de magia, como se nalguns momentos perdêssemos o controlo das nossas palavras e, de repente, nos puséssemos a falar contra a nossa vontade. O Espírito Santo é o amor entre o Pai e o Filho. Por isso, na medida em que procuramos intimar continuamente com o Paráclito, habitualmente seremos capazes também de conhecer o que Jesus tem no Seu coração e poderemos comunicá-lo a todos os que nos rodeiam. O amor une sempre os corações dos que se amam, de tal modo que se podem intuir os pensamentos e sentimentos do outro. O Espírito Santo ajuda-nos a ser verdadeiros representantes de Cristo no nosso falar e atuar, porque conhecemos os movimentos interiores do seu coração misericordioso.

«Peçamos ao Senhor que nos dê esta consciência de que não podemos ser cristãos sem caminhar com o Espírito Santo, sem atuar com o Espírito Santo, sem deixar que o Espírito Santo seja o protagonista da nossa vida»^[5]. Nenhuma criatura seguiu com tanta fidelidade este itinerário espiritual como a Virgem Maria. Podemos pedir-lhe que nos dê um grande amor apostólico pelo seu Filho, que se fortalece na familiaridade com o Espírito Santo.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 184.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 380.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 463.

[5] Francisco, Homilia, 30/04/2019.

XXIX domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXIX domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: uma pergunta aparentemente sem saída; a César o que é de César; a Deus o que é de Deus.*

Sumário

- Uma pergunta aparentemente sem saída.
- A César o que é de César.
- A Deus o que é de Deus.

OS CHEFES do povo de Israel andam há vários dias a tentar descobrir alguma incoerência nas palavras de Jesus. Desta vez, fazem-lhe uma pergunta que, segundo eles, exigia tomar partido de forma radical: «É lícito ou não pagar o imposto a César?» (Mt 22, 17). Vale a pena recordar que para o povo judeu não era nada cómodo ser parte do império romano; não só por razões políticas, mas também religiosas, pois o culto que se dava ao imperador era uma afronta ao Deus de Israel. Por isso, põem o Senhor perante esta questão que, aparentemente, não tem escapatória: se afirmar que é lícito, é considerado traidor entre os do seu próprio povo; se declarar que não é, podem então acusá-lo de rebelião perante as autoridades romanas.

Com a sua resposta, Jesus situa-se acima da polémica: «Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Mt 22, 21). Por um lado, recorda as obrigações de todo o cidadão perante o Estado: admite que se deve pagar o tributo, visto que a imagem que aparece na moeda é a de César. No entanto, aponta também a responsabilidade de todo o homem perante Deus, pois no nosso coração e na nossa alma está impressa a imagem divina. O dilema que os chefes de Israel pretendem apresentar é, portanto, só aparente.

S. Josemaria, neste mesmo sentido, recordava com frequência que «não há, não existe nenhuma contradição entre servir a Deus e servir os outros; entre o exercício dos nossos direitos e deveres cívicos, e os religiosos; entre o empenho por construir e melhorar a cidade temporal e a convicção de que passamos por este mundo como por um caminho que nos leva à pátria celeste»^[1]. Na realidade, o que sucede é o contrário: os dois âmbitos, vividos de maneira ordenada, alimentam-se mutuamente. Dar glória a Deus levar-nos-á a cuidar do mundo que saiu das Suas mãos e que nos deu como herança; ao mesmo tempo, ao trabalhar por um mundo mais justo, lado a lado com os outros cidadãos, é aí que nos podemos unir ao trabalho de Deus.

«A CÉSAR o que é de César». S. Josemaria repetia com frequência que nós, cristãos, trabalhamos neste mundo com os pés na terra e a cabeça no céu. Neste sentido, indicava aos seus filhos que «qualquer forma de evasão das honestas realidades diárias é, para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus»^[2]. Nos deveres e nas obrigações para com a sociedade, o cristão encontra o seu caminho de santidade; estamos chamados a contribuir com o nosso trabalho para que o mundo seja um lugar melhor, a vivificar com a luz de Cristo todos os ambientes e profissões da terra.

«Tudo é vosso. Mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (1Cor 3, 22-23), dizia S. Paulo. «Perante esta realidade – escreveu o prelado do Opus Dei – alegramo-nos com as alegrias dos outros, desfrutamos de todas as coisas boas que nos rodeiam e sentimo-nos interpelados pelos desafios do nosso tempo»^[3]. Muitas pessoas, devido às situações de guerra e de pobreza em diversos lugares, atravessam momentos de sofrimento e de grande necessidade. As palavras de S. Paulo são um convite a tornar nossos os desafios do mundo, começando pelos que temos mais à mão: uma situação familiar dolorosa, um conflito laboral, a fadiga causada pelo alentar outros num projeto encalhado, ou outras tantas situações que fazem parte do nosso horizonte imediato.

Todos podemos contribuir para aliviar os problemas do nosso tempo e do nosso meio. Pela comunhão dos santos, sabemos que podemos apoiar-

nos mutuamente através da oração e dos sacramentos. Além disso, com os nossos próprios talentos podemos passar à ação e melhorar, na medida das nossas possibilidades, a vida das pessoas necessitadas que passam ao nosso lado. «No meio de crises e tempestades, o Senhor interpela-nos e convida-nos a despertar e a ativar esta solidariedade capaz de conferir solidez, apoio e um sentido a estas horas em que tudo parece naufragar. A criatividade do Espírito Santo nos encoraje a gerar novas formas de hospitalidade familiar, fraternidade fecunda e solidariedade universal»^[4].

«A DEUS o que é de Deus». Depois de recordar a licitude de pagar o tributo a César, Jesus sublinha uma realidade muito mais profunda: somos de Deus. As relações que estabelecemos numa sociedade são importantes, fazem parte da nossa personalidade e das alegrias e afãs da vida. Mas o Senhor recorda que, mais profundamente, fomos criados à imagem divina. «Se nas moedas romanas estava impressa a efigie de César e por isso lhe deviam ser dadas, contudo no coração do homem está gravada a marca do Senhor, o único Senhor da nossa vida. Portanto, a autêntica laicidade não consiste em prescindir da dimensão espiritual, mas em reconhecer que precisamente ela, de forma radical, é garantia da nossa liberdade e da autonomia das realidades terrenas, graças aos preceitos da Sabedoria criadora que a consciência humana sabe acolher e pôr em prática»^[5].

Foi Deus que nos deu tudo o que somos. Por isso, podemos viver o nosso dia a dia «no reconhecimento desta nossa pertença fundamental e na gratidão do coração ao nosso Pai, que cria cada um de nós singularmente, irrepetível, mas sempre segundo a imagem do seu amado Filho»^[6]. Saber-nos dependentes de Deus não nos torna menos humanos, nem debilita as nossas relações; antes, sim, nos manifesta outra realidade: ao sabermos-nos filhos queridíssimos do Criador, descobrimos a nossa mais alta dignidade, o que nos leva a compreender-nos como irmãos. Aliás, nós, cristãos, ao comprometer-nos com as realidades terrenas, estamos a restituir a Deus o que Lhe pertence: assim podemos olhar para o futuro sempre com esperança e responder com empenho aos desafios do nosso tempo. Podemos pedir à Virgem Maria que, com a ajuda de Deus, façamos do mundo um lugar melhor, tal como ela o fez na sua casa e em Nazaré.

NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 165.
- [2] S. Josemaria, *Amar o mundo apaixonadamente*.
- [3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 19/03/2022, n. 7.
- [4] Francisco, Audiência, 02/09/2020.
- [5] Bento XVI, Audiência, 17/09/2008.
- [6] Francisco, Angelus, 22/10/2017.

Segunda-feira da XXIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a oração responsabiliza cada um; o rico insensato; perceber os bens imateriais.

Sumário

- A oração responsabiliza cada um.
- O rico insensato.
- Perceber os bens imateriais.

O MODO de ser caloroso e acessível de Jesus permite que os que o rodeiam confiem rapidamente nele. É fácil aproximar-se do Mestre e apresentar-lhe, sem demasiados rodeios, qualquer dificuldade. Muitos vêm ter com o Senhor com grandes perguntas; outros, pelo contrário, apresentam-lhe problemas mais quotidianos para obter orientação ou consolação. Em todo o caso, o Filho de Deus atende a cada pedido com o desejo de iluminar essa pessoa necessitada.

S. Lucas fala-nos de um pedido que alguém dirigiu ao Senhor de forma direta e confiante: «Mestre, diz ao meu irmão que reparta comigo a herança» (Lc 12, 13). Do ponto de vista humano, a súplica deste homem pode ser compreensível. Não conhecemos os pormenores do litígio, nem sabemos qual das partes tinha mais razão; o facto é que esta pessoa se encontra numa situação complicada, que a está a oprimir, e procura em Deus uma solução. E Jesus responde: «Quem me constituiu juiz ou árbitro entre vós?» (Lc 12, 14).

Com a sua resposta, o Senhor não procura desligar-se das nossas preocupações. Pelo contrário, aponta-nos a origem da resolução dos problemas e a forma de estabelecer nas nossas casas – com a nossa liberdade – o reino de Deus. Jesus vem libertar-nos dos nossos pecados e dar-nos a sua graça; e, ao mesmo tempo, parece deixar nas nossas mãos a

orientação de muitos aspetos da nossa vida, como vemos noutras ocasiões: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (Lc 20, 25). Deste modo, mostra-nos que «a oração não é um calmante para aliviar as angústias da vida; ou, em todo o caso, uma oração deste género não é seguramente cristã. Pelo contrário, a oração responsabiliza cada um de nós»^[1].

JESUS aproveita o apelo desta pessoa para convidar os que o ouvem a viverem desapegados dos bens materiais: «Vigiai e guardai-vos de toda a avareza; porque, mesmo que um homem tenha muitos bens, a sua vida não depende do que possui» (Lc 12, 15). E depois o Senhor conta uma parábola em que a personagem principal é um rico proprietário de terras que lhe davam grandes colheitas. Este proprietário decide armazenar todos os cereais colhidos em celeiros novos, para poder viver confortavelmente. Mas Deus faz-lhe ver que deixará este mundo nessa mesma noite, e fá-lo refletir sobre a insensatez da preocupação excessiva com os bens terrenos, negligenciando os bens que valem a pena. O destino daquela pessoa teria sido bem diferente se ela se tivesse lembrado de que todos aqueles meios eram na verdade uma oportunidade para amar a Deus. «Honra o Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua colheita. Assim se encherão de abundância os vossos celeiros, e os vossos lagares transbordarão de vinho novo» (Pr 3, 9-10).

O Senhor não censura a posse de riquezas, nem a preocupação prudente com as situações terrenas. Mas Jesus não quer que o nosso coração fique preso a esses bens, pois eles só nos podem dar uma alegria relativa e superficial. Assim dizia S. Josemaria: «Quando alguém concentra a sua felicidade exclusivamente nas coisas daqui de baixo – tenho assistido a verdadeiras tragédias –, perverte o seu uso razoável e destrói a ordem sabiamente disposta pelo Criador. O coração fica então triste e insatisfeito; vagueia por caminhos de um eterno descontentamento»^[2]. Em contrapartida, o desapego permite-nos levantar os olhos e distanciarmo-nos do que nos parece indispensável. Deste modo, podemos ver, sobretudo, os dons que o Senhor preparou para nós: «Portanto, se, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Procurai as coisas do alto e não as da terra» (Cl 3,1-2).

O DESPRENDIMENTO cria em nós a capacidade de descobrir os bens que valem a pena. Foi isso que Abraão apreciou e que S. Paulo constatou na sua Carta aos Romanos: «Perante a promessa de Deus, não vacilou na incredulidade, mas foi fortalecido pela fé, dando glória a Deus, plenamente convencido de que Ele é poderoso para cumprir o que prometeu» (Rm 4, 20-21). Não há nada mais imaterial e menos imediato do que uma promessa. Mas foi isso que Deus deu a Abraão. Não lhe deu uma terra, nem uma descendência, nem uma grande riqueza, mas uma promessa. O património de Abraão é quase puramente imaterial e, ao mesmo tempo, não se pode pensar numa riqueza maior: para além do facto de o Senhor ter cuidado de Abraão durante toda a sua vida e se ter tornado muito próximo da sua família, ao longo dos séculos, essa terra e essa descendência serão uma realidade que ultrapassará de longe qualquer possibilidade da imaginação.

O desapego dá-nos a possibilidade de perceber os bens imateriais com que Deus nos quer tornar verdadeiramente ricos, como fez com Abraão e como fez com tantos santos. São dons que não temos de esperar pelo céu para usufruir, mas que muitas vezes já podemos saborear tanto no dia de hoje da nossa vida como nos meses ou anos vindouros: a proximidade que Deus nos oferece nos sacramentos, o amor que a nossa família e os nossos amigos nos dão, a alegria que experimentamos quando servimos os outros, a satisfação que sentimos por um trabalho bem feito que santificámos... Em tudo podemos descobrir o modo discreto como a providência de Deus tende a abençoar-nos. «Gostaria de gravar a fogo nas vossas mentes – disse S. Josemaria – que temos todas as razões para caminhar com otimismo sobre esta terra, com a alma bem despojada das coisas que parecem indispensáveis, porque o vosso Pai sabe muito bem o que vos faz falta! E Ele providenciará. Acreditem que só assim nos comportaremos como senhores da Criação»^[3]. A Virgem Maria, que colocou a sua felicidade na promessa de ser a Mãe de Deus, poderá ajudar-nos a descobrir as verdadeiras riquezas que o Senhor nos reserva.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 21/10/2020.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 118.

[3] *Ibid.*, n. 116.

Terça-feira da XXIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um coração vigilante; o centro das nossas esperanças; fazer com amor a rotina diária.

Sumário

- Um coração vigilante.
- O centro das nossas esperanças.
- Fazer com amor a rotina diária.

EM CERTA OCASIÃO, Jesus dirigiu esta advertência aos Seus discípulos: «Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas» (Lc 12, 35). As vestimentas largas que os judeus costumavam usar eram justas na cintura quando viajavam ou faziam determinados trabalhos. As palavras de Jesus são, portanto, um convite a estar disponível para realizar uma tarefa ou a preparar-se para mudar para outro lugar. Neste mesmo sentido, aqueles que aguardavam a chegada de um visitante tinham as suas lâmpadas acesas, ou mantinham-se vigilantes e atentos por algum motivo importante.

Com estes exemplos, tirados da vida quotidiana, o Senhor exortava os seus discípulos a serem vigilantes. Por um lado, refere-se à disposição dos cristãos que aguardam a vinda final de Jesus; por outro, também pode ser entendido «como a atitude comum a ter na conduta de vida, de tal modo que as nossas boas escolhas, feitas às vezes depois de um discernimento exigente, possam continuar de maneira perseverante e coerente e dar fruto»^[1]. É, portanto, uma vigilância que nos leva a guardar o dom da vocação que Deus nos deu, para que as nossas ações e sentimentos estejam de acordo com ela.

Pelo contrário, uma alma adormecida é aquela que não se deixa desafiar pelo que a rodeia e confia na sua capacidade de controlo. Essa sonolência pode-nos fazer cair «na autocomplacência da própria existência satisfeita.

Mas esta falta de sensibilidade das almas, esta falta de vigilância (...) concede um poder no mundo ao maligno»^[2]. Jesus não chama os apóstolos a estar tranquilos ou a conformar-se com o bem que fazem; em vez disso, convida-os a vigiar em todos os momentos para que os seus corações não se afastem d'Ele. E esta vigilância levá-los-á à humildade, pois não porão a sua segurança na própria complacência, mas principalmente em Deus, que é o primeiro que vela por cada um de nós.

JESUS compara esta vigilância com a atitude dos servos que aguardam a chegada do seu senhor. Eles sabem que mais cedo ou mais tarde chegará e que aquele encontro mudará a sua existência, pois não serão mais tratados como servos, mas como iguais: «mandará que se sentem à mesa e, passando diante deles, os servirá» (Lc 12, 37). Cristo conhece que «precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir»^[3]. Jesus é aquele Senhor por quem nós, cristãos, estamos a velar e que a Sua chegada nos oferecerá uma vida muito maior do que podemos imaginar.

No dia a dia podemos depositar as nossas esperanças em realidades que nos enchem de entusiasmo: um plano familiar, um momento de desporto com os amigos, a celebração de uma festa, etc. Neste sentido, o prelado do Opus Dei destaca: «Esperar o encontro diário com Jesus no sacrário: isto será um sinal de amor verdadeiro». E acrescenta que também podemos unir essas esperanças mais quotidianas à Eucaristia: «Fazer do sacrário o centro, o ponto de convergência das nossas esperanças, será um caminho seguro para crescer no amor a Cristo»^[4]. Somente Jesus pode satisfazer os nossos anseios mais profundos de felicidade. Enquanto esperamos a Sua chegada, podemos começar a desfrutar daquela alegria nas realidades da vida quotidiana, quando as saboreamos unidos a Ele.

«AGRADA-ME falar de caminho porque somos caminhantes, dirigimo-nos para a casa do Céu, para a nossa Pátria. Mas reparemos que um

caminho, mesmo que um ou outro trecho apresente dificuldades especiais, mesmo que alguma vez nos obrigue a passar a vau um rio ou a atravessar um pequeno bosque quase impenetrável, habitualmente é simples, sem surpresas. O perigo é a rotina: supor que nisto, no que temos de fazer em cada instante, não está Deus, porque é tão simples, tão vulgar!»^[5]. Na verdade, às vezes a monotonia pode-nos impedir de perceber o que temos entre mãos. Como fazemos praticamente a mesma coisa todos os dias, é fácil habituarmo-nos e não perceber que a realidade – trabalho, família, relações de amizade, etc. – é muito maior do que parece à primeira vista: são momentos em que Deus nos espera.

S. Paulo termina assim a sua carta aos Coríntios: «Estai vigilantes, permaneçei firmes na fé, sede corajosos e fortes. Que, entre vós, tudo se faça com amor» (1Cor 16, 13-14). A vigilância leva-nos a pôr amor em tudo o que fazemos. Desta forma, cada dia poderá ser diferente, pois será a expressão de um amor renovado, que se expressa de forma única naquele dia e que tem valor de eternidade. «Ocupa-te dos teus deveres profissionais por Amor. Faz tudo por Amor – insisto – e comprovarás as maravilhas que produz o teu trabalho, precisamente porque amas, embora tenhas de saborear a amargura da incompreensão, da injustiça, da ingratidão e até do próprio fracasso humano. Frutos saborosos, sementes de eternidade!»^[6]. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a superar a rotina, transformando tudo o que fazemos num ato de amor ao seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Audiência, 14/12/2022

[2] Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, segunda parte, A esfera dos livros, Lisboa, 2007

[3] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 31.

[4] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*, “O centro das esperanças”.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 313.

[6] *Ibid.*, n. 68

Quarta-feira da XXIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o gosto pela cidade de Deus; dirigir os nossos esforços para o Senhor; amor à Confissão.

Sumário

- O gosto pela cidade de Deus.
- Dirigir os nossos esforços para o Senhor.
- Amor à Confissão.

NA SUA CARTA aos Romanos, S. Paulo quis alertar os cristãos para a realidade do pecado e animou-os a colocarem-se inteiramente ao serviço do Senhor: «Não reine o pecado no vosso corpo mortal, obedecendo aos seus desejos. Não ofereçais os vossos membros como arma da injustiça ao serviço do pecado; mas oferecei-vos a Deus, como homens que revivem de entre os mortos, e oferecei os vossos membros como armas da justiça ao serviço de Deus» (Rm 6, 12-13).

S. Paulo, como muitos santos, tem consciência do muito que o pecado nos promete e de quão pouco cumpre; do muito que tira e do pouco que oferece; da ilusão que suscita e da amargura que deixa. O pecado dá-nos uma soberania apenas aparente e faz-nos desconfiar da soberania de Deus, ao ponto de a sua presença se esbater no horizonte da nossa própria existência. «Dois amores deram origem a duas cidades – escreve Sto. Agostinho –: o amor de si mesmo até ao desprezo de Deus, a terrena; o amor de Deus até ao desprezo de si: a celeste. A primeira gloria-se em si mesma; a segunda gloria-se no Senhor»^[1]. Por vezes, a tentação sublinha os aparentes benefícios imediatos do pecado, que podem tornar-se apetecíveis. No entanto, a tentação esconde-nos sempre o que o pecado nos vai tirar, o bem que perdemos, a cidade que abandonamos, as relações que danificamos.

Na medida em que tomamos posição ao longo da nossa vida, no âmbito social e profissional, vamo-nos convertendo naquilo que escolhemos, vamo-nos identificando com o objeto das nossas determinações e desenvolvemos uma inclinação para os bens, reais ou aparentes, que perseguimos. Se escolhemos o pecado, inclinamo-nos progressivamente para essa cidade terrena. Se optarmos pelo bem, mesmo que por vezes seja difícil, o nosso coração irá adquirindo uma conaturalidade para o bem, um gosto pela cidade de Deus. Deste modo, adquirimos uma perspectiva «que nos permite ver as realidades terrenas sob uma nova luz espiritual, a liberdade de amar a Deus e aos irmãos com um coração puro e de viver na jubilosa esperança da vinda do Reino de Cristo»^[2].

DURANTE a sua pregação, Jesus recorda aos que O escutam que fazer a escolha certa, formar um coração inclinado para os seus mandamentos, é algo possível e necessário. E, para ilustrar o que quer partilhar com os seus ouvintes, recorre a uma parábola. Fala-lhes de um administrador cujo senhor o deixou à frente da sua casa. Esse servo, sabendo que o seu senhor estava longe e que não chegaria em breve, comportou-se de forma egoísta e cruel. Quando o senhor chegou, surpreendeu-o nesse estado e castigou-o severamente. Talvez esse servo pensasse que podia dar-se ao luxo de viver à custa do seu senhor. Talvez se tenha convencido de que tinha o controlo, que sabia calcular a chegada do patrão e que poderia encobrir as suas más ações e apresentar-se como alguém respeitável. Mas a parábola dá a entender que essa é uma falsa segurança.

Orientar o nosso coração para o bem não é algo que se consiga de um dia para o outro. O Senhor, como ao servo, dá-nos um tempo para que, com a sua graça e com a nossa liberdade, queiramos dirigir para Ele os nossos esforços e as nossas esperanças, porque é isso que nos fará verdadeiramente felizes. E isto traduz-se em consequências concretas na nossa vida quotidiana que, se forem vividas com autenticidade, nos fazem descobrir a felicidade que provém de viver junto de Deus. «Se, por exemplo, um jovem quer ser médico, terá de empreender um percurso de estudos e de trabalho que ocupará vários anos da sua vida e, por conseguinte, terá de estabelecer limites, dizer "não", em primeiro lugar, a outros estudos, mas também a possíveis entretenimentos ou distrações, especialmente nos momentos de

estudo mais intenso. Mas o desejo de dar um rumo à sua vida e de alcançar essa meta – chegar a ser médico era o exemplo – permite-lhe superar tais dificuldades. O desejo torna-te forte, corajoso, faz-te ir sempre em frente»^[3]. Por isso, S. Josemaria costumava usar a imagem do combate para falar da santidade: um caminho em que encontraremos provações, mas também a paz. «Quando há amor, há integridade: capacidade de entrega, de sacrifício, de renúncia. E, no meio da entrega, do sacrifício e da renúncia, juntamente com o suplício da contradição, a felicidade e a alegria. Uma alegria que nada nem ninguém nos poderá tirar»^[4].

UM MEIO que Deus nos deu para orientarmos o nosso coração para Ele é a Confissão. Quando recorremos a este sacramento, é Jesus que nos anima e nos encoraja. «A nossa proteção está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra» (Sl 123, 7-8). É em nome d’Ele que o sacerdote perdoa os nossos pecados. Para quem passado muito tempo se confessa, trata-se de um momento marcante. Mas aqueles que se confessam com frequência talvez possam pensar que as suas confissões são um pouco rotineiras. Neste sentido, S. Josemaria recordava que «o Senhor instituiu o sacramento da Penitência não só para perdoar os pecados, mas também para nos dar força e para nos dar a oportunidade de receber orientação e ajuda espiritual»^[5]. Ou seja, mesmo que nos pareça uma confissão rotineira, Deus dá-nos a sua graça para enfrentarmos essas lutas que compõem o nosso dia e para nos libertar do pecado: «Quero-vos rebeldes, livres de todos os laços, porque vos quero – Cristo quer-nos! – filhos de Deus. Escravidão ou filiação divina: eis o dilema da nossa vida»^[6].

Em cada Confissão, encontramos-nos com o pai da parábola que está à nossa espera e deseja ardentemente que regressemos a casa. «Muitas vezes pensamos que a Confissão consiste em irmos cabisbaixos ao encontro de Deus. Mas voltar para o Senhor não é primariamente obra nossa; é Ele que nos vem visitar, cumular da sua graça, alegrar com o seu júbilo. Confessar-se é dar ao Pai a alegria de nos levantar de novo. No centro do que experimentaremos não estão os nossos pecados; estão, mas não no centro; o seu perdão: este é o centro»^[7]. Por isso, S. Josemaria animava os seus filhos a amar este sacramento: «Para mim é uma grande alegria recorrer a este meio da graça, porque sei que o Senhor me perdoa e me enche de fortaleza.

E estou convencido de que, com a prática piedosa da Confissão sacramental, se aprende a ter mais dor e, portanto, mais amor»^[8]. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a experimentar a alegria de receber o Senhor em nossa casa cada vez que nos aproximamos do sacramento da Confissão.

NOTAS

[1] Sto. Agostinho, *De civitate Dei*, 14, 28.

[2] Francisco, Homilia, 15/08/2014.

[3] Francisco, Audiência, 12/10/2022.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 75.

[5] S. Josemaria, Apontamentos da pregação, 08/10/1972, citado em *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría* (III), E. Burkhart – J. López, p. 498.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 38.

[7] Francisco, Homilia, 25/03/2022.

[8] S. Josemaria, *A solas con Dios*, n. 259.

Quinta-feira da XXIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um fogo que muda a nossa vida; o amor do Espírito Santo; ser luz de esperança.

Sumário

- Um fogo que muda a nossa vida.
- O amor do Espírito Santo.
- Ser luz de esperança.

ENQUANTO vai a caminho de Jerusalém, o Senhor revela aos seus discípulos alguns dos desejos mais profundos que tem no seu coração: «Eu vim trazer o fogo à Terra e que quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de receber um batismo e estou ansioso até que ele se realize!» (Lc 12, 49-50). O fogo, neste contexto, é o do amor divino que deseja comunicar a todas as almas para as purificar e iluminar; com o seu batismo, Jesus refere-se à cruz, onde ia tornar patente esse ardente amor por nós.

Estas palavras do Senhor gravaram-se intensamente na alma de S. Josemaria desde a sua juventude, inclusive antes de Deus lhe ter dado a ver o Opus Dei: «Antes de saber aquilo que o Senhor queria de mim – mas sabendo que queria algo –, muitas vezes dilatava o coração e dizia aos gritos aquele *‘igne veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?’* (Lc 12, 49). E respondia também cantando: *‘Ecce ego quia vocasti me!’* (1Sm 3, 5ss). O meu irmão, então muito pequeno (...), aprendeu aquelas palavras sem saber o que significavam, e de vez em quando vinha cantá-las – muito mal cantadas – para o meu lado. Tinha de expulsá-lo: vai-te embora, vai-te embora! Mas dava-me muita alegria ouvi-las, porque para mim eram um estímulo: que o sejam também para vós; que não estejais nunca apagados; que vos saibais portadores de fogo divino, de luz divina, de calor de céu, de amor de Deus, em todos os ambientes da terra»^[1].

Jesus veio ao mundo para trazer a boa nova da salvação. Com essas palavras, «está a dizer-nos que o Evangelho é como um fogo, porque se trata de uma mensagem que, quando irrompe na história, queima os velhos equilíbrios da vida, desafia a sair do individualismo, a vencer o egoísmo, a passar da escravidão do pecado e da morte para a nova vida do Ressuscitado»^[2]. A palavra de Jesus não deixa indiferente, mas acende em cada um a inquietação para pôr-se a caminho para escutar a chamada do Senhor e as necessidades dos outros. Por isso, é como o fogo, porque «enquanto nos aquece com o amor de Deus, quer queimar os nossos egoísmos, iluminar os lados obscuros da vida (...), consumir os falsos ídolos que nos escravizam»^[3].

AS IMAGENS do fogo e do batismo fazem também referência ao dia de Pentecostes. O fogo que ardia no coração de Cristo é o mesmo fogo do Espírito Santo: é ele que nos faz chegar a graça divina. O fogo é imagem da caridade, o amor de Deus que «foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5). Secundando docilmente esta ação divina podemos aspirar à santidade, enraizada nas circunstâncias reais e concretas em que vivemos; uma santidade, portanto, «que assume, eleva e conduz à perfeição a personalidade de cada um, sem a destruir»^[4].

«Estamos habituados a pensar que o amor deriva, essencialmente, da nossa observância, da nossa perícia, da nossa religiosidade; ao passo que o Espírito lembra-nos que, sem o amor na base, tudo o mais é vão e que este amor não nasce tanto das nossas capacidades, este amor é dom d'Ele. Ele ensina-nos a amar e devemos pedir este dom»^[5]. Se nos deixarmos guiar pelo Paráclito, ele poderá purificar o nosso coração, de maneira a podermos experimentar a alegria da liberdade, pois «onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade» (2Cor 3, 17). «O Espírito Santo dá a possibilidade de ser, não apenas meros cumpridores da lei, mas realizadores livres, fervorosos e fiéis do desígnio de Deus»^[6].

Neste sentido, S. Paulo escreveu aos Romanos: «De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que

clamamos: *Abbá, ó Pai!*» (Rm 8, 14-15). O Senhor quer que a nossa relação com Ele não seja a de um servo para com o seu amo, mas a de um filho para com o seu pai. Por isso, todas as ações do nosso dia a dia podem ser um gesto de amor, também aquelas que requerem maior sacrifício. Como recorda o prelado do Opus Dei: «Podemos fazer com alegria – e não de má vontade – o que custa, o que não agrada, se o fazemos por e com amor e, portanto, livremente»^[7]. O Espírito Santo poderá ajudar-nos de modo que as nossas obras sejam manifestação do amor que move a nossa vida.

O FOGO do amor de Deus foi aceso na nossa alma pelo batismo, quando o Espírito Santo começou a habitar em nós. Mas um fogo pode manter-se intenso ou então diminuir até se reduzir a uma brasa sob as cinzas, ou inclusive apagar-se totalmente. Nós, enquanto cristãos, estamos chamados a manter acesa a chama da fé e do amor no nosso coração, e um bom modo de o fazer é transmiti-la a outros: dar luz e calor em cada dia aos que nos rodeiam, com o nosso testemunho, a nossa compreensão e a nossa amizade.

«A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoadada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver retamente. Essas pessoas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia»^[8].

Podemos pensar naquelas pessoas que, no decurso da nossa vida, nos ofereceram essa luz do Senhor. Com o seu autêntico carinho por nós e a sua profunda alegria talvez tenham acendido na nossa alma o desejo de cultivar uma maior intimidade com Deus. Além de termos para com elas um sentimento de gratidão, podem incentivar-nos a refletir também essa luz para aqueles que nos rodeiam. Como filhos de Deus, somos «portadores da única chama capaz de iluminar os caminhos terrenos das almas, do único fulgor, no qual nunca poderão dar-se escuridões, penumbras nem sombras. Nosso Senhor serve-se de nós como archotes, para que essa luz ilumine...

De nós depende que muitos não permaneçam em trevas, mas andem por sendas que levem até à vida eterna»^[9]. Podemos pedir à Virgem Maria que tenhamos o mesmo desejo do seu Filho de espalhar o fogo do seu amor por toda a terra.

NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Tertúlia*, 12/02/1975.
- [2] Francisco, *Angelus*, 14/08/2021.
- [3] *Ibid.*
- [4] S. João Paulo II, *Audiência*, 10/04/1991.
- [5] S. João Paulo II, *Audiência*, 10/04/1991.
- [6] S. João Paulo II, *Audiência*, 10/04/1991.
- [7] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018.
- [8] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 49.
- [9] S. Josemaria, *Forja*, n. 1.

Sexta-feira da XXIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: descobrir os sinais de Jesus; discernir para ser livres; endireitar o rumo da nossa vida.

Sumário

- Descobrir os sinais de Jesus.
- Discernir para ser livres.
- Endireitar o rumo da nossa vida.

HOJE EM DIA temos muitos instrumentos para prever as condições meteorológicas. Os contemporâneos de Jesus não possuíam esta tecnologia, mas a partir de certos sinais podiam intuir o que iria acontecer. De facto, essa sabedoria refletia-se em provérbios ou canções que previam o tempo caso ocorressem determinadas circunstâncias. Jesus refere-se a este conhecimento popular quando se dirige às multidões convidando-as a acreditar n'Ele: «Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: ‘Vem chuva’; e assim acontece. E quando sopra o vento sul, dizeis: ‘Vai fazer muito calor’; e assim sucede. Hipócritas, se sabeis discernir o aspeto da terra e do céu, porque não sabeis discernir o tempo presente?» (Lc 5, 54-56).

Cristo lamenta-Se porque os sinais que mostrou – os milagres, a Sua vida e a Sua doutrina – deveriam ser suficientes para confessá-l'O como o Messias. O Senhor passava muito perto de cada um, mas muitos não se davam conta. Também hoje Deus passa pela nossa vida na beleza e no cansaço do dia a dia, nos momentos de alegria e noutros em que sentimos dor. E é precisamente nestas circunstâncias que podemos descobrir que Deus está próximo de nós e se preocupa com as nossas preocupações. Tanto então como agora, manter o coração sensível e aberto à providência – que amadurece na oração pessoal – continua a ser a porta para descobrir a ação de Deus em nosso favor. «Com esta busca do Senhor – comentava S.

Josemaria –, toda a nossa jornada se converte numa única conversa, íntima e confiada. Afirmei-o e escrevi-o tantas vezes, mas não me importo de o repetir, porque Nosso Senhor faz-nos ver – com o seu exemplo – que este é o comportamento certo: oração constante, de manhã à noite e da noite até de manhã. Quando tudo sai com facilidade: obrigado, meu Deus! Quando chega um momento difícil: Senhor, não me abandones!»^[1].

«PORQUE não julgais por vós mesmos o que é justo?», pergunta o Senhor a quem o ouve. O julgamento que fazemos sobre as coisas mais importantes da nossa vida não diz respeito apenas à inteligência, como se fosse algo exclusivamente teórico, mas exige a adesão da nossa vontade. Na verdade, o Espírito Santo ilumina-nos para compreender o que está a acontecer dentro de nós e no mundo que nos rodeia. Ele ajuda-nos a distinguir com mais clareza quais são as verdadeiras motivações que dirigem o nosso comportamento.

Discernir a verdade da nossa vida nem sempre é fácil. Contudo, só a partir deste processo podemos desfrutar de uma profunda liberdade interior: «Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (Jo 8, 31-32). Não serão as circunstâncias externas que nos levarão a agir de determinada forma, nem serão motivos mais ou menos nobres. A força motriz do nosso trabalho será principalmente o amor, a convicção de que esta decisão é a melhor para nós e para o nosso ambiente.

O discernimento «requer que eu me conheça, que saiba o que é bom para mim aqui e agora. Exige sobretudo uma *relação filial com Deus*. Deus é Pai e não nos deixa sozinhos, está sempre disposto a aconselhar-nos, a encorajar-nos, a acolher-nos. Mas nunca impõe a sua vontade. Porquê? Porque quer ser amado, não temido. E Deus também quer que sejamos filhos, não escravos: filhos livres. E o amor só pode ser vivido na liberdade»^[2]. O Senhor não quer que nos limitemos a fazer coisas boas externas, mas quer que as façamos também com o coração. Porque «a verdadeira liberdade de espírito é esta capacidade e atitude habitual de atuar por amor, particularmente com o esforço de fazer aquilo que, em cada circunstância, Deus pede a cada um»^[3].

«QUANDO fores com o teu adversário ao magistrado, esforça-te por te entenderes com ele no caminho, para que ele não te arraste ao juiz e o juiz te entregue ao oficial de justiça e o oficial de justiça te meta na prisão. Eu te digo: Não sairás de lá, enquanto não pagares o último centavo» (Lc 12, 58-59). Com esta imagem, o Senhor ensina-nos que, mesmo que o homem viva no erro, ainda há tempo para retificar. Quanto mais cedo o fizer, melhor, pois estará a caminho do julgamento que virá quando a sua existência terrena terminar: «Apreste-se, então, comenta um Padre da Igreja, a participar agora na primeira ressurreição quem não quer ser condenado com o castigo eterno da segunda morte. Aqueles que na vida presente, transformados pelo temor de Deus, passam do mau para o bom comportamento, passam da morte para a vida, e mais tarde serão transformados da sua condição humilde para uma condição gloriosa»^[4].

Todos nós temos coisas para corrigir. Alguns temos muita consciência e pedimos ajuda ao Senhor para aceitá-las com serenidade e lutar com paciência e confiança filial, sem desanimar. Outras, porém, podem passar mais despercebidas. O espírito de exame ajuda-nos a «conseguir essa limpeza de coração, que nos levará a ver Deus em tudo»^[5]. Desta forma, podemos distinguir entre o bem e o mal no nosso dia a dia, «entre o que vem de Deus e o que vem das nossas próprias paixões ou do diabo»^[6].

O exame diário de consciência é «aprender a ler no livro do nosso coração o que aconteceu durante o dia»^[7]. Normalmente bastam alguns minutos no final do dia, embora haja momentos em que dediquemos mais tempo: antes da confissão, num retiro espiritual, quando algo especialmente importante aconteceu... «Mas é sempre conveniente invocar o Espírito Santo, para que nos conceda a Sua luz, e acabar depois com um ato de contrição e algum propósito concreto para o outro dia. Assim orientaremos bem o rumo da nossa atuação, e apagaremos com atos de contrição as manchas que possamos ter deixado cair no livro da nossa vida»^[8]. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude na nossa luta quotidiana para fazer do seu Filho o centro da nossa vida.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 247.

[2] Francisco, Audiência, 31/08/2022.

[3] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 5.

[4] S. Fulgêncio de Ruspe, *De remissione peccatorum*, 12, 4.

[5] Bto. Álvaro del Portillo, Carta pastoral, 08/12/1976, n.8.

[6] *Ibid.*

[7] Francisco, Audiência, 30/11/2022

[8] Javier Echevarría, Carta pastoral, 01/01/2016.

XXX domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXX domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: servir a Deus duas vezes; ser testemunhas do amor do Senhor; um coração sem barreiras.*

Sumário

- Servir a Deus duas vezes.
- Ser testemunhas do amor do Senhor.
- Um coração sem barreiras.

Os fariseus estão particularmente satisfeitos. Jesus tinha feito calar aqueles que, em grande parte, se tinham tornado seus rivais, os saduceus. Mas agora é a sua vez de porem à prova o mestre de Nazaré e de o surpreenderem com alguma afirmação que complique a Sua autoridade. Assim, um dos fariseus, sabendo que não é fácil distinguir, entre as centenas de preceitos, qual o sentido principal da lei de Deus, pergunta a Jesus: «Mestre, qual é o maior mandamento da lei?» (Mt 22, 36). Por detrás do tom aparentemente amável, esconde-se a armadilha em que ele desejava que o Senhor caísse.

Jesus começa a Sua resposta de uma forma convencional. O maior mandamento é amar a Deus, diz-lhe. Nesta afirmação não há nada de novo, nada de estranho para um judeu piedoso. Imediatamente a seguir, porém, faz uma afirmação ainda mais surpreendente: «O segundo, porém, é semelhante a este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’» (Mt 22, 39). A tónica da frase está nesta pequena palavra, mas que na boca de Jesus está cheia de significado: "semelhante".

Num primeiro momento, é provável que o fariseu tenha pensado que esta afirmação era um pouco exagerada: como é que amar a Deus e aos outros podia ser semelhante em importância? Não obstante, nesta verdade reside uma profunda mudança de paradigma: Deus fez-Se homem e, através

da Sua encarnação, do sacrifício na cruz e da ressurreição, elevou-nos à condição de Seus filhos. Por conseguinte, se quisermos realmente amar Deus, devemos esforçar-nos também por aprender a amar cada um dos Seus filhos. Por isso, «enquanto houver um irmão ou irmã a quem fechamos o nosso coração, estaremos ainda longe de ser discípulos, como Jesus nos pede»^[1]. Por outro lado, sabemos que o amor a Cristo e o amor aos outros estão tão intimamente unidos que «em qualquer ato de fraternidade, muitas vezes, a cabeça e o coração não conseguem distinguir se se trata de um serviço a Deus ou de um serviço aos irmãos: neste último caso, o que estamos a fazer é servir a Deus duas vezes»^[2].

QUANDO procuramos viver como discípulos de Cristo, a relação entre o amor a Deus e o amor aos outros manifesta-se naturalmente no nosso comportamento. É nisto que insiste S. Paulo na segunda leitura da Missa de hoje: «Vós sabeis como procedemos no meio de vós, para vosso bem» (1Ts 1, 5). O desejo de dar um bom exemplo nunca deve ser a expressão de uma tentativa de nos distinguirmos dos outros, procurando talvez a admiração ou a complacência. Pelo contrário, o testemunho autêntico deve ser, ao mesmo tempo, caridade viva, interesse ativo por todos os que nos rodeiam: deste modo, o nosso comportamento será uma verdadeira manifestação do amor de Deus por cada pessoa. «A fraternidade bem vivida é um apostolado imediato: tantas pessoas verão o afeto que temos uns pelos outros e poderão exclamar, como fizeram com os primeiros cristãos, “vede como se amam”; sentir-se-ão atraídas por este amor cristão»^[3].

S. Josemaria, ao explicar o que é o testemunho cristão, esclarecia: «Quando te falo do “bom exemplo”, quero indicar-te também que tens de compreender e desculpar, que tens de encher o mundo de paz e de amor»^[4]. Não faria sentido que os outros falassem bem de nós, mas nos tratassem com distância, como se fôssem os modelos frios e inatingíveis. Precisamente porque é através do nosso amor que a proximidade de Deus se torna presente, o nosso principal testemunho é dar ao mundo essa paz e amor que recebemos do Senhor.

Numa ocasião, o fundador do Opus Dei questionava-se: «Como havemos de mostrá-lo às almas? Com o exemplo: que sejamos suas

testemunhas em todas as nossas atividades, mediante a nossa voluntária servidão a Jesus Cristo, porque Ele é o Senhor de todas as realidades da nossa vida, porque é a única e a última razão da nossa existência. Depois, quando tivermos prestado esse testemunho do exemplo, seremos capazes de instruir com a palavra, com a doutrina»^[5].

AO ESCUTAR a primeira leitura da Missa de hoje, tirada do livro do Êxodo, apercebemo-nos de que amar os outros pode ser exigente. O autor sagrado enumera uma lista de pessoas particularmente vulneráveis e que, na sociedade, podem sofrer um tratamento injusto ou ter uma vida mais complexa: «Não prejudicarás o estrangeiro, nem o oprimirás, porque vós próprios fostes estrangeiros na terra do Egito. Não maltratarás a viúva nem o órfão» (Ex 22, 20-21). No fundo, é um convite do Senhor a perguntarmos sempre pelas pessoas mais necessitadas que nos rodeiam, e não apenas por aquelas com quem podemos ter mais afinidade. Logicamente, isto não significa que negligenciemos as relações com aqueles com quem temos mais facilidade em travar amizade; pelo contrário, o afeto que temos por eles será o impulso para estendermos a mão também a todos aqueles que nos rodeiam, para que no nosso coração não haja distinções. Foi assim que Jesus viveu: todos os que se aproximavam d'Ele podiam sentir-se amados de uma forma especial e única, mesmo que o Senhor só estivesse com eles por um curto período de tempo.

Este amor ao próximo «é feito de proximidade, de escuta, de partilha, de cuidado pelo próximo. E muitas vezes não ouvimos o outro porque é tedioso ou porque me rouba tempo, não o apoiamos, não o acompanhamos nas suas dores e provações...»^[6]. Precisamente quando nos é particularmente difícil amar uma determinada pessoa, talvez porque não sentimos uma sintonia espontânea com ela, podemos refugiar-nos em Deus e dizer com o salmista: «Eu Vos amo, Senhor, minha força» (Sl 17, 2). A segurança de Cristo oferece-nos um amor incondicional que, por sua vez, nos permite lançar-nos a transmitir aos outros esse amor sem barreiras. Como nos recorda o Prelado do Opus Dei: «O nosso amor a Deus – caridade sobrenatural – é uma correspondência a esse amor divino por todos e cada um de nós, que o próprio Senhor nos apresenta como modelo e horizonte para o nosso amor pelos outros»^[7]. Podemos pedir à Virgem

Maria a graça de descobrir que fomos criados para amar, porque recebemos gratuitamente o amor infinito do Senhor.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 25/10/2020.

[2] S. Josemaria, *Instrução*, maio de 1935 - setembro de 1950, n. 75.

[3] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 16/02/2023, n. 16.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 560.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

[6] Francisco, Angelus, 25/10/2020.

[7] Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 16/02/2023, n. 1.

Segunda-feira da XXX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Cristo toma sobre si as nossas dores; uma mulher libertada das suas amarras; Deus ama a nossa liberdade.

Sumário

- Cristo toma sobre si as nossas dores.
- Uma mulher libertada das suas amarras.
- Deus ama a nossa liberdade.

COMO todos os sábados, uma mulher dirige-se à sinagoga. Estava doente havia dezoito anos por causa de um espírito, «andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se» (Lc 13, 11). Nesse dia Jesus vai também à sinagoga para pregar o Reino de Deus e convidar à conversão. Num dado momento do seu ensinamento, Cristo repara nela, chama-a e diz-lhe: «Estás livre da tua enfermidade». E, assim que lhe impôs as mãos, a mulher endireitou-se (Lc 13, 12-13).

Foi um milagre completamente inesperado. Esta mulher não tinha pedido nada. Talvez intuisse que Jesus ia passar pela sua aldeia. Por isso, fez o possível para se colocar num lugar da sinagoga donde o Mestre a pudesse ver. No entanto, não abriu a boca nem gritou, como outros personagens do Evangelho que também tinham sido curados. Apesar de tudo, o Senhor não só reparou na sua presença, mas sobretudo leu no seu coração um imenso desejo de liberdade. E, com uma única palavra, expulsou a doença: «Estás livre».

Jesus ensina-nos assim que a misericórdia é a resposta de Deus à dor do mundo. O sofrimento comove o seu coração. Qualquer um dos nossos problemas, mesmo os mais pequenos, dói-Lhe. Não é um Deus insensível. De facto, o próprio Cristo «experimentou neste mundo a aflição e a humilhação. Ele assumiu os sofrimentos humanos, tomou-os sobre si na sua

carne, viveu-os plenamente, um a um. Conheceu toda a espécie de aflição, moral e física: experimentou a fome e o cansaço, a amargura da incompreensão, foi traído e abandonado, flagelado e crucificado»^[1]. A história desta mulher encurvada repete-se também hoje. Onde quer que se encontre alguém que sofre, pode sentir a consolação da presença de Cristo, que olha para nós com o desejo de tomar sobre os seus ombros a nossa dor.

A DOENÇA impedia esta mulher de desfrutar de tantas coisas boas da vida. Era-lhe muito difícil olhar para o céu; sem o querer, os seus olhos detinham-se apenas no chão que pisava. Ao libertá-la das suas amarras, Cristo permite-lhe ver o que antes lhe era vedado. Sentindo-se livre e cheia de alegria, «glorificava a Deus» (Lc 13, 13) e «a multidão alegrava-se com todas as maravilhas» que Jesus realizava (Lc 13, 18).

O relato do evangelista diz-nos que a doença tinha, em certo sentido, uma origem espiritual. Quando o chefe da sinagoga se indigna com o facto de tudo se passar ao sábado, Jesus responde-lhe: «E esta mulher, filha de Abraão, que Satanás prendeu há dezoito anos, não devia libertar-se desse jugo no dia de sábado?» (Lc 13, 16). Os Padres da Igreja veem nesta mulher encurvada, incapaz de se endireitar, uma figura das almas que estão tão debilitadas pelos desejos terrenos que já não podem ocupar-se das realidades divinas. «O pecador, preocupado com as coisas da terra e não buscando as coisas do Céu, é incapaz de olhar para cima: como segue desejos que o levam para baixo, a sua alma, perdendo a retidão, inclina-se e não vê senão aquilo em que pensa incessantemente»^[2].

Às vezes podemos ter a impressão de estarmos atados pelos nossos defeitos. Experimentamos então uma grande dificuldade em aspirar aos bens do Céu. Nesses momentos, Deus espera que, como aquela mulher, nos aproximemos d'Ele e Lhe confiemos os nossos medos com sinceridade. «Não te preocupes em conhecer-te tal como és: assim, de barro – escrevia S. Josemaria –. Não te preocupes. Porque tu e eu somos filhos de Deus – e este é um endeusamento bom –, escolhidos por chamamento divino desde toda a eternidade (...). Nós, que somos especialmente de Deus, seus instrumentos apesar da nossa pobre miséria pessoal, seremos eficazes se não perdermos a humildade, se não perdermos a consciência da nossa

fraqueza»^[3]. Deste modo, a atração que a realidade do pecado possa suscitar em nós não será um obstáculo na relação com o Senhor, mas levar-nos-á a ser mais humildes, a procurar a união com Ele e a confiar na sua fortaleza.

TAL COMO a mulher encurvada sofre por causa da sua doença, também o pecado significa escravidão, «faz com que o homem se sinta estranho a si mesmo, no seu íntimo»^[4]. Por isso, noutra altura Jesus dirá: «Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete pecado é escravo do pecado. O escravo não fica em casa para sempre, mas o filho é que fica nela para sempre; por isso, se o Filho vos dá a liberdade, sereis realmente livres» (Jo 8, 34-36). Os cristãos, portanto, são chamados à liberdade (cf. Gal 5, 13). Desde a Criação, Deus deu-nos a capacidade de escolher e querer o bem, mas também a possibilidade de nos afastarmos dele. «É um mistério da Sabedoria divina – comentava S. Josemaria – que, ao criar o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26), tenha querido correr o risco sublime da liberdade humana»^[5].

«Este risco – assinala o prelado do Opus Dei –, desde os primórdios da História, conduziu efetivamente, com o pecado original, à rejeição do amor de Deus. Assim se debilitou a força da liberdade humana para o bem, e a vontade ficou um tanto inclinada para o pecado. Para além disso, os pecados pessoais enfraquecem ainda mais a liberdade, e é por isso que o pecado pressupõe sempre, em maior ou menor grau, uma escravidão (cf. Rm 6, 17, 20)»^[6]. Apesar de tudo, o homem continua a ser livre e, mesmo que esta liberdade seja por vezes frágil, Deus é o primeiro a respeitá-la e a amá-la. Saber que o Senhor «não quer escravos, mas filhos»^[7], enche-nos de segurança, pois permite-nos viver abraçando a nossa condição mais profunda. «Como é libertador saber que Deus nos ama! Como é libertador o perdão de Deus, que nos permite voltar para nós mesmos e para a nossa verdadeira casa!»^[8]. E nessa casa sabemos que nos espera a Virgem Maria, que quer libertar-nos de tudo o que nos possa separar do seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Discurso, 17/05/2014.

[2] S. Gregório Magno, *Homilias sobre o evangelho*, n. 31.

[3] S. Josemaria, *Carta 2*, n. 20.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 03/08/1988.

[5] S. Josemaria, *Carta*, 24/10/1965, n. 3.

[6] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 2.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 129.

[8] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n 4.

Terça-feira da XXX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus atua no pequeno; desproporção entre a missão e o instrumento; uma palavra que fermenta.

Sumário

- Deus atua no pequeno.
- Desproporção entre a missão e o instrumento.
- Uma palavra que fermenta.

JESUS veio revelar-nos a vida íntima de Deus e o seu projeto de salvação. Mas, como explicar com palavras a grandeza do amor que Ele nos quer dar? Por isso, durante o seu ministério público, o Senhor sentiu a necessidade de encontrar imagens que iluminassem o seu mistério: «A que é semelhante o reino de Deus, a que hei de compará-lo?» (Lc 13, 18), perguntava-se Ele.

Escolhendo imagens da vida quotidiana, Jesus quer introduzir-nos nesse mistério por um caminho que nos é familiar. Nesses exemplos vislumbramos algo da ação de Deus nas nossas almas e na história. O Reino de Deus «é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e lançou na sua horta. Cresceu, tornou-se árvore e as aves do céu vieram abrigar-se nos seus ramos». Também «é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado» (Lc 13, 19.21).

O grão de mostarda e o fermento falam-nos de pequenez e de discrição. Deus atua de um modo muitas vezes despercebido, mas sempre eficaz. Para reconhecer esta sua onipotência humilde e escondida, é necessário reparar naquilo que não chama a atenção. Às vezes pode não ser fácil, pois os nossos dias estão cheios de atividades que requerem boa parte da nossa concentração e podemos não nos aperceber da ação do Senhor. Nessas

circunstâncias, porém, «Deus está a atuar, como uma pequena semente boa, que brota silenciosa e lentamente. E, pouco a pouco, torna-se uma árvore frondosa que dá vida e abrigo a todos. Também a semente das nossas boas obras pode parecer pequena; no entanto, tudo o que é bom pertence a Deus e, portanto, de modo humilde, lentamente dá fruto. O bem – recordemo-lo – cresce sempre de maneira humilde, de forma oculta, muitas vezes invisível»^[1].

AO FALAR do grão de mostarda, Jesus está a descrever também aos seus discípulos como será a sua Igreja no mundo: «Com isto o Senhor quis dar uma prova da sua grandeza. Pois exatamente assim acontecerá com a pregação do Reino de Deus. E, de facto, os mais fracos, os mais pequenos entre os homens, eram os discípulos do Senhor; mas, porque havia neles uma força grande, espalhou-se e difundiu-se por todo o mundo»^[2]. A evangelização e a extensão do reino de Cristo é uma obra que parte do pequeno. Isto é o que acontece também com cada cristão. Podemos pensar em cada um de nós como um grão de mostarda lançado no terreno do nosso ambiente de trabalho e familiar. Através de pequenos atos de amor, podemos tornar-nos um refúgio para muitas aves do céu que virão fazer os seus ninhos nos nossos ramos.

Esta realidade pode encher-nos de esperança e de otimismo quando pensamos que é difícil estender o Reino de Deus por todo o mundo. Talvez «nos assalte o pensamento de que somos muito poucos os que decidimos responder a esse convite divino, para além de nos considerarmos instrumentos de fraca qualidade»^[3]. No entanto, sabemos que um pouco de fermento é suficiente para levedar toda a massa. Estamos certos «de que Jesus Cristo nos redimiou a todos e quer servir-se de alguns de nós, apesar da nossa nulidade pessoal, para darmos a conhecer esta salvação»^[4]. A história da Igreja começou com umas poucas pessoas sem muitos talentos, mas com a graça de terem visto Jesus ressuscitado e de terem recebido o Espírito Santo. Outros tinham mais condições ou meios à sua disposição, como mostram as cartas de S. Paulo ao falar das primeiras comunidades cristãs. Em qualquer caso, a força da fé feita vida levou uns e outros a chegar até aos confins do mundo conhecido e aos diferentes estratos da sociedade. E é

desse modo que também nós podemos chegar a todas as pessoas que nos rodeiam.

O FERMENTO atua como uma força oculta e misteriosa. S. Josemaria descrevia assim a cena do pão caseiro: «Em muitos sítios – talvez já o tenhais presenciado – a preparação da fornada é uma verdadeira cerimónia, que permite obter um produto excelente, saboroso, que se come com os olhos. Escolhe-se boa farinha, se possível, da melhor. A massa é trabalhada na masseira, em tarefa demorada e paciente, para ficar bem misturada com o fermento. Segue-se um tempo de repouso, imprescindível para que o fermento cumpra a sua missão: fazer crescer a massa. Entretanto, o lume arde no forno, animado pela lenha que se consome. E aquela massa, metida ao calor do forno, transforma-se num pão tenro e esponjoso, de grande qualidade; um resultado que seria impossível de conseguir se o fermento – em pequena quantidade – não se tivesse diluído, desaparecendo entre os outros elementos, num trabalho eficiente, mas que passa despercebido»^[5].

No silêncio da nossa oração, e também no meio da nossa jornada, podemos deixar entrar a palavra de Deus como uma pitada de fermento. Assim, pouco a pouco, ela pode atuar no nosso coração e nas nossas ações, transformando a nossa vida em pão bom e apetitoso. Talvez nos tenha acontecido que, ao ler a Sagrada Escritura, ressoe na nossa alma um versículo, uma imagem ou uma frase. Nesses casos, podemos guardar essa palavra, misturando-a com a nossa vida quotidiana para que a fermente e divinize: «A Bíblia adverte-nos que a voz de Deus ressoa na calma, na atenção, no silêncio. (...) Não é simplesmente um texto para ser lido; a Palavra de Deus é uma presença viva, é uma obra do Espírito Santo que conforta, instrui, dá luz, força, descanso e gosto de viver. Ler a Bíblia, ler um trecho, um ou dois trechos pequenos da Bíblia, são como pequenos telegramas de Deus que te chegam logo ao coração»^[6]. Na parábola do fermento aparece também uma mulher. Podemos pensar que, no fundo, essa mulher é Maria, que está sempre a trabalhar para esconder o fermento de Cristo no coração dos seus filhos, para fazer crescer e amadurecer as nossas vidas.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 13/06/2021.

[2] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de Mateus*, n. 46.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 9.

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 257.

[6] Francisco, Audiência, 21/12/2022.

Sexta-feira da XXX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a lei de Deus procura o nosso bem; a liberdade de cumprir um dever; um dia para recordar.

Sumário

- A lei de Deus procura o nosso bem.
- A liberdade de cumprir um dever.
- Um dia para recordar.

DURANTE a Sua pregação, Jesus propôs uma nova maneira de ver a realidade. Alguns fariseus nada mais fizeram do que garantir o cumprimento de regras cada vez mais numerosas. Pelo contrário, Cristo colocou o amor de Deus no centro da Sua mensagem, que conduz ao bem da pessoa. Afinal, esse era o propósito da Lei que o Senhor havia dado a Moisés: ajudar o homem a viver de uma forma que o fizesse feliz. Contudo, as autoridades judaicas tinham estabelecido um tal número de prescrições que o significado original dos preceitos divinos tinha sido obscurecido: o mais importante era cumpri-los à risca. Não era necessário, portanto, descobrir o bem que representavam para a própria existência.

Por esta razão, a maioria dos israelitas ouviu com entusiasmo a boa nova de Jesus. Talvez tenham percebido nas Suas palavras um anúncio libertador, que respondia às suas preocupações mais profundas. Contudo, os fariseus recusaram-se a aceitar esta mensagem e procuravam o momento certo para acusá-l'O de violar a lei divina. E num sábado, enquanto Jesus comia na casa de um deles, «diante d'Ele encontrava-se um hidrópico» (Lc 14, 2). Parece até uma cena preparada para colocar o Mestre entre a espada e a parede: se o curasse, poderiam denunciá-l'O por não respeitar o dia do Senhor; se não fizesse nada, isso serviria para reforçar as suas próprias convicções sobre o sábado.

O raciocínio de Jesus é simples «É lícito ou não curar ao sábado?». Mas eles ficaram calados. Então Jesus tomou o homem pela mão, curou-o e mandou-o embora. Depois disse-lhes: «Se um filho vosso ou um boi cair num poço, qual de vós não irá logo retirá-lo em dia de sábado?» (Lc 14, 3-5). Com estas perguntas, o Senhor mostra que a forma como as autoridades entendiam a lei não poderia vir de Deus, pois ignorava o bem das pessoas. Em vez disso, o apelo da mensagem de Cristo reside no facto de Ele ser a primeira pessoa interessada em nos fazer felizes. «Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal. (...) Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho *dá resposta às necessidades mais profundas* das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno. Quando se consegue exprimir, de forma adequada e bela, o conteúdo essencial do Evangelho, de certeza que essa mensagem fala aos anseios mais profundos do coração»^[1].

JESUS não rejeita a Lei. Com efeito, quando o jovem rico lhe pergunta o que é necessário para herdar a vida eterna, remete para os mandamentos (cf. Mc 10, 18). Cumprindo esses preceitos, temos a base para construir a nossa própria felicidade. Aspirar a ter uma vida sem qualquer tipo de obrigações, além de ser bastante irrealista, não garantiria uma existência feliz: faltaria às nossas ações um motivo maior que desse sentido à nossa vida. Além disso, tal abordagem acabaria por criar uma série de vínculos não escolhidos: «Pretende-se muitas vezes – recorda o Prelado do Opus Dei – uma liberdade ilusória, sem limites, como última meta do progresso, embora frequentemente existam muitas formas de opressão e de aparentes liberdades que são, na realidade, correntes que escravizam»^[2].

O comportamento dos fariseus nesta cena, porém, mostra uma vida reduzida ao cumprimento de regras. Eles não punham a sua felicidade em Deus, mas na segurança e satisfação que sentiam ao cumprir os seus preceitos, independentemente do seu significado. Além disso, viam a salvação como uma recompensa pelas suas boas obras, e não tanto como um presente de Deus. Jesus, pelo contrário, convida-nos a descobrir o

verdadeiro significado da Lei divina. Desta forma, o cumprimento dos mandamentos não é percebido como algo arbitrário, estranho a si mesmo, mas como uma resposta ao amor de Deus que está na origem da nossa existência. «Que verdade é esta – perguntava S. Josemaria –, que inicia e consome o caminho da liberdade em toda a nossa vida? Resumi-la-ei com a alegria e com a certeza que provêm da relação de Deus com as suas criaturas: saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Santíssima Trindade, que somos filhos de um Pai tão grande. Peço ao meu Senhor que nos decidamos a apercebermo-nos disso, a saboreá-lo dia após dia: assim atuaremos como pessoas livres»^[3]. Os mandamentos, assim como as obrigações que envolvem a nossa vida diária, mostram-nos um caminho para a felicidade na terra e no céu quando os cumprimos por amor a Deus e aos outros.

ENTRE os preceitos cujo significado original tinha sido obscurecido estava o do sábado. Tratava-se de um mandamento que recordava o descanso de Deus quando criou o mundo: «Porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que está neles, mas descansou no sétimo dia. Por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e santificou-o» (Ex 20, 11). Também fazia referência à memória da libertação de Israel da escravidão do Egito: «Lembra-te que foste escravo na terra do Egito, donde o Senhor, teu Deus, te tirou com mão forte e braço estendido. Por isso te ordenou o Senhor, teu Deus, que guardasses o dia de sábado» (Dt 5, 15). Em suma, Deus confiou o sábado a Israel para ser guardado como um sinal da aliança. É por isso que era um dia «santamente reservado ao louvor de Deus, da Sua obra criadora e das Suas ações salvíficas a favor de Israel»^[4]. Para os cristãos, esse dia passou a ser o domingo, que foi quando ocorreu a ressurreição de Jesus. Este evento marcou a realização plena do sábado judaico, uma vez que «significa a nova criação»^[5] que nos libertou da escravidão do pecado.

Tanto o sábado judaico como o domingo cristão referem-se a momentos específicos do passado que têm tal significado que merecem ser revividos todas as semanas. Desta forma, recordamos a nossa própria origem, a fonte da vida que dá sentido a tudo e que nos une aos outros. «A memória é aquilo que fortalece um povo porque se sente radicado num caminho, numa

história, num povo. A memória faz com que compreendamos que não estamos sozinhos, somos um povo que tem uma história, um passado, uma vida»^[6]. Neste sentido, «a participação na celebração comum da Eucaristia dominical é um testemunho de pertença e fidelidade a Cristo e à sua Igreja. Os fiéis atestam desse modo a sua comunhão na fé e na caridade. Juntos, dão testemunho da santidade de Deus e da sua esperança na salvação. E reconfortam-se mutuamente, sob a ação do Espírito Santo»^[7]. A Virgem Maria pode ajudar-nos a viver o domingo com o desejo de recordar a vida nova que o seu Filho nos deu e que nos une aos nossos irmãos na fé.

NOTAS

[1] Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 265.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 1.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2171.

[5] *Ibid.*, n. 2174.

[6] Francisco, Homilia, 02/11/2018.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2182.

Sábado da XXX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: «Toda a vida do Senhor me apaixona»; Cristo eleva os nossos desejos; a humildade permite reconhecer a própria grandeza.

Sumário

- «Toda a vida do Senhor me apaixona».
- Cristo eleva os nossos desejos.
- A humildade permite reconhecer a própria grandeza.

«NÃO É POSSÍVEL separar em Cristo o seu ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor»^[1]. No decurso da sua passagem pela terra, Jesus Cristo expressava em tudo o que realizava a sua missão redentora. Qualquer atividade que levava a cabo estava alinhada com o seu desejo de nos libertar do pecado. Irradiava continuamente o desejo divino que tinha exposto, a partir de um texto de Isaías, no início da sua atividade pública: «Unuiu-me para anunciar a Boa-nova aos pobres, enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19).

Este desejo redentor ficava especialmente patente nos seus milagres e na sua pregação. Além disso, também se manifestava em ações mais quotidianas, como uma conversa à volta de uma mesa ou uma caminhada com os seus discípulos. Por isso, S. Josemaria dizia: «Toda a vida do Senhor me apaixona»^[2]. Ver Jesus como mais uma pessoa da realidade social da sua época pode ajudar-nos a santificar essas circunstâncias: também esses momentos fazem parte da nossa identidade de cristãos.

S. Lucas conta-nos que num sábado Jesus foi «comer a casa de um dos principais fariseus» (Lc 14, 1). Podemos pensar que Cristo aceitou o seu

convite para poder anunciar a mensagem de salvação a essa pessoa num contexto mais tranquilo que o da contínua azáfama do dia a dia. Seja num banquete, diante de uma cena quotidiana ou ao contemplar uma dança infantil, Jesus não deixa de lado a sua missão, pelo contrário, esses acontecimentos são o lugar onde se concretiza. Dos relatos evangélicos, S. Josemaria extraía o objetivo de qualquer apóstolo: «Esta é a tua tarefa de cidadão cristão: contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna: a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e a convivência social»^[3].

NO MEIO desse banquete, Jesus observa a atitude de alguns que «escolhiam os primeiros lugares» (Lc 14, 7). Decide então contar uma parábola: «Quando fores convidado para um banquete, não ocupes o primeiro lugar; não suceda que tenha sido convidado alguém mais digno do que tu, venha o que vos convidou, a ti e ao outro, e te diga: “Cede o teu lugar a este”. Ficarias envergonhado e passarias a ocupar o último lugar» (Lc 14, 8-9).

Jesus começa o seu ensinamento fazendo referência ao reconhecimento que procuravam aqueles que estavam à sua volta. Não menospreza o desejo natural de se distinguir. Cristo é quem melhor sabe descobrir a mão paterna de Deus nesses anseios humanos. Jesus, ao ler cada uma das almas, apoia-se nas aspirações humanas e nobres que encontra para as elevar e sobrenaturalizar. S. Josemaria também procurava sustentar os conselhos que dava às pessoas que se aproximavam dele nos desejos que Deus punha no seu coração: «Deixa que a tua alma se consuma em desejos... Desejos de amor, de esquecimento, de santidade, de Céu... Não te detenhas a pensar se chegarás alguma vez a vê-los realizados (como te sugerirá algum conselheiro sisudo...): aviva-os cada vez mais, porque o Espírito Santo diz que lhe agradam os “varões de desejos”»^[4].

Jesus oferece uma maneira de elevar as pretensões de singularização social: «Mas, quando fores convidado, senta-te no último lugar; e assim, quando vier o que te convidou, há de dizer-te: “Amigo, vem mais para cima”. Então, isto será uma honra para ti, aos olhos de todos os que estiverem contigo à mesa» (Lc 14, 10). Cristo anima a não ficar unicamente

com os reconhecimentos humanos, sem dúvida legítimos e honrosos, mas a procurar o reconhecimento divino, que é o único realmente valioso. E apesar de em muitas ocasiões o nosso gesto poder passar despercebido para os outros, sabemos com certeza que Deus o viu. Este é o caminho que nos conduz para Ele e, ao mesmo tempo, nos leva «ao essencial da vida, ao seu verdadeiro significado, à razão mais fiável pela qual vale a pena viver a vida. Só a humildade nos abre à experiência da verdade, da alegria genuína, do conhecimento que conta»^[5]. O importante não é ser grande segundo a lógica do mundo, mas tornar-se pequeno, simples, porque assim encontramos Cristo.

O NÚCLEO do ensinamento que Jesus está a dar em torno deste banquete é a humildade: «Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado» (Lc 14, 11). Para entrar no Reino dos céus, um dos primeiros requisitos é conhecer bem qual é a nossa condição; ou seja, crescer na nossa verdadeira identidade como membros dessa nova família que Jesus está a formar. Para isso é necessário entender o significado profundo da humildade, «a virtude que nos ajuda a conhecer, simultaneamente, a nossa miséria e a nossa grandeza»^[6].

A humildade ajuda-nos a dar conta de que recebemos tudo do Senhor. Pelo contrário, a soberba leva-nos a depositar a confiança nas nossas próprias seguranças. Neste sentido, S. Josemaria falava de dois tipos de orgulho: um mau, que ignora as nossas debilidades, e outro bom, que reconhece a verdade e a ação do Senhor na sua própria vida. «É mau o endeusamento se cegar, se não deixar ver com clareza que temos os pés de barro, já que a pedra de toque para distinguir o endeusamento bom do mau é a humildade. Por isso, é bom, na medida em que não se perde a consciência de que essa divinização é um dom de Deus, graça de Deus; é mau, quando a alma se atribui a si mesma – às suas obras, aos seus méritos, à sua excelência – a grandeza espiritual que lhe foi dada»^[7].

Esse orgulho bom leva-nos a não rejeitar a nossa miséria e a vê-la como a porta por onde deixamos entrar Deus. E essa é precisamente a nossa grandeza: que Deus tenha querido, pela sua misericórdia, fazer-nos muito valiosos aos seus olhos. A humildade, portanto, ajuda-nos a assumir a

pobreza do necessitado para sermos mendigos de Deus, para o deixar entrar, para permitir que ele mude as nossas aparentes seguranças. Quando um coração se sente satisfeito de si mesmo, «não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Deste modo priva-se dos bens maiores. Por isso, Jesus chama felizes aos pobres em espírito, que têm o coração pobre, onde pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade»^[8]. A Virgem, que só se preocupou com o reconhecimento divino, colocando a sua segurança em Deus, adquiriu a verdadeira riqueza: «Hão de chamar-me bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 48).

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 122.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 56.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 302.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 628.

[5] Francisco, Audiência, 22/12/2021.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 94.

[7] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 6.

[8] Francisco, *Gaudete et Exultate*, n. 68.

XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: um olhar para o que nos une; o amor do serviço;
semear paz e alegria.*

Sumário

- Um olhar para o que nos une.
- O amor do serviço.
- Semear paz e alegria.

ALGUNS escribas e fariseus costumavam agir com certo sentido de superioridade. Devido à sua posição, pensavam que mereciam tratamento honorífico do resto do povo judeu. Contudo, Jesus convidou o povo e os Seus discípulos a terem a atitude oposta: «não vos deixeis tratar por ‘Mestres’, porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. Na terra não chameis a ninguém vosso ‘Pai’, porque um só é o vosso pai, o Pai celeste» (Mt 23, 8-9). Desta forma, Cristo não só declara que todos os homens são iguais, mas aponta para a raiz desta realidade: somos todos irmãos porque somos filhos do mesmo Deus.

O profeta Malaquias, como Jesus, também denunciou comportamentos semelhantes por parte de certas autoridades do seu tempo. «Não temos todos nós um só Pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Então porque somos desleais uns para com os outros, profanando a aliança dos nossos pais?» (Ml 2, 10). Tanto Malaquias como o Senhor nos convidam a dirigir o olhar para aquilo que nos une aos outros, e não tanto para aquilo que nos pode separar, porque «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário»^[1].

Às vezes podemos encontrar alguma dificuldade em viver essa fraternidade cristã com as pessoas que nos rodeiam. Isso pode acontecer

principalmente com aqueles com quem convivemos mais tempo, pois experimentamos mais de perto os seus possíveis defeitos. Neste sentido, pode ajudar-nos a concentrar-nos mais em tudo o que nos une a essa pessoa: uma verdadeira amizade que nos acompanhou em momentos importantes, um amor incondicional que cresceu com o passar do tempo, uma mesma vocação que abrange toda a existência... Desta forma, podemos perceber que uma relação não se alimenta apenas das sensações do momento, mas sobretudo de uma realidade comum que marcou a nossa vida.

NO TEMPO de Jesus, como em outras épocas da história, o serviço era visto como uma tarefa de menos categoria. Uma pessoa com qualidades cuidava de trabalhos considerados importantes, enquanto os menos dotados se dedicavam justamente a atendê-los. Cristo, após afirmar a igualdade de todos os homens, mudou completamente a forma como entendemos a sociedade: «Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado» (Mt 23, 11-12). O verdadeiro poder, portanto, não se traduzirá em privilégios, mas sim num espírito de serviço que «é uma expressão de amor, do afeto de sentir muito as necessidades dos outros como nossas»^[2]. Cada um é, à sua maneira, servo dos outros. Numa entrevista, S. Josemaria comentava que «toda a tarefa social bem feita é isso, um estupendo serviço, tanto o trabalho da empregada doméstica como o do professor ou o do juiz. Só não é serviço o trabalho de quem condiciona tudo ao seu próprio bem-estar»^[3].

O espírito de serviço é uma expressão do amor fraterno, e este «só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou»^[4]. É claro que um serviço profissional exige uma remuneração justa. Ao mesmo tempo, quando uma atitude de serviço é fruto do amor ao outro, ultrapassa a lógica do dar-receber e atinge uma nova dimensão, que é mais semelhante à da gratuidade. Alguns pais fazem de tudo pelos filhos sem esperar nada em troca. Nem o fazem como se fosse um dever, uma consequência das obrigações adquiridas. «Quando há amor – dizia S. Josemaria –, atrevo-me a afirmar que nem sequer é necessário fazer propósitos. A minha mãe nunca fez propósitos de me querer bem, e que pormenores de carinho ela tinha por mim!»^[5]. Os pais, nesta atitude de serviço constante, experimentam uma alegria profunda, própria de um coração apaixonado, que não se concentra

principalmente na maior ou menor correspondência do filho ou da filha: ao contemplar a beleza do lar que estão a construir, ficam imensamente *pagos*.

NA SEGUNDA leitura, S. Paulo agradece aos Tessalonicenses pela forma como acolheram o anúncio do Evangelho: «não como palavra humana, mas como ela é realmente, palavra de Deus, que permanece ativa em vós, os crentes» (Ts 2, 13). A fé não se reduz ao conhecimento teórico, mas sim “permanece operativa”, isto é, manifesta-se em todas as nossas obras. Por isso S. Josemaria dizia que os primeiros cristãos eram semeadores de paz e de alegria: as suas casas eram iguais às outras do seu tempo, «mas animados de um espírito novo que contagiava aqueles que os conheciam e com eles conviviam»^[6].

O prelado do Opus Dei salienta que «uma manifestação do espírito de serviço, que de certa forma as inclui todas, é a de *semear paz e alegria*. Como só poderemos dar esta paz e esta alegria se as tivermos, e ambas são um dom de Deus, a melhor maneira de crescer nelas é cuidar com delicadeza os nossos momentos de intimidade com Deus: os sacramentos e a oração pessoal»^[7]. A alegria não depende exclusivamente de circunstâncias externas favoráveis, mas da nossa relação com o Senhor. «Como qualquer outra pessoa, o homem e a mulher de fé experimentam fadiga e doença, dificuldade e ansiedade, dúvida e contradição. Mas, em todas estas situações, sabem que são filhos muito queridos de Deus, têm consciência de que podem apoiar-se n’Ele e, com a Sua ajuda, recuperar a alegria, caso cheguem a perdê-la»^[8].

A vida dos Apóstolos e dos primeiros cristãos não foi isenta de dificuldades. Os três dias após a morte do Senhor encheriam os seus corações de desesperança. Talvez também as perseguições ao anunciar o Evangelho causassem um certo medo e insegurança. Podemos imaginar que nesses momentos mais sombrios a Virgem Maria semearia paz e alegria na alma de cada pessoa. Ela sabia que o seu Filho teria vencido a morte e que estaria com cada um de nós até ao fim do mundo.

NOTAS

- [1] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.
- [2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 9.
- [3] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 109.
- [4] Francisco, *Laudato Si'*, n. 228.
- [5] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, citada em Salvador Bernal, *Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer. Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, Rialp, Madrid 1980, 6.^a ed., p. 37.
- [6] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30.
- [7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 11.
- [8] D. Javier Echevarría, “*Una siembra de paz y de alegría*”, *La Tercera*, 15/10/2008.

XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo B).
Os temas propostos são: Deus convida o homem a participar do seu amor;
a nossa resposta a toda essa grandeza é livre; amar a Deus e amar os seres
humanos são ações que não se separam.*

Sumário

- Deus convida o ser humano a participar do seu amor
- A nossa resposta a toda essa grandeza é livre
- Amar a Deus e os seres humanos são ações que não se separam

«QUAL É O PRIMEIRO de todos os mandamentos?» (Mc 12, 28). Com esta pergunta começa uma conversa íntima entre um escriba e Jesus. «Jesus respondeu: “O primeiro é este: ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e com toda a tua força!”» (Mc 12,29-30). Embora a resposta não pareça estranha para uma pessoa familiarizada com a tradição judia, se o pensarmos friamente, as palavras de Cristo revelam-nos algo surpreendente: Deus, o criador do céu e da terra, o todo-poderoso e eterno, pede ao homem que O ame. Quem tem tudo, quem fez tudo e pode tudo, se apresenta como necessitado. Convida-nos, as suas criaturas saídas do pó (cf. Gn 2, 7), a participar do seu amor e da sua felicidade.

Este sábio israelita fica admirado com o que ouve. O seu coração bem-intencionado se ilumina e compreende que o seu interlocutor tem respostas e um modo de falar que lhe inspiram confiança. Não consegue evitar uma reação emocionada: «Muito bem, Mestre!» (Mc 12, 32). Não era frequente que um escriba reconhecesse tão abertamente que Jesus tinha razão e, além disso, que o fizesse de maneira tão simples. A reação da maioria dos seus companheiros tido sido a contrária e, talvez por isso, S. Marcos nos diz que «ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus» (Mc 12, 34).

Nós, por outro lado, desejaríamos fazer a Jesus todas as perguntas que fervilham no nosso interior. Queremos-lhe pedir que nos explique a mesma coisa uma e outra vez porque, ao saírem dos seus lábios, as coisas nunca soam iguais, as suas palavras nunca voltam sem dar fruto (cf. Is 55, 11).

O demónio luta com insistência contra esta relação confiada que Deus quer estabelecer com os seres humanos. O diabo quer nos convencer, como a nossos primeiros pais, de que Deus tem interesses retorcidos: «Vós não morrereis. Mas Deus sabe que no dia em que dele comerdes, os vossos olhos se abrirão e vós sereis como Deus conhecendo o bem e o mal» (Gn 3, 4-5). «Acaso não temos de algum modo medo, se deixamos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abrimos totalmente a ele, medo de que ele possa tirar algo da nossa vida? Acaso não temos medo de renunciar a algo grande, único, que faz a vida mais bela? (...) Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada, concede tudo. Quem se dá a ele, recebe cem por um. Sim, abri, abram de par em par as portas para Cristo, e encontrarão a verdadeira vida»^[1].

COM PALAVRAS de S. Josemaria, podemos pedir a Deus que abra as nossas inteligências a este dom do seu primeiro mandamento: «Quando vejo que entendo tão pouco das tuas grandezas, da tua bondade, da tua sabedoria, do teu poder, da tua formosura... quando vejo que entendo tão pouco, não me entristeço: alegro-me de que sejas tão grande que não caibas no meu pobre coração, na minha miserável cabeça. Meu Deus! (...) Toda essa grandeza, todo esse poder, toda essa formosura... a minha! E eu... d'Ele!»^[2].

Além disso, surpreende-nos a vontade de Deus ao entrar nessa relação de amor confiada com os homens, pois Ele oferece-nos uma liberdade absoluta para responder ao seu convite. Não faz nenhum tipo de chantagem, nem pressão, nem manobra. Percebemos facilmente que somos livres, que está em nosso poder aceitar todo esse bem, mas também podemos fazer de conta que não escutamos nada. Quando alguém deseja ser amado, mas não obriga os outros a fazê-lo, é especialmente recetivo a qualquer manifestação de carinho. Recebe tudo como um presente, o seu coração transborda de alegria até com o menor detalhe. Deus é assim connosco, de certa forma:

não porque não mereça o nosso amor, mas porque nós nunca estaremos à altura d'Ele. A distância é infinita, mas Deus percorreu-a com muito gosto, no seu filho Jesus Cristo. Ele mesmo disse que o seu jugo é suave e o seu peso é leve (cf. Mt 11, 30).

«O SEGUNDO mandamento é: amarás o teu próximo como a ti mesmo! Não existe outro mandamento maior do que estes» (Mc 12, 31). Perguntaram a Jesus sobre qual é o mandamento mais importante e Ele responde com dois mandamentos. É como se os colocasse no mesmo nível, como se fossem as duas faces da mesma moeda. «Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama»^[3].

Ao ajudar os outros, procurando imitar o estilo divino, entendemos melhor Deus e o seu amor por nós. Dar carinho e recebê-lo, de Deus e dos outros, são momentos que não podem se separar. Se tentamos diferenciá-los demais, corremos o risco de permanecer na teoria, de menosprezar as duas relações. O amor que Deus tem por nós concretiza-se na necessidade do meu irmão, na minha disponibilidade para estar perto dele, ajudá-lo, acompanhá-lo. «Precisamos reconhecer também que cada pessoa é digna da nossa dedicação. E não pelo seu aspeto físico, suas capacidades, sua linguagem, sua mentalidade ou pelas satisfações que nos pode dar, mas porque é obra de Deus, criatura sua. Ele criou-a à sua imagem, e reflete algo da sua glória. Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida. Na cruz, Jesus Cristo deu o seu sangue precioso por essa pessoa»^[4].

Aos pés dessa mesma cruz, no lugar onde todos ganhamos a possibilidade de ter um relacionamento íntimo com Deus, está a nossa mãe. Nossa Senhora é quem melhor combinou os dois mandamentos: amou a Deus porque amou os outros e amou os outros porque amou a Deus. Levando-nos pela mão, a nossa “mãe amável” pode nos introduzir nessa torrente de carinho.

NOTAS

- [1] Bento XVI, Homilia, 24/04/2005.
- [2] S. Josemaria, Meditação, 27/03/1975.
- [3] Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 18.
- [4] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 274.

XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXXI domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: o desejo de procurar Jesus; ver para lá do superficial; uma conversão sincera.*

Sumário

- O desejo de procurar Jesus.
- Ver para lá do superficial.
- Uma conversão sincera.

ZAQUEU ERA um homem rico que provavelmente não gozava de boa fama entre os seus conterrâneos. Dedicava-se a cobrar os impostos que deviam ser pagos ao imperador romano, e com isso era visto como um traidor. Além disso, alguns publicanos costumavam aproveitar a sua posição para conseguir mais dinheiro das pessoas, chantageando-as. Lemos no Evangelho que este homem, contudo, logo que soube que Jesus tinha chegado a Jericó, quis ir conhecê-lo. Era de pequena estatura e, como a multidão o impedia de ver o Senhor, «correu mais à frente e subiu a um sicómoro, para ver Jesus, que havia de passar por ali» (Lc 19, 4).

Zaqueu não duvidou em realizar este gesto que podia ser considerado ridículo. Embora normalmente devesse manter as aparências devido à sua função, o desejo de ver Jesus é maior que a tentação de querer ficar bem. Está disposto a sacrificar até a sua própria honorabilidade, não tem reparo em correr agitado, trepar e assomar por entre os ramos. O seu interesse por encontrar Cristo é mais que uma simples curiosidade. O que Zaqueu procura, de modo mais ou menos consciente, parece ser a verdade da sua própria vida. Podemos intuir que Zaqueu tinha experimentado que as riquezas não satisfazem os desejos mais profundos do homem e, por isso, quis ir ao encontro do Senhor.

«Quando Jesus chegou ao local, olhou para cima e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, que Eu hoje devo ficar em tua casa”» (Lc 19, 5). Cristo chama pelo nome um homem mal visto socialmente. Zaqueu, surpreendido, «desceu rapidamente e recebeu Jesus com alegria» (Lc 19, 6). Não foi só satisfeito o seu desejo de ver Jesus, mas teve a dita de O acolher em sua casa. Também nós experimentámos, como Zaqueu, que nada pode preencher esse vazio de sentido que só encontramos em Deus. E hoje vemos como basta a Jesus o desejo sincero de uma alma por procurá-l’O: «Onde está o teu desejo de Deus? Porque a fé é isto: ter o desejo de encontrar Deus, de o encontrar, de estar com ele, de ser feliz com ele»^[1].

AS PALAVRAS de Jesus causaram certo burburinho entre os habitantes de Jericó. «Ao verem isto, todos murmuravam, dizendo: “Foi hospedar-Se em casa dum pecador”» (Lc 19, 7). Noutras alturas, o Senhor já tinha sido criticado por se rodear de pessoas que não eram conhecidas exteriormente por serem cumpridoras zelosas da Lei. A atitude de Jesus era a que tinha profetizado Ezequiel: «Hei de procurar a ovelha que anda perdida e reconduzir a que anda tresmalhada. Tratarei a que estiver ferida, darei vigor à que andar enfraquecida» (Ez 34, 16). Olhando para este modo de comportar-se do Filho de Deus, S. Josemaria animava os seus filhos a fazer o que fosse preciso para ajudar uma pessoa: «Sigamos o exemplo de Jesus Cristo, não rejeitemos ninguém: para salvar uma alma, temos de ir até às próprias portas do inferno. Para lá delas, não, porque para lá não se pode amar a Deus»^[2].

O olhar do Senhor vai para além dos preconceitos sociais; também não fica nas más ações que Zaqueu possa ter realizado, mas vislumbra toda a sua beleza de filho e todo o bem que pode levar a cabo. «Por vezes, procuramos corrigir ou converter um pecador repreendendo-o, criticando os seus erros e o seu comportamento injusto. A atitude de Jesus com Zaqueu indica-nos outro caminho: o de mostrar a quem erra o seu valor, aquele valor que Deus continua a ver, não obstante tudo, apesar de todas as nossas faltas»^[3]. O Senhor não repara nos erros do passado, mas sim nos desejos profundos do seu coração, e aqui encontra um ferido a necessitar de ser curado. As pessoas superam-se quando se sentem queridas, quando se sabem válidas, merecedoras da confiança do outro. É isto que faz Cristo

com cada um de nós: não se detém na nossa falta, mas cura-a e supera-a com amor, e torna sempre novo o nosso desejo de estar com Ele.

ESSE BEM que Jesus tinha vislumbrado em Zaqueu começa a manifestar-se. Levantando-se, o anfitrião dirige-lhe estas palavras: «Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se causei qualquer prejuízo a alguém, restituirei quatro vezes mais» (Lc 19, 8). Os horizontes existenciais de Zaqueu mudaram depois do encontro com Cristo. A sua prioridade já não será enriquecer à custa da sua posição, mas ajudar os mais necessitados através do seu trabalho. «Dar-se conta da existência de outro ser humano, do próximo, constitui um dos principais frutos duma conversão sincera. O homem abandona o seu egoísta “ser para si mesmo” e torna-se altruísta, sente a necessidade de “ser para os outros”»^[4].

Ninguém tinha pedido a Zaqueu um ato de generosidade tão grande. Habitado a fazer contas económicas, não se detém em cálculos porque não se sente na obrigação de responder a uma procura: pura e simplesmente, decide tomar a iniciativa. E o que decide não lhe parece heroico, porque está admirado com a bondade do Senhor; sabe que antes foi amado. «Livramento, sem qualquer coação, porque me apetece, decido-me por Deus. E comprometo-me a servir, a converter a minha existência numa entrega aos outros, por amor ao meu Senhor Jesus»^[5].

Zaqueu está agradecido, admirado, e isto preenche-o de um modo que as riquezas não conseguiam. Por isso, saber-nos livres para amar «leva-nos a experimentar na alma a alegria e, com ela, o bom humor»^[6]. Podemos pedir a Maria que saibamos descobrir a felicidade que dá a vida junto do seu Filho, atentos às necessidades dos outros.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 12/03/2018.

[2] S. Josemaria, *Instrucción*, 08/12/1941.

[3] Francisco, Angelus, 30/10/2016.

[4] S. João Paulo II, Homilia, 08/06/1999.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 35.

[6] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 6.

Segunda-feira da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXXI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma lógica de humildade e caridade; o valor do pequeno e do grande; para receber os dons de Deus.

Sumário

- Uma lógica de humildade e caridade.
- O valor do pequeno e do grande.
- Para receber os dons de Deus.

JESUS tinha sido convidado para uma refeição em casa de um fariseu de posição relevante. Depois de animar os convidados a não procurarem sempre os melhores lugares à mesa (cf. Lc 14, 8-11), dirige-se ao anfitrião e diz-lhe: «Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído» (Lc 14, 13). Se antes falava aos presentes sobre humildade, agora quer mostrar que esta também vai acompanhada da caridade.

Pode ser desconcertante que Jesus comente estes ensinamentos num banquete. No entanto, aproveita esta ocasião para transmitir o que Ele mesmo fará mais tarde: entregar-Se na cruz com a maior humildade e sem esperar retribuição. Quer que os Seus ouvintes entrem nessa nova lógica, contrária àquela que nos leva a pensar apenas em nós mesmos e que é a que nos leva à verdadeira felicidade. Como disse S. Josemaria: «Quanto mais generoso fores, por Deus, mais feliz serás»^[1].

«Não tenhas medo! – dizia S. João Paulo II a um grupo de jovens na Suíça – Deus não se deixa vencer em generosidade! Depois de quase sessenta anos de sacerdócio, sinto-me feliz por prestar aqui, perante todos vós, *o meu testemunho*: é bonito poder gastar-se até ao fim pela causa do Reino de Deus! (...) *Tende nas vossas mãos a Cruz de Cristo*. Nos vossos

lábios, as palavras de Vida. No vosso coração, *a graça salvífica* do Senhor ressuscitado!»^[2].

«QUANDO ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te», disse Jesus, «ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos» (Lc 14, 14). Sabemos que, de maneira misteriosa, a ressurreição será a *forma de pagamento* de Deus; recuperaremos o que demos, mas de uma maneira plena. Aparentemente damos a nossa vida, mas na realidade é para recebê-la novamente das mãos de Deus Pai: «O próprio Deus em pessoa é o prémio e o fim de todos os nossos esforços»^[3], diz S. Tomás de Aquino.

Jesus, nesta passagem evangélica, encoraja-nos a libertar-nos também de um possível agradecimento legítimo; não se trata tanto de rejeitá-lo, mas de que não é a verdadeira razão pela qual agimos. O Senhor convida-nos a descobrir a Sua própria maneira de amar e de Se dar aos outros, sem calcular benefícios e considerações. Quem ama assim desfruta muito mais do amor, porque também o recebe livremente, sem imposições ou coações.

S. Josemaria, ao considerar a gratuidade do amor de Deus pelos homens, soube ponderar o imenso valor de tudo o que fazemos, pois nem o pequeno, nem o grande podem ser comparados com o que recebemos. «Alguém pode imaginar que na vida comum há pouco a oferecer a Deus: ninharias, ninharias. Um menino, querendo agradar ao pai, oferece-lhe o que tem: um soldadinho de chumbo com a cabeça cortada, um carrinho de linhas sem fio, algumas pedrinhas, dois botões: tudo o que tem de valor nos bolsos, os seus tesouros. E o pai não considera a infantilidade do presente: agradece-lhe e abraça o filho junto ao coração, com imensa ternura. Vamos agir assim com Deus, que essas coisas infantis – essas pequenas coisas – se tornem grandes coisas, porque o amor é grande»^[4].

ÀS VEZES, por uma mentalidade que dificilmente entra na lógica da gratuidade, pode ser difícil para nós aceitarmos a incondicionalidade do amor divino. Podemos pensar que os nossos méritos e esforços são as únicas formas legítimas de alcançar algo de valor. Estando imersos numa

lógica comercial, apenas humana, o que pode acontecer é que o «coração se encolhe, se fecha e não é capaz de receber tanto amor, tanto amor gratuito». Por isso, podemos pedir ao Senhor: «Que a nossa vida de santidade seja este alargar o coração, para que a gratuidade de Deus, as graças de Deus que estão nela, gratuitas, que Ele deseja doar, possam chegar ao nosso coração»^[5].

No Evangelho lemos que Jesus, para o seu banquete, convidaria aqueles que não lhe pudessem pagar na terra. E faz sentido, porque como podemos pagar a Deus pelo que nos dá na Eucaristia, na Confissão, nos sacramentos e em todos os Seus dons? Preparar-se interiormente para receber os sacramentos não entra na lógica de pagar pelo que faz por nós, mas de dilatar a nossa alma para que esses dons preencham a nossa vida e nos levem a amar como Ele.

S. Josemaria diz que «O Senhor não tinha um coração seco, tinha um coração de profundidade infinita que sabia agradecer, que sabia amar»^[6]. Jesus aprecia os pequenos e grandes pormenores de amor que queremos oferecer-Lhe. Podemos pedir a Santa Maria que os nossos corações sejam cada vez mais semelhantes ao dela, abertos à gratuidade e aos desígnios de Deus.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 18.

[2] S. João Paulo II, Discurso, 05/06/2004.

[3] S. Tomás de Aquino, *Sobre o Credo*, 2, l.c.

[4] S. Josemaria, *Carta 1*, n. 19.

[5] Francisco, *Meditações matutinas*, 11/06/2019.

[6] citado em Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria Escrivá*, Diel, Lisboa, 2000.

Terça-feira da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXXI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: um convite gratuito; a felicidade não é individualista; Deus quer que todos se salvem.

Sumário

- Um convite gratuito.
- A felicidade não é individualista.
- Deus quer que todos se salvem.

DURANTE uma refeição na casa de um fariseu, Jesus contou a parábola dos convidados para as bodas. «Certo homem preparou um grande banquete e convidou muita gente. À hora do festim, enviou um servo para dizer aos convidados: ‘Vinde, que está tudo pronto’» (Lc 14, 16-17). O Senhor usa este exemplo para descrever o Reino de Deus. E uma das suas características é justamente ser gratuito. Aquele homem não exigiu nada para participar no banquete. Estava tudo pronto: só faltava aproveitar a noite. «Esta é a vida cristã, *uma história de amor com Deus*, na qual quem toma gratuitamente a iniciativa é o Senhor e nenhum de nós pode gloriar-se de ter a exclusividade do convite: ninguém é privilegiado relativamente aos outros, mas cada um é privilegiado diante de Deus. Deste amor gratuito, terno e privilegiado, nasce e renasce incessantemente a vida cristã»^[1].

Esta gratuidade é o que ocorre também nas relações familiares. Uma criança não precisa de merecer o amor dos pais; nem faria sentido tentar saldar a dívida que tem com eles por todos os cuidados que recebeu. É amado por seu pai e sua mãe exatamente como é, e eles sempre lhe oferecerão o seu amor, mesmo que muitas vezes não seja correspondido. Algo semelhante acontece no nosso relacionamento com o Senhor. É Deus quem nos procura. Não se contenta com ter uma relação, por assim dizer, de justiça, atenta para que cada parte cumpra rigorosamente os seus deveres. Ele quer construir connosco uma verdadeira comunhão de vida, baseada no

amor incondicional. Por isso mantém sempre o convite a participar no banquete do Reino de Deus, mesmo quando o rejeitámos. «Hoje diz-me a mim, a ti, a cada um de nós: “Amo-te e sempre te amarei; és precioso aos meus olhos”»^[2]. Ao mesmo tempo, como salienta o prelado do Opus Dei, quando decidimos aceitar o Seu convite, os primeiros beneficiários somos nós próprios. «Não somos nós que Lhe fazemos um favor: é Deus que ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido»^[3].

APESAR do convite gratuito, muitos apresentaram desculpas para não comparecerem ao banquete: «Comprei um campo e preciso de ir vê-lo»; «Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las»; «Casei-me e por isso não posso ir» (Lc 14, 18-20). Não parece que aquelas pessoas tenham sentido desprezo por aquele jantar. Simplesmente, pensaram que estes assuntos pessoais mereciam mais atenção e, por isso, justificavam a sua ausência. «Vemos aqui como se afasta do amor, não por malvadez, mas porque se prefere o *seu*: as seguranças, a auto afirmação, as comodidades... Então reclinamo-nos nas poltronas dos lucros, dos prazeres, de qualquer passatempo que nos faça estar um pouco alegres. Mas deste modo envelhece-se depressa e mal, porque se envelhece dentro: quando o coração não se dilata, fecha-se, envelhece»^[4].

A lógica do Reino de Deus é diferente da do mundo. Não é refugiando-nos na nossa própria segurança que encontraremos a felicidade, mas deixando espaço para os outros, para as pessoas que nos convidam a estar com elas. Se pensarmos nas experiências mais bonitas das nossas vidas, certamente a maioria delas terão sido momentos compartilhados com alguém. Muitos acontecimentos terão sido repletos de alegria e emoção, e outros poderão ter sido mais rotineiros ou até dispendiosos, mas que guardamos com carinho na memória porque nos lembram que houve alguém ao nosso lado que nos acompanhou naquela situação. Enquanto o individualismo nos leva a pensar que a principal forma de ser feliz é ter uma segurança que proteja o nosso espaço de vida, seja material ou não – tempo livre, dinheiro, acumulação de experiências cada vez mais emocionantes... – Jesus chama-nos a não nos encerrarmos e aceitar os convites das pessoas que passam por nós. Como dizia S. Josemaria: «O que

é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[5].

PERANTE a rejeição dos comensais, o dono da casa decidiu estender o convite a muito mais pessoas. «Vai depressa pelas praças e ruas da cidade – disse ao servo – e traz para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos». E como ainda havia espaço, voltou-se novamente para o seu criado: «Vai pelos caminhos e azinhagas e obriga toda a gente a entrar, para que a minha casa fique cheia» (Lc 14, 21-23).

Outra característica do Reino de Deus é a sua universalidade: não há mais distinção «entre judeu e grego, pois todos têm o mesmo Senhor, rico para com todos os que o invocam» (Rm 10, 12-13). «Deus quer que todos se salvem –comentava o fundador do Opus Dei: Isto é um convite e uma responsabilidade que pesam sobre cada um de nós. A Igreja não é um reduto de privilegiados»^[6].

Jesus não ofereceu a Sua mensagem de salvação apenas a alguns. Prova disso é que os apóstolos não se limitaram a anunciar o Evangelho às cidades próximas de Israel, mas percorreram o mundo então conhecido. «A grande Igreja será porventura uma exígua parte da Terra?»^[7] – Assim escrevia Sto. Agostinho – (...) A grande Igreja é o mundo inteiro. Aonde quer que te dirijas, aí está Cristo. Tens por herança os confins da Terra. Vem! Toma posse dela toda comigo»^[8]. Onde quer que estejamos, também nós podemos dirigir o convite do Senhor às pessoas que nos rodeiam para participarem no Seu banquete. Podemos pedir à Virgem Maria para nos dar um coração como o do seu Filho, cheio de desejos de salvação de todas as almas.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 15/10/2017.

[2] Francisco, Homilia, 24/12/-2019.

[3] Fernando Ocáriz, «*Luz para ver, força para querer*», *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno p. 32.

[4] Francisco, Homilia, 15/10/2017.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 263.

[7] Sto. Agostinho, *Enarrationes in Psalmos*, 21, 2, 26 (PL 36, 177).

[8] *Ibid.*, 21, 2, 30 (PL 36, 180).

Quarta-feira da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXXI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: deixar tudo por Cristo é um dom; primeiro examinar os dons recebidos; o fruto de carregar a Cruz.

Sumário

- Deixar tudo por Cristo é um dom.
- Primeiro, examinar os dons recebidos.
- O fruto de carregar a Cruz.

S. LUCAS, no Evangelho da Missa de hoje, coloca-nos diante de umas palavras de Jesus que talvez nos tenham surpreendido alguma vez: «Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 25). Em diversos textos do Antigo Testamento, «amar e odiar» são usados como indicação de preferência definitiva, como escolha forte. Diz-se que Jacob amava Raquel e odiava Lia (cf. Gn 29, 30), ou que o Senhor amou Jacob e odiou Esaú (cf. Rm 9, 13). Nesse sentido, as palavras de Jesus ensinam-nos que seguir os seus passos está acima de qualquer outro caminho nesta terra. «Devemos ter caridade com todos, com os parentes e com os estranhos, mas sem nos afastarmos do amor de Deus pelo amor deles»^[1], comentava S. Gregório Magno. Também «poderiam traduzir-se as palavras de Cristo por amar mais, amar melhor, ou então por não amar com um amor egoísta, nem tão pouco com um amor de vistas curtas: devemos amar com o Amor de Deus»^[2].

Só quando descobrimos que aquilo que Jesus nos pede é, na realidade, um dom, o agradecimento possibilita uma resposta generosa. Jesus não deixa de chamar ninguém. Com todos quer partilhar o que tem de maior, um amor verdadeiro e incondicional e, por isso, pede-nos para estarmos livres para o receber. É então que as outras realidades terrenas adquirem o seu

justo peso e se situam no lugar adequado da nossa existência. Noutra ocasião da vida de Jesus, ouvimos-l'O dizer: «Em verdade vos digo: quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, e irmãos e irmãs, e mães, e filhos e campos, com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna» (Mc 10, 29-30).

DEPOIS DE chamar os seus ouvintes para uma entrega total, Jesus utiliza dois exemplos um pouco desconcertantes. Em primeiro lugar, fala-lhes de um homem que decidiu construir uma torre e não se sentou a calcular quanto lhe ia custar. No segundo caso, apresenta-lhes a batalha que um rei vai travar com outro monarca e refere-lhes a necessidade de sentar-se para deliberar se a vitória é possível. É estranho que Jesus, logo a seguir a ter pedido para darem tudo, fale de cálculos e deliberações.

Talvez o seu objetivo seja precisamente fazer-nos pensar sobre uma constante na sua vida: que a entrega verdadeira pressupõe sempre considerar atentamente um dom prévio; de facto, a própria entrega, apesar de parecer que só nós a podemos pôr em prática, na realidade é movida silenciosamente por Deus. Na noite prévia à sua Paixão, Jesus adiantou-se com as suas palavras ao sacrifício redentor dizendo: «Ninguém me tira, mas sou Eu que a ofereço livremente» (Jo 10, 18). E para que não haja dúvida, entrega a sua vida no meio da alegria: «Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer» (Lc 22, 15). A entrega total surge do agradecimento perante um grande dom que se recebeu gratuitamente. Jesus agradece ao seu Pai toda a bondade que está na iminência de derramar sobre o mundo, reconhece que se sente feliz de poder participar nessa redenção dos homens. Só daí brota uma entrega sem cálculos nem medidas.

Com os exemplos do Evangelho, podemos examinar aquilo que recebemos e ver com que meios contamos. Se queremos construir uma torre para chegar ao céu ou ganhar a batalha da nossa vida, devemos analisar primeiro quais são as nossas armas. Muitas vezes não nos falta sinceridade nos nossos propósitos nem desejos de corresponder a Deus, mas pode fazer-nos falta considerar qual é a força e o meio mais valioso com o qual contamos: a chamada do Senhor e Ele próprio. Se vemos Deus como um

adversário, é fácil entendermos as suas petições como uma perda para nós. Se O descobrimos no nosso campo, do nosso lado, então lançamo-nos a construir o que seja necessário.

CHAMA A atenção uma coincidência talvez insignificante nos dois exemplos que Jesus propõe: antes de iniciar a construção e antes de entrar na batalha, ambas decisões deveriam ser tomadas estando sentados. Sentar-se para examinar se podemos construir a torre ou se seremos capazes de vencer numa batalha pode significar recolhermo-nos no nosso interior para discernir se a nossa confiança está posta principalmente em Deus e não ceder à autossuficiência; ainda menos, a atalhos que nos levam a solucionar as coisas com uma astúcia mundana. Esta batalha interior é a primeira e é fundamental para depois seguir Cristo com magnanimidade. Pode dizer-se, portanto, que «há uma guerra mais profunda que devemos combater, todos! É a decisão forte e corajosa de renunciar ao mal e às suas seduções e de escolher o bem, dispostos a pagar em primeira pessoa: eis o seguir Cristo, o carregar a própria cruz!»^[3].

Quando se vive para as grandezas de Deus e confiados n'Ele, então mesmo os «pequenos incómodos, sofridos e abraçados com amor, são agradabilíssimos à divina Bondade, que por apenas um copo de água prometeu aos seus fiéis o mar inesgotável de uma bem-aventurança cumprida. E como encontramos estas ocasiões a cada instante, quando aproveitadas são um excelente meio de acalentar muitas riquezas espirituais»^[4]. S. Josemaria, um dia em que participava numa bênção com um fragmento do *Lignum Crucis*, disse àqueles que estavam com ele: «Depois de nos darem a bênção, vamos beijar a cruz, mas dizendo sinceramente que a amamos, porque já não vemos na cruz o que nos custa ou o que nos possa custar, mas a alegria de nos podermos dar, despojando-nos de tudo para encontrar todo o amor de Deus»^[5].

A Virgem Maria soube estar aos pés da cruz e deixar tudo, inclusive o seu filho, nas mãos de Deus. Talvez uma ação de graças tenha brotado do seu coração ao comprovar o que Deus faz pelos homens e até que ponto nos ama, apesar de isso implicar a dor de prescindir temporalmente de Jesus.

«No meio das trevas da Paixão e da morte do seu Filho, continuou a acreditar e a esperar a sua Ressurreição, na vitória do amor de Deus»^[6].

NOTAS

[1] S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 37, 3.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 97.

[3] Francisco, *Angelus*, 08/09/2013.

[4] S. Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, III, 35.

[5] S. Josemaria, Palavras de 14/09/1969, citadas em Javier Echevarría, *Recordando o Beato Josemaria Escrivá*, Diel, Lisboa.

[6] Francisco, *Audiência*, 01/03/2017.

Quinta-feira da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXXI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o mistério de Deus ser misericórdia.; Deus alegra-Se ao perdoar-nos; O perdão que encontramos na Confissão.

Sumário

- O mistério de Deus ser misericórdia.
- Deus alegra-Se ao perdoar-nos.
- O perdão que encontramos na Confissão.

«QUEM DE VÓS, que possua cem ovelhas e tenha perdido uma delas, não deixa as outras noventa e nove no deserto, para ir à procura da que anda perdida, até a encontrar?» (Lc 15, 4). Ao escutarmos hoje estas palavras, é possível que nos enchamos de gratidão a Deus recordando-nos de tantas vezes em que sentimos a constância de Deus em nos procurar quando estávamos perdidos. «Eu vos digo – continua Jesus –, assim haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento» (Lc 15, 7). Queremos compreender esta «maior alegria do Céu» da qual Cristo nos fala. Que mistérios encerra? Porque é que Deus se alegra tanto por um pecador que se arrepende? Não se importa mais com as nossas boas ações ou com a nossa luta por cumprir os seus mandamentos?

S. Josemaria tentou mergulhar nestas cenas e saboreá-las: «Não O ouvistes falar também de ovelhas e rebanhos? E com que ternura! Como Se regozija ao descrever a figura do Bom Pastor!»^[1]. Ele próprio tinha experiência de observar no campo cenas parecidas: «Se alguma se tinha descalabrado – como dizem ali –, se tinha partido uma pata, reproduzia-se a velha imagem: levavam-na aos ombros. Vi também como o pastor – eram pastores toscos, que parecia não terem capacidade de ternura – levava amorosamente entre os seus braços um cordeiro recém-nascido»^[2]. Na realidade, esta «alegria do Céu» por encontrar uma ovelha perdida revela-

nos o verdadeiro rosto de Deus Pai, que «perdoa tudo e perdoa sempre. Quando Jesus descreve aos seus discípulos o rosto de Deus, esboça-o com expressões de terna misericórdia. Diz que há mais alegria no Céu por um pecador que se arrepende do que por uma multidão de justos que não precisam de conversão. Nos Evangelhos nada sugere que Deus não perdoa os pecados de quem tem boas disposições»^[3]. Talvez o desafio seja compreender que somos nós os primeiros a precisar da misericórdia de Deus; que somos nós que, voltando uma e outra vez para o Pastor, podemos alegrar o Céu inteiro.

«ALEGRAI-VOS COMIGO, porque encontrei a minha ovelha perdida» (Lc 15, 6). A alegria de Deus é contagiosa. Reúne todas as pessoas e pedelhes que partilhem a sua alegria. Não podemos imaginar o grau de felicidade que Deus experimenta na sua intimidade, mas podemos aproximar-nos deste mistério pelo menos com o desejo de aprofundar nele. Porque é que Deus é tão feliz quando nos perdoa? Uma das razões é que, com o perdão, não perdemos a maravilha do amor de Deus. De facto, a palavra «perdoar» significa dar completamente, outorgar uma oferenda perfeita. «Que te fiz eu, Jesus, para que me ames assim? – perguntava-se S. Josemaria –. Ofender-Te... e amar-Te. Amar-Te: a isto se vai resumir a minha vida»^[4].

Por outro lado, quando se pede perdão estão-se a manifestar, ainda que implicitamente, muitas coisas à pessoa ofendida. As mensagens que se costumam transmitir são, por exemplo: «Gostaria de não o ter feito» ou «Gostaria de restabelecer o afeto que tínhamos antes». Um filho que pede perdão é um filho que ama o seu pai, confia nele, quer-lhe bem. Custa-lhe tê-lo feito sofrer. Ao pedir perdão queremos pôr fim à situação que causa o pecado, que é precisamente a rejeição do amor de Deus por nós. A alegria que experimentamos quando somos perdoados, sendo já grande, é um pálido reflexo da alegria que Deus sente quando nos recupera vivos.

«O orante do Salmo 27, rodeado pelos inimigos (...), pode oferecer o seu testemunho cheio de fé, afirmando: ‘O meu pai e a minha mãe abandonaram-me, mas o Senhor socorreu-me’. Deus é um Pai que nunca abandona os seus filhos, um Pai amoroso que sustenta, ajuda, acolhe,

perdoa e salva, com uma fidelidade que ultrapassa imensamente a dos homens, para se abrir a dimensões de eternidade»^[5]. E não Se fica por aí. Além disso, diz-nos que perdoar-nos é a sua grande alegria.

NA CONFISSÃO, podemos aprofundar neste mistério da alegria e do gozo divinos. «Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que Te amo» (Jo 21, 17). Com esta frase, ou com alguma semelhante, dizemos a Jesus que, embora por vezes os nossos atos o escondam um pouco, no fundo amamo-l'O. É verdade que vamos confessar os nossos pecados, mas confessamos acima de tudo a sua bondade, o seu carinho e a sua misericórdia. Não merecemos nada e, no entanto, atrevemo-nos a pedir perdão. Embora talvez nos tenhamos habituado, na realidade, ao confessarmos os nossos pecados, desafiamos a lógica humana e somos introduzidos em cheio na lógica divina. Abandonamos o juízo que instintivamente fazemos acerca da nossa vida para deixar que Deus tenha a última palavra.

E a sentença é contundente: «Declaro-te inocente». No mesmo processo, vemos como Cristo assume as nossas culpas, os nossos pecados e a responsabilidade que nos corresponde. Carrega com os nossos pecados para nos libertar deles: «O castigo que nos devia trazer a paz caiu sobre Ele, e nós fomos curados nas suas chagas» (Is 53, 5). «O perdão não é fruto dos nossos esforços, mas uma dádiva; é um dom do Espírito Santo, que nos enche com a purificação de misericórdia e de graça que brota incessantemente do coração, aberto de par em par, de Cristo crucificado e ressuscitado»^[6]. E, como se tal não bastasse, diz-nos que isso O enche de alegria. Onde se viu algo semelhante?

Transmitir aos outros, quando for oportuno, a existência deste dom, é sinal de que o valorizamos e de que estamos sinceramente gratos por ele. Podemos pedir à Virgem Maria que sejamos apóstolos da Confissão, para aproximar os nossos amigos do abraço do perdão divino.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Notas de uma tertúlia, 13/03/1955.

[2] S. Josemaria, *Cartas* 27, n. 22.

[3] Francisco, Audiência, 24/04/2019.

[4] S. Josemaria, Apontamentos íntimos, 5, 358-359, 29/10/1931.

[5] Bento XVI, Audiência, 30/01/2013.

[6] Francisco, Audiência, 19/02/2014.

Sexta-feira da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXXI do Tempo Comum. Os temas propostos são: o envolvimento pessoal nas coisas de Deus; a astúcia do bom ladrão; tratar a Deus com ambição de crianças

Sumário

- O envolvimento pessoal nas coisas de Deus.
- A astúcia do bom ladrão.
- Tratar Deus com ambição de crianças.

NA PARÁBOLA que o Senhor conta hoje no Evangelho, o administrador infiel aproveita o seu iminente despedimento para renegociar as suas dívidas e poder assim ser admitido mais tarde noutros negócios. «Toma o teu recibo, senta-te depressa e escreve cinquenta» (Lc 16, 6), diz ele aos devedores. A pessoa perspicaz prevê e previne as coisas. Nesta parábola, Jesus elogia aquele servo que se preveniu, anima-nos a termos com as coisas do Seu Pai pelo menos a mesma esperteza que têm aqueles que só cuidam dos seus próprios negócios.

O administrador infiel foi astuto e calculou minuciosamente o que mais lhe convinha. Soube prever o que lhe podia vir a faltar no futuro. «Face a tal astúcia mundana, somos chamados a responder com a astúcia cristã, que é um dom do Espírito Santo»^[1]. A Ele queremos pedir que infunda nas nossas inteligências a criatividade e a determinação para tornarmos real este desejo do Senhor.

Sto. Agostinho, comentando esta passagem, pergunta-se: «Observemos para que vida tomou precauções aquele administrador? E se ele se preocupou com esta vida que tem um fim, tu não te preocuparás com a tua vida eterna?»^[2]. Logicamente, Jesus não espera dos seus discípulos a deslealdade deste administrador. Deseja que o nosso envolvimento e compromisso com a Sua divina missão sejam inteligentes, que ponhamos

em jogo todos os nossos dons e talentos. Não quer que o seu Reino em nós seja imposto de fora, mas que verdadeiramente O queiramos, que descubramos que aí está a nossa felicidade. Gostaríamos que tudo o que é de Deus seja também nosso. Queremos parecer-nos muito mais com o Seu Filho do que com o administrador da parábola: «Amar – diz S. Josemaria –, é não albergar senão um pensamento: viver para a pessoa amada, não se pertencer a si mesmo, estar submetido, venturosa e livremente, com a alma e o coração, a uma vontade alheia – e ao mesmo tempo própria»^[3].

NO CIMO do Calvário há um pobre ladrão que viu como o saco em que guardava todos os seus roubos acabou por se rasgar. Conforma-se com a sua sorte e conta isto ao seu companheiro, que continua a queixar-se: «Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam. Mas Ele nada praticou de condenável» (Lc 23, 41). Contudo, a sua profissão também o tornou perspicaz e tenta um último recurso. Olha para Jesus e faz-lhe um pedido surpreendente: «Jesus, lembra-te de mim quando estiveres no Teu Reino» (Lc 23, 42). Não se sente com forças para exigir nada. Basta-lhe uma lembrança. Talvez sinta que, se conseguir, não estará sozinho para onde quer que a morte o leve. Jesus responde-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43).

De certa forma, este bom ladrão faz o oposto do administrador infiel. Já errou o caminho muitas vezes, mas não está disposto a falhar de novo, só lhe resta uma oportunidade. Jesus conhece o mais profundo dos seus desejos e realiza-os acima do que seria de esperar. Com Jesus, é melhor ser direto e sem rodeios. «Entre os vários aspetos da luz, que nos guia no caminho da fé, inclui-se também uma santa “astúcia” (...) Trata-se daquela sagacidade espiritual que nos permite reconhecer os perigos e evitá-los. Os Magos souberam usar esta luz feita de “astúcia” quando, no caminho de regresso, decidiram não passar pelo palácio tenebroso de Herodes, mas seguir por outro caminho»^[4].

Não queremos ser ingénuos e pensar que não há perigos, que nós somos inexpugnáveis. Sabemos alguma coisa sobre a atração de palácios como o de Herodes. Intuímos que o ladrão deve ter sofrido uma dolorosa conversão interior. Mas o discernimento ajuda-nos a procurar refúgio onde nada nos

pode afastar do nosso amor, anima-nos a não ficarmos em silêncio diante de Jesus, antes sim, a contar-lhe diretamente e sem rodeios o que nos vai na alma.

NA NOSSA relação com Deus, não podemos esquecer os conselhos de S. Paulo: «Não vos enganeis: de Deus não se zomba. Pois o que um homem semear, também o há de colher: quem semear na própria carne, da carne colherá a corrupção, mas quem semear no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna» (Gl 6, 7-8). Com Deus, a sinceridade plena e a simplicidade total valem sempre a pena, pois Ele conhece o mais íntimo de nós mesmos. Estas virtudes não são fáceis, porque às vezes pressupõem o reconhecimento de que somos vulneráveis ou de que estamos enganados.

No entanto, os frutos deste realismo saudável, desta abertura com Deus, são imediatos: «— Jesus, considerando agora mesmo as minhas misérias, digo-te: deixa-Te enganar pelo teu filho, como esses pais bons, carinhosos, que põem nas mãos do seu menino a dádiva que dele querem receber..., porque sabem muito bem que as crianças nada têm. E que alvoroço o do pai e o do filho, ainda que ambos estejam no segredo!»^[5]. Quem se aproxima assim de Deus não pede o que merece, mas abandonou esta lógica, e não tem reparos em pedir com uma ambição santa. S. Josemaria afirmava que podemos aprender com as crianças a tratar Deus assim: «Quando trabalhava com crianças, aprendi com elas aquilo a que chamei vida de infância (...). Aprendi com eles, com a sua simplicidade, a sua inocência, a sua candura, ao observar que pediam a lua e tínhamos que lha dar. Tive de pedir a Deus a lua: meu Deus, a lua!»^[6].

«Jesus não sabe o que fazer da astúcia calculista, da crueldade dos corações frios, da formosura vistosa, mas vã. Nosso Senhor ama a alegria de um coração jovem, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à Sua palavra de carinho»^[7]. Queremos ter uma saudável astúcia infantil para quisermos receber tudo de Deus, para nos apoiarmos mais na Sua força e menos na nossa. Nesta tarefa, Maria acompanha-nos, e mostra-nos o caminho certo para o percorrermos com sabedoria.

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 18/09/2016.

[2] Sto. Agostinho, Sermão 359 A, 10.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 797.

[4] Francisco, Homilia, 06/01/2014.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 195.

[6] S. Josemaria, Notas de uma reunião com sacerdotes, 26/07/1974.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

Sábado da XXXI semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXXI semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a liberdade de não nos apegarmos aos bens terrenos; o desprendimento recorda-nos que tudo é de Deus; agradecer o que temos.

Sumário

- A liberdade de não nos apegarmos aos bens terrenos.
- O desprendimento recorda-nos que tudo é de Deus.
- Agradecer o que temos.

«NENHUM SERVO pode servir a dois senhores» (Lc 9, 13), diz-nos Jesus hoje no Evangelho. São palavras claras e precisas. Parece não haver espaço para meias tintas. Quem quiser ser discípulo de Cristo procura que os bens terrenos não o afastem daquilo que deseja ser o centro da sua vida. «Não podeis servir a Deus e às riquezas» (Lc 9, 13), continua Cristo. Queremos pedir ao Espírito Santo que nos ajude a descobrir o convite que Ele nos dirige. O reinado de Deus e o reinado do dinheiro são muito diferentes. Um, recebemo-lo e abre-nos aos outros; o outro utiliza múltiplos enganos – a ganância, o desejo excessivo de possuir, a confiança única nos bens, etc. – para nos fechar sobre nós próprios.

O efeito imediato, mas efêmero, do apego do nosso coração aos bens terrenos é a autossuficiência. Uma vez conseguido o que desejávamos, desfrutamos de alguns momentos de glória superficial, muito visível, talvez barulhenta a nível afetivo. No entanto, essa escapatória aprisiona-nos gradualmente. Estes bens não podem penetrar no nosso coração, não o podem alimentar. Podem ser capazes de o anestésiar, mas mais cedo ou mais tarde acordamos na solidão. Provavelmente não são maus em si mesmos, mas se os transformarmos em pequenos ídolos, facilmente tomam conta da nossa vida. Seguir Jesus implica viver a virtude do desprendimento, desfrutar de um uso harmonioso das coisas que nos

rodeiam: «Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra, que dão a ilusão duma segurança na realidade frágil e efêmera; ao contrário, requer disponibilidade para se libertar de todos os vínculos que impedem alcançar a verdadeira felicidade e a paz, para reconhecer aquilo que é duradouro e que nada nem ninguém pode destruir (cf. Mt 6, 19-20)»^[1].

A alma que vive sem se apegar às coisas, sem lhes entregar a sua felicidade, está cheia da riqueza de Deus, do Seu amor e da Sua paz. Não precisa de nada porque tem tudo, e quando usa os bens materiais, o tempo ou os seus talentos, agradece-os como dádivas, dispõe do que necessita porque estando com Deus, tudo lhe pertence. Não os considera como próprios, nem os retém. E por isso, desfruta deles totalmente.

PODEMOS PEDIR A JESUS que nos ensine esta arte: assumir o risco de viver abandonados ao seu cuidado. Num outro momento da sua pregação, chamou a atenção dos seus ouvintes para os lírios e as aves: nunca lhes falta alimento nem roupa porque, à sua maneira, vivem de Deus (cf. Mt 6, 25-33). De nós, espera apenas «um pouco de amor para derramar abundantemente a sua graça sobre a alma»^[2]. Um pouco de amor é o suficiente para nos entregar a sua fortuna. Neste negócio divino, as palavras de Sta. Teresa de Jesus são perfeitamente cumpridas: «Convençei-vos de que destes muito pouco, pois tanto haveis de receber»^[3].

Jesus dá-nos a todos a possibilidade de viver a virtude do desprendimento, que nos faz lembrar que tudo pertence a Deus. Cada um vivê-la-á nas próprias circunstâncias, de maior ou menor abundância, de maior ou menor escassez. A situação específica de cada um é a melhor para confiar em Deus. Quando nos perturbe a incerteza, a dúvida ou o medo, podemos pedir-lhe que nos convença de que a alegria não depende do muito ou do pouco; que interiorizemos que «o que é preciso para conseguir a felicidade não é uma vida cómoda, mas um coração enamorado»^[4].

«Os projetos de Deus não coincidem com os do homem; são infinitamente melhores, mas muitas vezes permanecem incompreensíveis à mente humana (...) Não devemos, certamente, esperar de maneira passiva

aquilo que Ele nos manda, mas colaborar com Ele, a fim de que complete tudo o que começou a realizar em nós. Devemos ser solícitos sobretudo na busca dos bens celestes. Estes devem ocupar o primeiro lugar, como o exige Jesus: “Procurai primeiro o Seu reino e a Sua justiça” (Mt 6, 33). Os outros bens não devem ser objeto de preocupações excessivas, porque o nosso Pai do céu conhece quais são as nossas necessidades»^[5].

UM CAMINHO QUE nos leva ao desprendimento cristão – que é, ao mesmo tempo, um "prender-se" pelo que realmente queremos – é o agradecimento. Quando não damos por garantido o amor que queremos receber, aprendemos a estar abertos a qualquer forma com que chegue até nós. E assim, abandonamos as pobres garantias que os bens ou mesmo as criaturas nos oferecem e descobrimos mil maneiras de como os outros nos estavam simplesmente a manifestar o seu amor.

No dia 28 de fevereiro de 1964, S. Josemaria entrou no seu quarto e surpreendeu-se ao ver que havia uma colcha cobrindo a cama, habitualmente descoberta. Dois dias depois, telefonou a uma das suas filhas para lhe agradecer: «Obrigado, minha filha, Deus te abençoe! Que surpresa tive no outro dia ao entrar no meu quarto. Pensei que me tinha enganado e disse para mim mesmo: Josemaria, ficaste rico! Em 36 anos é a primeira vez que tenho colcha. Sabes que durante estes anos insisti em que queria ser o último»^[6].

«A atitude de reconhecimento deve distinguir a vida de todos os homens, de cada um dos cristãos em particular. (...) É uma atitude “eucarística”, que vos dá paz e serenidade nas fadigas, vos liberta de todo o apego egoísta e individualista, vos torna dóceis à vontade do Altíssimo, também nas exigências morais mais difíceis (...) Agradecer significa acreditar, amar, dar! E com alegria e generosidade!»^[7]. Pedimos à Virgem Maria, que recebeu com total agradecimento todos os dons com que Deus a cumulou, que nos dê a valentia de não nos apegarmos às coisas desta terra, mas confiar acima de tudo no nosso Pai do céu.

NOTAS

[1] Francisco, Mensagem, 14/09/2021.

[2] S. Josemaria, *Via-Sacra*, V Estação.

[3] Sta. Teresa, *Caminho de Perfeição*, 33, 2.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n. 795.

[5] S. João Paulo II, Audiência, 24/03/1999

[6] S. Josemaria, testemunho citado em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, tomo III.

[7] S. João Paulo II, Homilia, 09/11/1980.

XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: o azeite das boas obras; esperar o encontro com a
pessoa amada; um "sim" sempre atual.*

Sumário

- O azeite das boas obras.
- Esperar o encontro com a pessoa amada.
- Um "sim" sempre atual.

NA ÉPOCA do Senhor, os casamentos eram tradicionalmente celebrados à noite. Por isso, os convidados traziam consigo umas lâmpadas acesas. Fazendo referência a este costume, Jesus falou dumas donzelas que saíram para esperar o noivo. «Cinco delas eram néscias e cinco prudentes; as néscias, tomando as lâmpadas, não levaram consigo azeite; as prudentes, porém, levaram azeite nas vasilhas juntamente com as lâmpadas» (Mt 25, 2-4). Quando as mulheres sentiram que se aproximava o esposo, as néscias deram-se conta de que não tinham azeite e foram comprá-lo. E precisamente nesse momento chegou o esposo e só as prudentes entraram com ele no banquete. As outras, quando voltaram, foram recusadas, pois já era demasiado tarde.

Com esta parábola, o Senhor mostra-nos que é necessário preparar-se para a sua chegada. «Não só para o encontro final, mas também para os pequenos e grandes encontros de cada dia com vista a esse encontro, para o qual não basta a lâmpada da fé, mas também é necessário o azeite da caridade»^[1]. Por isso, muitos autores viram no azeite «um símbolo do amor, que não se pode comprar, mas que se recebe como um dom, se conserva no nosso mais íntimo e se pratica nas obras»^[2].

Esta é a sabedoria de que nos fala a primeira leitura de hoje: «É resplandecente e imperecedora; os que a amam contemplam-na com

facilidade, os que a procuram, encontram-na» (Sb 6, 12).

A sabedoria e a prudência levam-nos a aproveitar a nossa vida terrena para iluminar os outros com o azeite das nossas boas obras. S. Josemaria compôs uma oração ao Espírito Santo em que lhe pedia força para não atrasar a sua resposta à chamada divina: «Ilumina o meu entendimento, para conhecer os teus mandatos: fortalece o meu coração contra as insídias do inimigo: inflama a minha vontade... Ouvi a tua voz e não quero endurecer-me e resistir, dizendo: depois..., amanhã. *Nunc coepi!* Agora!, não vá acontecer que o amanhã me venha a faltar»^[3]. E num ponto de *Caminho*, escreveu: «Porta-te bem “agora”, sem te recordares do “ontem”, que já passou, nem te preocupares com o «amanhã», que não sabes se chegará para ti»^[4]. Todos os dias se nos oferecem muitas oportunidades para manter a nossa lâmpada acesa: realizar bem o nosso trabalho, ter pormenores de serviço com os outros, cuidar os tempos dedicados à oração... Nesses momentos podemos estar prontos a receber o Senhor que passa pela nossa vida e que nos esperará um dia no encontro final.

AS NOIVAS néscias tinham-se esquecido do sentido dessa espera, que era o encontro com o esposo. O seu comportamento é uma imagem de quem vive absolutizando o presente, excluindo «qualquer perspectiva do mais além: fazemos tudo como se não tivéssemos que partir para a outra vida. E então só nos preocupamos em possuir mais, destacarmo-nos, ter uma boa colocação... E sempre queremos mais. Se nos deixamos orientar pelo que nos parece mais atrativo, pelo que mais nos agrada, pela busca dos nossos interesses, a nossa vida torna-se estéril: não acumulamos nenhuma reserva de azeite para a nossa lâmpada e ela apagar-se-á antes do encontro com o Senhor»^[5].

O salmo de hoje recolhe precisamente a oração duma pessoa que mantém a sua lâmpada acesa, porque pôs as suas esperanças em Deus: «Por ti madrugo, a minha alma está sedenta de ti; a minha carne tem desejo de ti, como terra ressequida e cansada sem água» (Sl 63, 2). Tudo o que o salmista realiza e sente é fruto do seu amor pelo Senhor. E ainda que isto lhe acarrete dificuldades – cansaço, sede, ânsia – na realidade exprime a insatisfação da pessoa enamorada, que, enquanto não conquista a outra, não

consegue encontrar paz: os outros bens adquiriram uma importância relativa, pois o que realmente deseja é reunir-se com quem ama.

O fundador do Opus Dei considerava que os cristãos não temos medo desse último encontro com o Senhor, pois ao fim e ao cabo será um grande banquete nupcial com o amor da nossa vida. «Confiando firmemente na graça de Deus, estamos dispostos desde este momento, com generosidade, com retidão, com amor pelos pormenores, a ir a esse encontro com o Senhor levando as lâmpadas acesas»^[6]. Vestiremos um traje de bodas «tecido com o amor de Deus, que teremos sabido realizar até nas mais pequenas tarefas, inclusive nas ações aparentemente sem importância»^[7].

PARA manter a lâmpada acesa, é necessário renovar o desejo de encontrar Cristo. «Não basta – dizia S. Josemaria – estar na Igreja e deixar que passem os anos. Na nossa vida, na vida dos cristãos, a primeira conversão – esse momento único, que cada um recorda, em que se adverte claramente tudo o que o Senhor nos pede – é importante; mas mais importantes ainda, e mais difíceis, são as sucessivas conversões. E para facilitar o trabalho da graça divina com estas conversões sucessivas, faz falta manter a alma jovem, invocar o Senhor, saber ouvir, descobrir o que corre mal, pedir perdão»^[8].

A fidelidade leva a procurar novos modos de *encontrar* o azeite que acende a nossa lâmpada. Não se trata duma «duplicação mecânica dos modelos do passado», mas é «criativa, disposta a penetrar no profundo, aberta a novos desafios, sensível aos “sinais dos tempos”»^[9]. Deste modo, atualizamos o nosso "sim" inicial. Não se trata de atuar simplesmente em função dumas obrigações previamente adquiridas e com as quais talvez já não nos identifiquemos, mas de trazer para o presente esse "sim" e voltar a abraçá-lo na situação atual.

«A fidelidade ao longo do tempo é o nome do amor»^[10]. O passar dos anos leva a que esse amor se dilate, pois é fruto duma escolha continuamente presente. A Virgem Maria representa essa fidelidade dinâmica. Em todos os momentos procurou manter a sua lâmpada acesa e estar pronta para o que o Senhor lhe pedia. A sua vocação de ser a Mãe de

Deus exprimiu-se de diferentes maneiras ao longo da sua vida. E agora também continua a ser fiel a essa chamada, ajudando os seus filhos a terem a lâmpada acesa.

NOTAS

[1] Francisco, *Angelus*, 08/11/2020.

[2] Bento XVI, *Angelus*, 06/11/2020.

[3] Oração composta por S. Josemaria em abril de 1934.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 253.

[5] Francisco, *Angelus*, 08/11/2020.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 40.

[7] *Ibid.*

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 57.

[9] S. João Paulo II, Discurso, 10/06/1997.

[10] Bento XVI, Discurso, 12/05/2010.

XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

Reflexão para meditar no XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: a pobre viúva e a sua oferta no templo; entrega «tudo o que tinha para viver»; dar-nos sem cálculos a Deus e aos outros.

Sumário

- A pobre viúva e a sua oferta no templo.
- Entrega «tudo o que tinha para viver».
- Dar-nos sem cálculos a Deus e aos outros.

NO EVANGELHO de hoje, vemos Jesus no gazofilácio do Templo de Jerusalém. Naquela zona, guardavam-se objetos de valor, donativos em moeda que os fiéis ofereciam e era denominada com uma palavra grega que significa “guarda do tesouro”. Para depositar as esmolas, havia treze arcas com a boca em forma de trompa, situadas num amplo espaço pelo qual passavam os peregrinos ao entrar.

Jesus encontra-se ali e observa as pessoas que vão deitando dinheiro. «E muitos ricos lançavam muito» (Mc 12, 41), diz S. Marcos. Mas essas avultadas esmolas não chamam a atenção do Senhor, mas sim as moedinhas que oferece uma pobre viúva. Aos olhos humanos, o seu donativo talvez seja irrelevante, mas não aos olhos do Senhor. Ao ver aquela cena, Jesus chama os seus discípulos e diz-lhes: «Em verdade vos digo que esta pobre viúva lançou no tesouro mais do que todos os outros. Porque todos deram do supérfluo, mas esta deitou, na sua indigência, tudo o que tinha para viver» (Mc 12, 43-44).

Contemplamos, uma vez mais, a predileção do Senhor, presente muitas vezes na Sagrada Escritura, pelos pobres e vulneráveis: viúvas, órfãos, estrangeiros... Também recordamos que para agradar a Deus, mais do que realizar grandes façanhas, é importante sermos humildes e generosos. A viúva, «devido à sua extrema pobreza, poderia ter oferecido só uma moeda

e ficar com a outra, mas ela não quer oferecer a Deus só metade: priva-se de tudo. Na sua pobreza compreendeu que tendo a Deus tem tudo, sente-se amada totalmente por Ele e, por sua vez, ama-O totalmente»^[1], oferecendo-lhe discretamente o pouco que tem.

O QUE A VIÚVA ofereceu no Templo era «tudo o que tinha para viver» (Mc 12, 44). Não sabemos a história desta mulher: como enviuvou, há quanto tempo, que fazia para conseguir viver... Talvez tenha ido ao Templo em peregrinação e na viagem gastara, quase por completo, os seus recursos. Mas, uma vez ali, não quis cortar na sua oferta e entregou o que tinha, colocando-se nas mãos de Deus. É isso o que, podendo ler no seu coração, Jesus valoriza: além de dar algo, dá-se a si mesma, confia naquilo que o Senhor fará com a sua vida.

Em contraste com a viúva, o evangelista diz-nos que «bastantes ricos deitavam muito» (Mc 12, 41). Estas palavras permitem imaginar uma certa ostentação vaidosa que havia nesse modo de dar esmola, mas esta passagem não fala diretamente disso. A diferença mais importante com a viúva radica num nível mais profundo, no interior da alma, naquilo que a Bíblia chama o coração: esse centro escondido da pessoa, lugar da decisão e da verdade, que só o Espírito de Deus pode conhecer^[2].

No seu coração, a pobre viúva vive uma entrega total a Deus. O seu culto é espiritual, dando as suas duas moedinhas, oferece-se ela própria, «como uma hóstia viva, santa, agradável a Deus» (Rm 12, 1). Pelo contrário, os ricos que não vivem com essa atitude conformam-se em dar ao Senhor só uma parte do que são ou do que têm: neste caso, dinheiro; mas também podia ser tempo em atividades boas, cumprimento minucioso de preceitos, inclusive orações e sacrifícios... Mas o que Jesus quer é o que entregou aquela mulher: «Tudo o que tinha para viver» (Mc 12, 44). Jesus sabe que a nossa felicidade completa não está em reservarmos algumas moedas, mas em dar a Deus tudo para, ao mesmo tempo, receber tudo d'Ele.

NA SAGRADA ESCRITURA lemos a história de outra viúva, que aconteceu quase nove séculos antes, em Sarepta, uma cidade do Líbano que

se encontrava entre Tiro e Sidónia. Eram tempos de seca e fome quando o profeta Elias chegou a essa cidade. Vinha do deserto, mas Deus tinha-lhe prometido que uma mulher viúva o alimentaria. Elias obedece e, quando chega, encontra o que era de esperar: num momento difícil para todos, a viúva com um filho, órfão de pai, foi a primeira a ficar quase sem nada. Só conservava um pouco de farinha e azeite com o que desejava preparar um pouco de pão para ela e para o filho, mesmo sabendo que isso só atrasaria um pouco o momento da sua morte. Elias pede-lhe algo inesperado: que reparta com ele os escassos víveres e promete-lhe, em nome do Senhor, que «a arca da farinha não se esvaziará e a almotolia do azeite não se esgotará» (1Rs 17, 14). Ela reconhece que é um homem de Deus e confia na sua palavra.

Esta história do Antigo Testamento fala-nos de fé e de solidariedade generosa: ajuda-nos a ver onde radica a possibilidade de partilhar a nossa vida com os outros, sem cálculos e com fecundidade. «Talvez ontem tenhas sido uma dessas pessoas amarguradas nas suas ilusões, defraudadas nas suas ambições humana. Hoje, desde que Ele se meteu na tua vida – graças, meu Deus! –, ris e cantas e levas o amor e a felicidade onde quer que vás»^[3].

Podemos pedir a Maria que nos ajude a confiar cada vez mais em Deus, nas diferentes circunstâncias da nossa vida, também quando notamos o impulso divino de dar um passo à frente na nossa entrega ao Senhor, que muitas vezes se concretizará em nos darmos mais decididamente aos outros. «Temos de viver com entrega, totalmente – dizia S. Josemaria –, amando o Senhor com todas as nossas forças, sabendo que não faltarão sacrifícios e dificuldades na nossa tarefa. Mas garanto-vos que se vivemos assim, seremos muito felizes: felizes por viver de Deus e para Deus»^[4].

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 08/11/2015.

[2] cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2563.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 591.

[4] S. Josemaria, citado em Javier Echevarria, *Memória do Beato Josemaria Escrivá*, Rialp, Madrid 2000, p. 83.

XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXXII domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: Deus dos vivos; um horizonte transcendente; amar o que amamos.*

Sumário

- Deus dos vivos.
- Um horizonte transcendente.
- Amar o que amamos.

«DEUS não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos». (Lc 20, 38). Com estas palavras, Jesus responde aos judeus que lhe perguntam sobre o mistério da ressurreição. É uma das verdades fundamentais da nossa fé, que proclamamos todos os domingos quando rezamos o Credo: «E espero a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo que há de vir».

É uma realidade reconfortante, pois nos lembra que fomos criados «por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena»^[1]. Aquele que está verdadeiramente unido ao Senhor não permanece nem na morte corporal, nem na do pecado: «Esta vitória foi alcançada por Cristo ressuscitado, libertando o homem da morte com a própria morte»^[2]. Esta já não tem a última palavra, porque também pertence a Deus. O Senhor, criador de tudo, chama-nos a uma vida de intimidade e fecundidade eterna com Ele.

Após o nosso caminhar terreno, abre-se um futuro de imortalidade. Mas esta convicção não se baseia no desejo do homem de uma vida sem fim. O seu fundamento é «a própria fidelidade de Deus, que não é Deus de mortos, mas de vivos, e comunica a todos os que n'Ele confiam a mesma vida que Ele possui em plenitude»^[3].

NUMA sociedade em que os eventos ocorrem muito rapidamente, muitas vezes damos mais importância ao imediato. E esse ritmo frenético que marca o nosso dia a dia pode fazer-nos esquecer o horizonte transcendente da nossa existência. Por isso, nesta reta final do ano litúrgico, a Igreja encoraja-nos a meditar sobre o nosso destino eterno: somos chamados por Deus a gozar eternamente da glória do céu.

«Senhor, mereça eu contemplar a vossa face e ao despertar saciar-me com a vossa imagem» (Sl 16). Estas palavras projetam-nos para uma vida que está para além da morte, meta do nosso caminho na terra. Na vida eterna alcançaremos a plena realização da nossa realidade pessoal. Esta esperança ilumina o nosso caminho terreno. Embora para muitos «o caminho do homem vai da vida para a morte» o cristão vive com a certeza de que «a nossa peregrinação vai da morte para a vida: a vida plena!»^[4], uma existência mais autêntica que a atual.

Essa fé na vida eterna tem repercussões concretas na nossa vida presente. Por um lado, ilumina e dá esperança aos nossos esforços e lutas para fazer o bem, viver com fidelidade a nossa vocação. E, por outro lado, ajuda-nos a relativizar o valor das coisas deste mundo. «Estás intranquilo – escrevia S. Josemaria –. Olha: aconteça o que acontecer na tua vida interior ou no mundo que te rodeia, nunca te esqueças de que a importância dos acontecimentos ou das pessoas é muito relativa. – Calma. Deixa correr o tempo; e, depois, olhando de longe e sem paixão os factos e as pessoas, adquirirás a perspetiva, porás cada coisa no seu lugar e de acordo com o seu verdadeiro tamanho»^[5].

OS SADUCEUS apresentam ao Senhor um caso hipotético: uma mulher casou-se sucessivamente com sete irmãos, que morreram um após o outro. «De qual destes será ela esposa na ressurreição?» e Jesus responde «os que forem dignos de tomar parte na vida futura e na ressurreição dos mortos, nem se casam, nem se dão em casamento. Na verdade, já não podem morrer, pois são como os Anjos, e, porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus» (Lc 20, 33-36).

Isso não significa que no céu nos esqueçamos dos relacionamentos que nos fizeram felizes na terra. No paraíso poderemos contemplar e desfrutar tudo o que se refere à nossa vida; especialmente, seremos capazes de amar aqueles que amamos no mundo. «Nunca esqueçais que depois da morte vos receberá o Amor. E no amor de Deus encontrareis, além do mais, todos os amores limpos que tendes tido na terra»^[6]. E essa alegria do céu encontrará o seu ponto culminante com a ressurreição dos mortos.

«A vida que Deus nos prepara não é um simples embelezamento desta atual: ela supera a nossa imaginação, porque Deus nos surpreende continuamente com o seu amor e com a sua misericórdia»^[7]. Não sabemos exatamente em que consistirá o céu. Mas o que temos a certeza é de que ali encontraremos Deus face a face. E junto d'Ele, encontraremos a Sua Mãe.

NOTAS

[1] Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 18.

[2] *Ibid.*

[3] S. João Paulo II, Homilia, 11/11/2001.

[4] Francisco, *Angelus*, 10/11/2013.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 702.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 221.

[7] Francisco, *Angelus*, 10/11/2013.

Segunda-feira da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXXII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: coerência com o Evangelho; predileção pelas crianças; perdão sem barreiras.

Sumário

- Coerência com o Evangelho.
- Predileção pelas crianças.
- Perdão sem barreiras.

MUITOS PENSADORES clássicos reconhecem que cometer erros é inevitável para o ser humano nesta terra. S. Paulo também nos deixou por escrito a sua experiência pessoal quando disse aos cristãos de Roma: «É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero, isso é que pratico» (Rm 7, 19). Constatava assim a antiga sabedoria do povo de Israel: «Pois sete vezes cai o justo e se levanta» (Pr 24, 16). Junto com a experiência do pecado, também temos a certeza do perdão de Jesus. Quando Pedro pergunta ao Mestre quantas vezes deve perdoar, o Senhor responde: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt 18, 22). No entanto, esta atitude de misericórdia pode contrastar com as palavras que Jesus pronuncia noutra ocasião: «É inevitável que haja escândalos; mas ai daquele que os causa!» (Lc 17, 1).

Na linguagem evangélica, quem escandaliza é aquele que, com o seu pecado, afasta os outros do bem e os inclina para o mal. Isto é o que o Senhor assinala em várias ocasiões ao falar de alguns fariseus: «não imiteis as suas obras, pois eles dizem e não fazem» (Mt 23, 3). Eram homens chamados a encarnar a Lei de Moisés, mas o seu estilo de vida era contrário ao que pregavam. Essa incoerência «é uma das armas mais fáceis que o demónio possui para enfraquecer o povo de Deus e para o afastar do Senhor». Em síntese, é o estilo de «dizer uma coisa e fazer outra». Precisamente «o que Jesus dizia ao povo sobre os doutores da lei: “Fazei o

que vos disseram, mas não façais o que eles fazem”». Eis «a incoerência». A este propósito, o Papa sugeriu para «nos perguntarmos hoje, cada um de nós: como é a minha coerência de vida?». Na minha vida há «coerência com o Evangelho, coerência com o Senhor?»^[1].

Pelo contrário, se Jesus denuncia publicamente a gravidade do pecado de escândalo, também elogia publicamente a coerência de vida: «Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento» (Jo 1, 47). O testemunho humilde de quem se deixa amar por Deus é luz capaz de trazer um novo brilho ao nosso mundo e tornar mais fácil aos outros descobrir o Seu rosto.

«MELHOR seria para ele que lhe atassem ao pescoço uma pedra de moinho e o lançassem ao mar, do que escandalizar um só destes pequeninos» (Lc 17, 2). Esta dura afirmação de Jesus mostra os danos que podem ser causados a quem está desvalido pela idade ou pela sua situação de fragilidade. Não são poucas as ocasiões em que vemos no Evangelho a predileção que o Senhor tinha pelos pequeninos.

E hoje Deus continua a oferecer às crianças esse mesmo amor através dos seus pais e das pessoas que cuidam delas. «Recém-nascidas, as crianças começam a receber em dom, juntamente com o alimento e os cuidados, a confirmação das qualidades espirituais do amor. Os gestos de amor passam através do dom do seu nome pessoal, da partilha da linguagem, das intenções dos olhares, das iluminações dos sorrisos. Assim, aprendem que a beleza do vínculo entre os seres humanos aposta na nossa alma, procura a nossa liberdade, aceita a diversidade do outro, reconhece-o e respeita-o como interlocutor. (...) E isto é amor, que contém uma centelha do amor de Deus!»^[2].

Esse amor de Deus pelos mais fracos só pode ser acolhido com a simplicidade de quem se sabe criança. S. Josemaria costumava dizer que: «tudo o que é emaranhado e complicado, as voltas e mais-voltas em torno de nós mesmos levantam um muro que impede com frequência de ouvir a voz de Nosso Senhor»^[3]: é o muro da autossuficiência. Pelo contrário, a simplicidade permite experimentar o amor. Podemos pedir a Deus essa

infância espiritual para saber-nos olhados como aquelas crianças que Jesus amou; também podemos rezar pelas pessoas mais fracas, que não têm ninguém para protegê-las na sua situação de vulnerabilidade.

«SE O TEU irmão te ofender, repreende-o; e, se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se te ofender sete vezes ao dia e sete vezes te vier dizer: 'Arrependo-me', perdoa-lhe» (Lc 17, 3). Jesus mostra o Seu coração de amor, de misericórdia, e quer, para nossa própria felicidade, que nós também vivamos assim. No entanto, sabemos por experiência que nem sempre é fácil perdoar. Talvez por isso, depois de Jesus falar da necessidade de perdoar e evitar o escândalo, os apóstolos disseram ao Senhor: «Aumenta a nossa fé» (Lc 17, 5). Às vezes é preciso fé, confiança em Deus, para aceitar que entre nós sempre precisamos de perdão.

Quando perdoamos a alguém, não negamos o erro que ele possa ter cometido. De alguma forma estamos a participar «no amor salvífico e transformador de Deus, que reconcilia e restabelece»^[4]; isto é, estamos a imitar a atitude do Senhor e a colaborar com Ele na nossa salvação e na salvação dessa pessoa. Saber que Jesus perdoa sempre levar-nos-á a viver sem rancor e a não pôr barreiras para dar o nosso perdão. «Deus não odeia nem rejeita ninguém tanto quanto o homem que se lembra do insulto, do coração endurecido, do espírito que guarda a ira»^[5], escreve S. João Crisóstomo.

Quando recebemos o perdão de Deus, percebemos a bondade e a beleza do amor divino. Adquirimos um novo conhecimento, que alarga o campo da nossa razão, liberta-nos da presunção e ajuda-nos a ver o mundo com os olhos do Senhor. Podemos pedir a Maria, modelo de fé, que nos dê essa maneira de olhar para nós mesmos e para os nossos irmãos.

NOTAS

[1] Francisco, Meditações matutinas, 13/11/2017.

[2] Francisco, Catequeses, 14/10/2015.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 90.

[4] Bento XVI, Mensagem, 30/04/2012.

[5] S. João Crisóstomo, *De proditione Iudae*, 2.

Terça-feira da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXXII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a única ambição; abraçar as oportunidades de servir; o descanso que nos renova.

Sumário

- A única ambição.
- Abraçar as oportunidades de servir.
- O descanso que nos renova.

ALGUMAS das imagens que Jesus utiliza podem atrair a atenção. Por exemplo, quando fala de um servo que volta de trabalhar no campo e, em vez de defender o seu direito ao descanso, afirma que o seu senhor tem razão quando lhe diz: «Prepara-me o jantar e cinge-te para me servires, até que eu tenha comido e bebido. Depois comerás e beberás tu» (Lc 17, 8). Poderia parecer que ele está a reforçar a postura tirânica daquele senhor. Contudo, o que Cristo pretende mostrar aos Seus discípulos com esta parábola é a atitude com que devem cumprir as suas obrigações, quer para com Deus, quer para com os outros: não devem procurar recompensa ou reconhecimento, mas antes redescobrir o valor do serviço humilde e corrente. «Assim também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos inúteis: fizemos o que devíamos fazer”» (Lc 17, 10).

Algumas pessoas daquela época construíram o seu relacionamento com Deus baseado numa lógica de retribuição. Se alguém tivesse uma vida próspera, era considerado feliz aos olhos do Senhor, que lhe teria dado essa riqueza em reconhecimento das suas boas ações. Portanto, às vezes a principal razão pela qual a Lei se cumpria era justamente para ganhar o favor divino e receber algum benefício. «Diante de Deus, nunca devemos apresentar-nos como alguém que julga ter prestado um serviço e, portanto, merece uma grande recompensa. Trata-se de uma ilusão que todos podem

ter, até mesmo as pessoas que trabalham ao serviço do Senhor, na Igreja. Ao contrário, devemos estar conscientes de que, na realidade, jamais fazemos bastante por Deus»^[1]. Jesus, com a imagem do servo, convida-nos a não esquecer quem somos e qual é a verdadeira razão pela qual vale a pena trabalhar: dar a vida pelo Senhor e pelos outros. «Esquece-te de ti mesmo... Que a tua ambição seja a de viver apenas para os teus irmãos, para as almas, para a Igreja; numa palavra, para Deus»^[2].

PROVAVELMENTE em mais de uma ocasião nos vimos refletidos no servo desta parábola. Depois de um dia intenso de trabalho, chegamos a casa com vontade de encontrar um pouco de paz. Porém, assim que chegamos, vemos que existem outros tipos de trabalhos que exigem o nosso esforço e atenção: cuidar dos filhos, fazer algumas tarefas domésticas, ajudar um familiar que nos procura... E como também temos todo o peso do dia, talvez seja mais difícil para nós acolhermos com alegria essas ocasiões de servir as pessoas que nos rodeiam.

O exemplo de Jesus pode ajudar-nos a ver a nossa vida como um ato de serviço constante aos outros. O Evangelho mostra-nos muitos momentos em que o Senhor adia o descanso esperado para atender as pessoas que O procuravam. E um dos últimos gestos que realizou antes da Sua Paixão foi lavar os pés daqueles que mais amou durante a Sua passagem pela terra. Este foi o testamento que lhes deixou antes da Sua morte: uma ação mais típica de um escravo do que de um Mestre.

Quando abraçamos essas oportunidades de servir, em vez de rejeitá-las ou enfrentá-las com resignação, podemos experimentar a alegria de viver como Jesus. «A nossa fidelidade ao Senhor depende da nossa disponibilidade para servir. E isto, sabemos, custa, pois “sabe a cruz”. Mas à medida que os nossos cuidados e disponibilidade para com os outros crescem, tornamo-nos mais livres por dentro, mais semelhantes a Jesus. Quanto mais servimos, mais sentimos a presença de Deus. Sobretudo quando servimos aqueles que nada têm para nos devolver, os pobres, abraçando as suas dificuldades e necessidades com terna compaixão: e assim descobrimos que somos, por nossa vez, amados e abraçados por Deus»^[3].

ALÉM de nos oferecer muitas ocasiões para servir, cada dia apresenta-nos diferentes formas de descansar. Às vezes podemos pensar que apenas algumas situações extraordinárias nos ajudarão a recuperar as forças: um programa de vários dias com a família ou amigos, o fim de um período de trabalho intenso, o período de férias... Embora seja verdade que todas estas circunstâncias são importantes e necessárias, também é verdade que precisamos de mais momentos do quotidiano para nos desconectarmos do dia a dia. Caso contrário, corremos o risco de ter pouco apreço pela vida comum e de depositarmos as nossas esperanças apenas em experiências muito emocionantes ou intensas.

Pode-se ficar cansado desnecessariamente por não parar, por querer resolver tudo imediatamente, por se sobrecarregar com tarefas pendentes. Saber procurar o descanso, no quotidiano, leva-nos a viver estas ocupações com serenidade: não é uma forma de evasão, mas antes uma ajuda para reorientar a realidade. Desta forma, um conflito que talvez nos ultrapassasse – seja profissional, familiar ou espiritual – assume outra perspetiva quando praticamos um *hobby* de que gostamos, dormimos as horas que precisávamos ou passamos momentos divertidos com a família ou amigos.

S. Josemaria também animava as pessoas a recuperarem as forças saboreando uma das realidades mais consoladoras da vida cristã: «Descansa na filiação divina. Deus é um Pai – o teu Pai! – cheio de ternura, de infinito amor. Chama-lhe Pai muitas vezes e diz-lhe, a sós, que o amas, que o amas muito, muito, que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»^[4]. Assim como às vezes basta contemplarmos o mar ou uma bela paisagem para voltarmos renovados, na conversa íntima com o Senhor encontramos um descanso que nos ajuda a dar sentido ao que fazemos. É possível que a Virgem Maria descansasse frequentemente assim: simplesmente observando o seu Filho dormir ou brincar com outras crianças. Ela pode-nos ajudar a viver um descanso que nos faça redescobrir a alegria de servir a Deus e aos irmãos.

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 03/10/2010

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 630.

[3] Francisco, Angelus, 19/09/2021.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 331

Quarta-feira da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXXII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: tornar nosso o grito dos leprosos; a cura mais profunda baseia-se numa fé agradecida; dar graças em todas as ocasiões.

Sumário

- Tornar nosso o grito dos leprosos.
- A cura mais profunda baseia-se numa fé agradecida.
- Dar graças em todas as ocasiões.

«JESUS, MESTRE, tem piedade de nós!». É o grito de alguns leprosos que, tendo superado vários obstáculos, conseguem chegar junto do Senhor. Na Antiguidade, ser leproso era uma grande infelicidade. Em primeiro lugar, sofriam muito fisicamente, tanto que os judeus davam a esta doença o nome que significa literalmente “golpe de chicote”. Mas como se isso não fosse pouco, às dores corporais juntava-se a dor moral. Esta doença suscitava terror, porque se pensava que era muito contagiosa e, por isso, havia regras muito minuciosas para a diagnosticar e afastar da sociedade quem a tivesse contraído. Também estavam previstas condições para certificar a cura, papel que correspondia aos sacerdotes. Além disso, atribuía-se a doença aos pecados que tinha cometido quem a padecia.

Assim, podemos compreender melhor até que ponto sofriam e estavam angustiados os dez leprosos que Jesus encontrou no caminho. Viviam fora da povoação. Parentes, amigos e outras pessoas compassivas levavam-lhes diariamente os alimentos. Provavelmente, através deles, tinham ouvido falar de Jesus: um rabino –mestre– que pregava com autoridade e que fazia milagres. Quando o Senhor se aproximava da localidade, alguém os teria avisado da sua presença e, então, foram saudá-lo à distância, com a esperança de que pudesse curá-los. «Ao longe pararam –comenta um santo medieval–, porque naquelas condições não ousavam aproximar-se. O

mesmo nos acontece a nós, mantemo-nos à distância, quando nos obstinamos no pecado. Para sararmos, para sermos curados da lepra dos nossos pecados, gritemos a plenos pulmões e digamos: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós”. Mas gritemos não com a boca, mas com o coração. O grito do coração é mais forte. O clamor do coração penetra nos céus e eleva-se mais sublime perante o trono de Deus»^[1].

OS LEPROSOS CLAMAM para que Jesus os cure. O Senhor diz-lhe que vão apresentar-se aos sacerdotes que eram os indicados pela lei para constatar uma possível cura. Assim, quando se põem a caminho, obedecendo ao Mestre, estão a dar uma prova de fé. E, enquanto vão no caminho, dão-se conta de que, efetivamente, estão curados. Porém, só um deles, um samaritano, regressa à procura de Jesus: «Ao ver-se curado, voltou, glorificando a Deus, aos gritos, e foi prostrar-se a seus pés, dando-lhe graças» (Lc 17, 15-16). O Senhor lamenta que os outros nove não tenham regressado a dar glória a Deus, de que não tenham querido agradecer a sua cura. Disse ao samaritano: «Levanta-te e vai, a tua fé te salvou» (Lc 17, 19)

Contemplando o Evangelho de hoje, podemos distinguir «dois graus de cura: um, mais superficial, que se refere ao corpo; outro, mais profundo, que afeta o mais íntimo da pessoa, ao que a Bíblia chama o “coração” e daí irradia a toda a existência. A cura completa e radical é a “salvação”. A linguagem comum, ao distinguir entre saúde e salvação, ajuda-nos a compreender que a salvação é muito mais que a saúde, com efeito é uma vida nova, plena, definitiva. Além disso, aqui, como noutras circunstâncias, Jesus pronuncia a expressão: “A tua fé te salvou”. É a fé que salva o homem, restabelecendo a sua relação profunda com Deus, consigo mesmo e com os outros; e essa fé manifesta-se no agradecimento»^[2]. Não sabemos o que se passou com os outros leprosos. Sabemos, certamente, que ficaram curados da sua doença física, mas o Evangelho mostra-nos Jesus a curar espiritualmente só o samaritano que, aparentemente, estava mais afastado da fé do povo eleito.

«Quem sabe agradecer, como o samaritano curado, demonstra que não considera tudo como algo a que tem direito, mas como um dom que, mesmo

quando chega através dos homens ou da natureza, provém em definitiva de Deus. Assim, a fé requer que o homem se abra à graça do Senhor; que reconheça que tudo é dom, tudo é graça. Que tesouro se esconde numa pequena palavra: “obrigado!”»^[3].

«DAI GRAÇAS em toda a ocasião: esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco» (Ts 5, 18). A antífona da Missa de hoje, tirada dos ensinamentos de S. Paulo, convida-nos a manifestar, frequentemente, a nossa gratidão ao Senhor. Certamente, cada dia, quando acordamos, podemos agradecer mesmo as coisas a que não prestamos atenção, mas de que sentiríamos falta se fôssemos privados delas: respirar, sentir, ver, caminhar; a beleza da natureza, a luz e o calor do sol, ter uma família, poder amar e ser amados... Os cristãos, além disso, agradecem ao Senhor as maravilhas da sua graça, tudo o que, imerecidamente, recebem e continuam a receber cada dia para avançar pelo caminho da santidade.

«Seja qual for a tua idade, escrevia S. Francisco de Sales, não estás há muito tempo no mundo. Deus tirou-te do nada, fez-te nascer e és o que és por pura bondade sua. Tornou-te o ser principal do mundo visível, chamado a compartilhar a sua eternidade e capaz de se unir a Ele. Não te trouxe ao mundo porque tivesse necessidade de ti, mas unicamente para manifestar a sua bondade. Deu-nos inteligência para que possamos conhecê-lo, memória para que nos recordemos dele e vontade para o amar. A imaginação para vermos os seus benefícios, os olhos para admirar as maravilhas da criação, a língua para o louvar. Fez-te à sua imagem (...). Pensa em tudo o que Deus te deu no âmbito do espírito, do corpo, da alma: deu-te saúde, bem-estar, bons amigos. Alimenta-te com os seus sacramentos, ilumina-te com a sua luz, perdoou-te tantas vezes»^[4].

«Que bonito é o que dizemos cada dia nas Preces! – dizia S. Josemaria – Podeis empregá-lo como jaculatória: *Gratias tibi, Deus, gratias tibi!* Se damos graças, Deus nos entregará mais, mas se a nossa soberba se apropria do que não é nosso, fechar-nos-emos para receber a ajuda do Senhor»^[5]. Recorramos a Maria, Aquela que, justamente pela sua humildade, por agradecer tudo como um dom de Deus, recebeu graças que não podia sequer imaginar.

NOTAS

[1] S. Bruno de Segni, *Sobre o Evangelho de S. Lucas*, n. 2, 40.

[2] Bento XVI, *Angelus*, 14/10/2007.

[3] *Ibid.*

[4] S. Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, 1ª parte, cap. 9 e ss. III, 34.

[5] S. Josemaria, *Apontamentos de uma reunião familiar*, 19/03/1971.

Quinta-feira da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXXII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o Reino de Deus está dentro de nós; permanecer unidos à videira para dar fruto; Deus reina também nas nossas relações com os outros.

Sumário

- O Reino de Deus está dentro de nós.
- Permanecer unidos à videira para dar fruto.
- Deus reina também nas nossas relações com os outros.

NO EVANGELHO da Missa de hoje, alguns fariseus perguntam a Jesus quando chegará o reino de Deus. Têm a ideia de que a vinda do Messias seria acompanhada por manifestações prodigiosas e de castigo para aqueles que se lhe opõem. A resposta de Cristo, sem dúvida, desconcertou-os completamente: «O reino de Deus não vem de maneira visível, nem se dirá: ‘Está aqui ou ali’; porque o reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17, 20-21).

O Senhor, que nasceu no silêncio de Belém e viveu durante trinta anos como mais um habitante da Palestina, estabelece o seu reino na terra com a mesma descrição que caracterizou a sua existência terrena. «O que define o cristão não são em primeira linha as condições exteriores da sua existência, mas a atitude do seu coração»^[1], diz S. Josemaria. É aí que a abertura a Deus instaura uma nova ordem, uma nova paz.

Pensar no Reino de Deus é, antes de mais, considerar se sabemos encontrar o Senhor na nossa vida habitual: na família, no trabalho, nas pequenas coisas de cada dia; se compreendemos que a redenção nos alcança não através de estratégias humanas externas, mas na parte mais íntima da nossa vida. «Quando Cristo inicia a sua pregação na terra, – continua S. Josemaria – não oferece um programa político, mas diz simplesmente:

“Fazei penitência, porque o reino dos céus está próximo”. Encarrega os discípulos de anunciarem essa Boa Nova, e ensina a pedir na oração o advento do reino. Eis o reino de Deus e a sua justiça: uma vida santa; isso é o que temos que procurar em primeiro lugar, a única coisa verdadeiramente necessária»^[2].

«EU SOU A VIDEIRA, vós sois os ramos – diz o Senhor –. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, dá muito fruto» (Jo 15, 5). Estas palavras que a Igreja recita hoje antes do Evangelho ajudam-nos a continuar a meditar sobre a instauração do Reino de Deus na nossa alma e, a partir daí, no mundo que nos rodeia. Permanecer unidos à videira, que é Cristo, em todos os momentos e em todas as ocasiões, todos os dias, a todas as horas, quando é fácil e quando é mais árduo: temos aqui um ideal apaixonante e fecundo.

Como reina o nosso Senhor no meu trabalho? Podemos perguntar-nos, examinando a atividade que ocupa a maior parte do nosso tempo; a atividade que transforma o mundo e que, como S. Josemaria ensinava, é a matéria da nossa santidade. E talvez nos demos conta de tantas coisas que podemos melhorar na realização do nosso trabalho: a concentração, o bom humor, pensar nos outros... Também pode acontecer que trabalhemos muito e bem, mas não por amor a Deus e como expressão de serviço às outras pessoas, mas pensando quase exclusivamente em nós próprios.

Uma forma concreta de saber até que ponto o Senhor reina em nós é examinar como cuidamos o nosso plano de vida espiritual, o tempo que dedicamos à Santa Missa, à oração mental ou vocal, à leitura da Bíblia e de algum livro espiritual... Se na nossa existência diária, primeiro está o Senhor e o desejo de colaborar na redenção do mundo, estes tempos gozarão de uma prioridade real e efetiva, pois irão ajudar-nos a ser fermento no meio da massa, sal no mundo. Obviamente, às vezes poderão surgir imprevistos, e não haverá outro remédio senão mudar os nossos planos; mas as práticas de piedade, normalmente, não ficarão esquecidas ao mínimo contratempo. O Reino de Deus chega até nós e àqueles que nos rodeiam só se estivermos habitualmente unidos à verdadeira videira.

OUTRA ÁREA onde o Reino de Deus se constrói sem espetáculo é a das relações com os outros e, especialmente, com a própria família. Em casa, podemos praticar continuamente as virtudes da convivência: o bom humor, não darmos demasiada importância a nós próprios, a cordialidade, a empatia, a escuta, a paciência, a mansidão, a delicadeza... Se procurarmos resolutamente a santidade da vida quotidiana em casa, pedindo ao Espírito Santo que nos ajude a permanecer no seu amor, saberemos então como levar esta caridade cristã às nossas relações profissionais e sociais; também àquelas pessoas que estão em especial necessidade: solitárias, abandonadas, descartadas ou forçadas a deixar a sua terra.

De facto, a forma como Deus desejou conceder-nos os Seus dons realiza-se de uma forma surpreendentemente humana: através das nossas relações de uns com os outros. Em certo sentido, é por isso que vivemos juntos e que desejamos servir-nos uns aos outros. S. Josemaria animava-nos a deixar Cristo reinar nas nossas almas para que, como Ele e com Ele, pudéssemos ser servos de todos: «Serviço. Como gosto dessa palavra! Servir ao meu Rei e, por Ele, a todos os que foram redimidos pelo seu sangue. Se nós, cristãos, soubéssemos servir! Confiemos ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar essa tarefa de serviço, porque só servindo poderemos conhecer e amar Cristo, dá-lo a conhecer e conseguir que outros mais o amem»^[3].

Peçamos à nossa Mãe do Céu que saibamos ser dóceis ao Espírito Santo, para que Ele instaure o Reino de Deus nos nossos corações e nos faça servos de todos os homens.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Entrevistas com o Fundador do Opus Dei*, n. 110.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 180.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

Sexta-feira da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXXII do Tempo Comum. Os temas propostos são: a realidade da vinda do Senhor; a visão sobrenatural descobre vida no que parece ser morte; o serviço é o nosso tesouro para a eternidade.

Sumário

- A realidade da vinda do Senhor.
- A visão sobrenatural descobre vida no que parece ser morte.
- O serviço é o nosso tesouro para a eternidade.

ALGUMAS VEZES ouvimos Jesus usar uma linguagem profética, cheia de símbolos e comparações. Fá-lo hoje, por exemplo, quando nos fala da sua última vinda e encoraja-nos a viver em conformidade. Lembra-nos, primeiro, dois episódios do Antigo Testamento: o dilúvio universal no tempo de Noé e o castigo de Sodoma após a fuga apressada de Lot. A mensagem que Jesus quer transmitir é clara: Deus virá repentinamente. E diz-nos que, tristemente, encontrará muitos desprevenidos, ocupados ou distraídos por assuntos terrenos, sem olhar também para os eternos.

Ao fazer-nos pensar no fim dos tempos, que talvez percebamos como um acontecimento distante, Jesus convida-nos a refletir sobre o presente: também nós, talvez, estejamos ocupados com mil coisas todos os dias; talvez os nossos dias se repitam com uma certa monotonia, não nos deixando espaço para olhar o céu. É por isso que esta advertência, que o Evangelho apresenta claramente, vem a calhar: lembra-te que és mortal, e que a morte é certa, mas também incerta, imprevisível; aproveita os dias para fazer o bem, sabendo que depois chegará a verdadeira vida, a eternidade.

Olhar para o céu ajuda-nos a sintonizar a nossa vida com o projeto de Deus, com a verdade mais profunda da nossa condição humana. Saber que a

vida não acaba com a morte enche-nos de esperança. O mesmo Deus que se fez próximo de nós na terra também nos espera ardentemente no céu; ele preparou-nos uma morada. Ali nos espera, utilizando as palavras de S. Josemaria, «todo o amor, toda a beleza, toda a grandeza, toda a ciência... E sem enfastiar: saciar-te-á sem saciar»^[1].

«VISÃO SOBRENATURAL! Calma! Paz! Olha assim para as coisas, para as pessoas e para os acontecimentos... com os olhos da eternidade. Então, qualquer muro que te feche a passagem – mesmo que, humanamente falando, seja de respeito – logo que levantes de verdade os olhos para o Céu, que pouca coisa é!»^[2]. Ter uma visão sobrenatural significa colocar na equação da nossa vida o fator da vida eterna, o céu que Deus preparou para nós quando os nossos dias na terra terminarem. Esta perspectiva de fé ampla e profunda redimensiona os problemas que enfrentamos na nossa família, na Igreja, no mundo...

Considerar a realidade com visão sobrenatural – o que significa vê-la mais com os olhos de Deus, quer dizer, como realmente é – introduz-nos na sabedoria de Deus e ajuda-nos assim a descobrir o sentido positivo das renúncias que por vezes temos de fazer. «Quem procura conservar a sua vida, perdê-la-á, e quem a perder a retomará» (Lc 17, 33), diz o Senhor no Evangelho. Na vida cristã, é muitas vezes necessário perder para ganhar, morrer para dar fruto, desfazer-se daquilo que impede de seguir Cristo de perto, para se purificar, para que a alma possa voar cada vez mais alto. Olhando para Jesus, apercebemo-nos de que vale a pena lutar com alegria e esforço, sabendo que somos pouca coisa, mas também conscientes de que «tudo é bom para os que amam a Deus: nesta terra tudo tem solução, exceto a morte: e para nós, a morte é Vida»^[3].

A FÉ NA VIDA ETERNA revela-nos o verdadeiro valor do tempo presente. O Senhor, no seu amor, colocou-nos na terra, e no final voltaremos para Ele. Os nossos anos estão contados: são um dom de Deus em que também nos deu a liberdade de os usarmos como acharmos melhor. É por isso que o tempo é um tesouro precioso que Deus deixa nas nossas

mãos. Podemos desperdiçá-lo ou, pelo contrário, fazer bom uso dele, e viver «cada momento com vibração de eternidade»^[4].

Podemos concentrar o uso do tempo em nós próprios: saúde, prestígio, trabalho, bem-estar, estatuto... Ou podemos procurar frutos de eternidade através do serviço. O desejo de servir leva-nos a pôr o nosso tempo à disposição do Senhor, a não nos preocuparmos ansiosamente com o futuro, a sentirmo-nos colaboradores de Deus para edificar o seu reino nos corações. Através do serviço, o nosso tempo ultrapassa os seus limites e transforma-se no “para sempre” da eternidade.

«Compreendo perfeitamente aquela exclamação que S. Paulo escreve aos Coríntios – disse S. Josemaria –: “*tempus breve est!*” Que breve é a nossa passagem pela terra! (...) Realmente é curto o nosso tempo para amar, para dar, para desagravar»^[5]. Em Maria, que tem o maior tesouro no céu, podemos ver o melhor exemplo de serviço a Jesus e a todos aqueles que se cruzam no nosso caminho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Forja*, n. 995.

[2] *Ibid.*, n. 996.

[3] *Ibid.*, n. 1001.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 39.

Sábado da XXXII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXXII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus exorta-nos a fazer oração de petição; interceder por aqueles que nos são próximos; a oração e a fé fortalecem-se mutuamente.

Sumário

- Jesus exorta-nos a fazer oração de petição.
- Interceder por aqueles que nos são próximos.
- A oração e a fé fortalecem-se mutuamente.

EMBORA MUITAS VEZES pareça difícil conciliar a ideia de um Deus absolutamente perfeito, que tudo sabe, com a sua disposição de se deixar comover por nós, Jesus é claro no Evangelho de hoje. Sim: Deus conta com as nossas orações. O próprio Cristo relata «uma parábola sobre a necessidade de orar sempre sem desanimar: “em certa cidade vivia um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Havia naquela cidade uma viúva que vinha ter com ele e lhe dizia: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário’. Durante muito tempo ele não quis atendê-la. Mas depois disse consigo: ‘É certo que eu não temo a Deus nem respeito os homens; mas, porque esta viúva me importuna, vou fazer-lhe justiça, para que não venha incomodar-me indefinidamente’”. E o Senhor acrescentou: “Escutai o que diz o juiz iníquo!... E Deus não havia de fazer justiça aos seus eleitos, que por Ele clamam dia e noite, e iria fazê-los esperar muito tempo?”» (Lc 18, 1-7).

A parábola apresenta-nos, em cores vivas, um juiz sem coração e uma viúva perseverante. A conclusão é tirada por comparação: se mesmo alguém como aquele juiz, ainda que com relutância, cede à teimosa insistência da viúva, como pode a nossa oração perseverante não ser eficaz, se quem nos ouve é o nosso Pai Deus, que nos ama infinitamente e deseja o nosso bem mais do que nós mesmos?

Quando se descobre o amor de Deus, «compreende-se que toda a necessidade se pode tornar objeto de súplica. Cristo, que tudo assumiu para tudo redimir, é glorificado pelas súplicas que oferecemos ao Pai em Seu nome (cf. Jo 14, 13). Com esta certeza, Tiago (cf. Tg 1, 5-8) e Paulo exortam-nos a rezar em todas as ocasiões (cf. Ef 5, 20; Fl 4, 6-7; Col 3, 16-17; 1Ts 5, 17-18)»^[1]. Com a oração reconhecemos o poder, a bondade e a misericórdia de Deus. E o primeiro fruto da oração é a nossa união mais estreita com o Senhor, que nos ajuda a aceitar a sua vontade a ponto de nos identificarmos com ela, mesmo que nem sempre a compreendamos plenamente.

A VIDA DE S. Josemaria, como a de muitos outros santos, é um exemplo de perseverança na oração. «Sou muito teimoso, sou aragonês – disse numa ocasião com bom humor, lembrando um traço que costuma ser atribuído aos da sua terra –: e isso, levado ao sobrenatural, pouco importa; pelo contrário, é bom, porque é preciso persistir na vida interior»^[2]. E com grande frequência, perante as necessidades e urgências que apareciam continuamente na vida da Igreja e da Obra, encorajava as suas filhas e os seus filhos a rezar com fé e sem desânimo: «Não há outro remédio senão perseverar! Pedi, pedi, pedi! Não vedes o que eu faço? Eu tento pôr em prática esse espírito. E quando quero alguma coisa, faço todos os meus filhos rezar, e digo-lhes que ofereçam a comunhão, e o terço, e tantas mortificações e orações, milhares! E Deus Nosso Senhor, se continuarmos com perseverança pessoal, dar-nos-á todos os meios necessários para sermos mais eficazes e estendermos o seu Reino no mundo»^[3].

«A súplica é uma expressão do coração que confia em Deus, que sabe que sozinho nada pode. Na vida do povo fiel de Deus encontramos muitas súplicas cheias de uma ternura crente e de uma profunda confiança. Não diminuamos o valor da oração de petição, que tantas vezes acalma os nossos corações e nos ajuda a continuar a lutar com esperança. A súplica de intercessão tem um valor particular, porque é um ato de confiança em Deus e, ao mesmo tempo, uma expressão de amor ao próximo. Alguns, por preconceitos espiritualistas, acreditam que a oração deve ser pura contemplação de Deus, sem distrações, como se os nomes e rostos dos irmãos fossem uma perturbação a ser evitada. Ao contrário, a realidade é

que a oração será mais agradável a Deus e mais santificadora se nela, por intercessão, tentarmos viver o duplo mandamento que Jesus nos deixou. A intercessão expressa o compromisso fraterno com os outros quando nela somos capazes de incorporar as suas vidas, as suas ansiedades e os seus sonhos. De quem se entrega generosamente a interceder, pode dizer-se com as palavras bíblicas: “Este é o que ama os seus irmãos, que reza muito pelo povo” (2Mac 15, 14)»^[4].

«QUANDO vier o Filho do Homem, encontrará fé sobre terra?» (Lc 18, 8). No relato de Jesus, o auge da parábola sobre a necessidade de orar sempre, destaca a estreita ligação que existe entre fé e oração. «Acreditemos, pois, para poder rezar – dizia Sto. Agostinho – e rezemos para que não falte a fé, que é o princípio da oração. A fé difunde a oração, e a oração, difundindo-se, obtém, por sua vez, a firmeza da fé»^[5].

Tanto na nossa vida pessoal como no caminho da Igreja ao longo da história humana, podemos ter a certeza de que «a lâmpada da fé estará sempre acesa na terra enquanto o óleo da oração estiver presente»^[6]. Os aparentes sucessos ou fracassos individuais ou coletivos têm uma importância muito relativa porque a essência do Evangelho é diferente: «O Evangelho não é a promessa de sucessos fáceis. Não promete a ninguém uma vida confortável. É exigente. E, ao mesmo tempo, é uma Grande Promessa: a promessa de vida eterna para o homem, submetido à lei da morte; a promessa de vitória, pela fé, àquele homem assustado por tantas derrotas»^[7].

Devemos rezar sempre, dirigir-nos ao Senhor «como se fala com um irmão, com um amigo, com um pai: cheios de confiança. Diz-lhe: Senhor, que és toda a Grandeza, toda a Bondade, toda a Misericórdia, sei que Tu me escutas! Por isso me enamoro de Ti, com os meus modos toscos, as minhas pobres mãos gastas pelo pó do caminho»^[8]. Maria é mestra de oração porque tinha sempre o seu Filho em mente. «Olha como pede a seu Filho em Caná. E como insiste, sem desanimar, com perseverança. – E como consegue»^[9].

NOTAS

- [1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2633.
- [2] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 16/06/1974.
- [3] S. Josemaria, Meditação, 04/03/1960.
- [4] Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 154.
- [5] Sto. Agostinho, Sermão 115, 1.
- [6] Francisco, Audiência, 14/04/2021.
- [7] S. João Paulo II, *Atravessando o Limiar da Esperança*, p. 117.
- [8] S. Josemaria, *Em Diálogo com o Senhor*, “A Oração dos Filhos de Deus”, n. 2, 3g.
- [9] S. Josemaria, *Caminho*, n. 502.

XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

*Reflexão para meditar no XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo B).
Os temas propostos são: Jesus une o presente e o futuro; a Palavra de Deus não passará; ninguém sabe o dia nem a hora.*

Sumário

- Jesus une o presente e o futuro.
- A Palavra de Deus não passará.
- Ninguém sabe o dia nem a hora.

AO LONGO do ano litúrgico, vivemos o mistério de Cristo, percorrendo a sua vida desde Belém até à dor e à glória em Jerusalém. No penúltimo domingo do Tempo Comum, a Igreja convida-nos a contemplar o *último dia*: o fim dos tempos, do mundo e da história. «Mas nesses dias, depois daquela aflição» – disse Jesus, falando da sua própria vinda – «*o Sol vai escurecer-se e a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e as forças que estão no céu serão abaladas. Então, verá o Filho do Homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória*» (Mc 13, 24-26).

Os apóstolos partilharam a vida com Cristo durante três anos intensos. Foram testemunhas próximas da sua misericórdia. No final da sua vida terrena, Jesus disse-lhes que ele próprio virá para consumir definitivamente a história dos homens. Nós, cristãos, vivemos nesta contínua e doce expectativa. Então, «Deus pronunciará no Filho o seu juízo acerca das vicissitudes dos homens»^[1]. Cristo é o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim de todas as coisas, o juiz da história (cf. Ap 21, 6). Tudo tende para Ele. Toda a criação e a própria história humana se encaminham para Ele.

Esta realidade não nos desvincula das nossas tarefas quotidianas, muito pelo contrário. «Para o cristão, o mais importante é o encontro contínuo com o Senhor, estar com o Senhor. E assim, habituados a estar com o Senhor da vida, preparamo-nos para o encontro, para estar com o Senhor na

eternidade. E este encontro definitivo virá no fim do mundo. Mas o Senhor vem todos os dias, pois com a sua graça podemos praticar o bem na nossa vida e na dos outros. O nosso Deus é um Deus-que-vem [...] – Ele não desilude a nossa expectativa!»^[2].

«O CÉU e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão» (Mc 13, 31). Todo o universo está destinado a passar, toda a criação está marcada pela finitude. Num mundo onde nada é definitivamente estável, as palavras de Jesus são, pelo contrário, sementes de eternidade. Deus não passa e o que d’Ele provém não tem prazo de validade. «No terreno espiritual não há nenhuma nova época a que chegar. Já tudo se deu em Cristo, que morreu e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é preciso unirmo-nos a Ele pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós»^[3]. Para que esta união fecunda com Cristo se torne realidade e para que a ação da Palavra de Deus não seja infrutífera, o cristão precisa de cultivar o silêncio interior e exterior. Deste modo, podemos ter um coração atento à sua voz. «O silêncio é capaz de escavar um espaço interior no nosso íntimo, para ali fazer habitar Deus, para que a sua Palavra permaneça em nós, a fim de que o amor por Ele se arraigue na nossa mente e no nosso coração, e anime a nossa vida»^[4].

Todas as palavras proferidas pelos homens, mesmo as mais importantes, sofrem a passagem do tempo. Pelo contrário, as palavras de Deus reunidas no Evangelho nunca se gastam, estão vivas e dão vida em abundância. Vemos isso, com alegria, ao descobrirmos que uma passagem da Escritura nos toca de uma maneira nova ou volta a ganhar brilho quando fazemos dela o tema da nossa oração. Esta leitura requer tempo e calma. «Não é suficiente ler as Sagradas Escrituras, mas é preciso ouvir Jesus que fala através delas»^[5]. Deste modo, com a inspiração do Espírito Santo, as palavras divinas tornam-se parte do nosso ser. O próprio Jesus é, também nisto, um modelo: na sua vida pública, vemo-l’O, com frequência, a afastar-se para rezar, parando para falar com seu Pai e escutá-l’O.

JESUS ANUNCIA-NOS o fim da história, porque deseja que nós, os seus discípulos, estejamos atentos, em vigília, que não nos distraiamos do

que é importante e verdadeiro. Quando sabemos que algo vai acontecer no futuro, mas não sabemos, exatamente, o momento concreto, o coração procura não se distrair. Por este motivo, Jesus, ao profetizar o fim, não satisfaz a possível curiosidade sobre o momento exato desse último dia: «Quanto a esse dia ou a essa hora, ninguém os conhece: nem os anjos do Céu, nem o Filho; só o Pai» (Mc 13, 32). Jesus quer que vivamos na expectativa da sua vinda, porque sabe que viver assim nos torna mais felizes. A expectativa acende os desejos do nosso coração, dilata-o e torna-o capaz de um amor mais atento.

«Já desde os primeiros tempos, a perspectiva do Juízo influenciou os cristãos até na sua própria vida quotidiana enquanto critério segundo o qual ordenar a vida presente, enquanto apelo à sua consciência e, ao mesmo tempo, enquanto esperança na justiça de Deus. A fé em Cristo nunca se limitou a olhar só para trás nem só para o alto, mas olhou sempre também para a frente, para a hora da justiça que o Senhor, repetidas vezes, preanunciara. Este olhar para diante conferiu ao cristianismo a sua importância para o presente»^[6]. Que Maria, Rainha do Céu, nos ajude a acolher a Jesus enquanto centro das nossas vidas, com os nossos pés no presente e o nosso olhar no futuro! Pedimos ao Senhor, nas palavras da *Coleta* da Missa de hoje: «Senhor nosso Deus, concedei-nos a graça de encontrar sempre a alegria no vosso serviço, porque é uma felicidade duradoira e profunda ser fiel ao autor de todos os bens»^[7].

NOTAS

[1] S. João Paulo II, Homilia, 19/11/2000.

[2] Francisco, Angelus, 29/11/2020.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 104.

[4] Bento XVI, Audiência, 07/03/2012.

[5] Francisco, Discurso, 04/10/2013.

[6] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 41.

[7] Oração coleta do XXXIII domingo do Tempo Comum.

XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A)

*Reflexão para meditar no XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo A).
Os temas propostos são: redescobrir os nossos talentos; quando o medo paralisa; sem temor ao risco.*

Sumário

- Redescobrir os nossos talentos.
- Quando o medo paralisa.
- Sem temor ao risco.

UM HOMEM, antes de empreender uma viagem, decidiu chamar os seus servos e entregou-lhes os seus bens: «A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade» (Mt 25, 15). Quando partiu, os dois primeiros puseram-se a negociar o que tinham recebido e conseguiram obter o dobro do que tinham. Em contrapartida, o que tinha recebido só um optou por fazer «uma cova na terra e nela escondeu o dinheiro do seu senhor» (Mt 25, 17).

Com esta parábola, Jesus quis ensinar aos seus discípulos a usarem bem os seus dons. «Deus chama cada homem à vida e dá-lhe talentos, confiando-lhe, ao mesmo tempo, uma missão a cumprir»^[1]. Todos nós temos qualidades que, de alguma maneira, nos fazem únicos. Às vezes, porém, podemos ter inveja dos talentos de outra pessoa e lamentarmo-nos porque pensamos que não somos tão valiosos como ela. Cristo, por seu lado, abençoou-nos de muitas maneiras e uma delas foi conceder-nos faculdades específicas para desempenharmos a missão que nos confiou. Descobrir o modo particular como cada um de nós pode servir a Deus e aos outros permite-nos olhar para os nossos talentos com os olhos do Senhor. «Assim amadurecerá mais e mais em nós uma atitude interior de abertura às necessidades dos outros, saberemos colocar-nos ao serviço de todos e veremos com maior clareza qual o lugar que Deus nos confiou neste mundo»^[2].

«A tua vida para ti? – escrevia S. Josemaria –. A tua vida para Deus, para o bem de todos os homens, por amor ao Senhor. Desenterra esse talento! Torna-o produtivo, e saborearás a alegria de saber que, neste negócio sobrenatural, não interessa que o resultado não seja, na terra, uma maravilha que os homens possam admirar»^[3]. O que é importante é que contribuamos para que o nosso próprio ambiente – a casa, o local de trabalho, o grupo de amigos – se torne um lugar melhor, onde possamos transmitir aos outros, com os nossos talentos, a alegria de viver junto de Jesus.

ENQUANTO QUE os que receberam vários talentos negociaram com eles, o que recebeu um escondeu-o debaixo da terra. Quando, depois de muito tempo, chegou o senhor, aquele servo apresentou-se diante dele dizendo: «Senhor, eu conhecia-te, és um homem duro que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; e atemorizado escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu» (Mt 25, 24-25). Preferiu a segurança que lhe dava o buraco no solo, a lançar-se à aventura de fazer render o talento que o seu senhor lhe tinha dado.

O medo é uma reação natural que temos perante o desconhecido ou os problemas da vida. No entanto, quando lhe damos demasiada importância, «é uma atitude que nos faz mal, que nos debilita, que nos torna encolhidos, que nos paralisa. Tanto é assim que, uma pessoa escravizada pelo medo não se mexe, não sabe o que fazer: fica com medo, centrada sobre si mesma, à espera de que aconteça algum mal»^[4]. O medo, em vez de nos permitir desfrutar do talento que Deus nos deu, leva-nos a concentrar a nossa atenção em tudo aquilo que pode correr mal.

A proposta cristã não consiste em ignorar ingenuamente as dificuldades possíveis. Trata-se, antes do mais, de um convite para depositarmos a nossa confiança no amor incondicional do Senhor, e recordarmos que estamos sob as Suas mãos que nos protegem e nos guardam. Como escreve o prelado do Opus Dei: «Numa época da vida em que a segurança da infância pode vacilar e a luz da fé pode perder força, é muito oportuno recordar a nossa verdade mais profunda: somos filhos de Deus e fomos criados por amor»^[5]. Deste modo, o que talvez tivéssemos medo de perder – a saúde, certos bens,

a estima dos outros –, terá adquirido uma importância relativa, pois sabemos que Cristo vela por nós e nunca deixará de amar-nos. Esta certeza permitir-nos-á acolher as contrariedades com valentia e fortaleza, pois «se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?» (Rm 8, 31). Neste tempo de oração podemos identificar quais são os nossos medos e entregá-los nas mãos do Senhor, para assim podermos desfrutar da vida que nos confiou.

O MEDO pode manifestar-se quando temos de tomar uma decisão que pressupõe uma mudança importante na nossa vida. Talvez não saibamos como conseguiremos enfrentar os obstáculos que irão surgir pelo caminho e, por isso, tenhamos medo do fracasso. Isso pode levar-nos a adiar essa escolha o mais possível, ou então, a estarmos mais atentos às dificuldades que possam surgir do que às alegrias que iremos encontrar. Assim, o medo leva-nos a fazer da segurança a meta da própria vida, evitando riscos e procurando seguranças contínuas a que nos agarrar. Vivemos de alguma maneira como escravos do futuro sem vivermos o presente junto de Deus que é senhor da História.

«A busca pessoal pode gerar um certo desassossego, porque sentimos a vertigem da liberdade. Será que vou ser feliz? Será que vou ter forças? Será que vale a pena comprometer-me? E aqui, de novo, Deus não nos deixa sós»^[6]. Qualquer aventura que valha a pena comporta um certo risco. Querer ter tudo sob controlo, além de ser impossível – porque surgirão sempre circunstâncias imprevistas –, leva a que se ponha o medo no centro da vida, e não tanto o desejo de realizar algo que valha a pena. Por isso, o Senhor quer libertar-nos dos nossos temores, que em muitas ocasiões se alimentam da nossa imaginação e não correspondem à realidade. Quando nos decidimos, com entusiasmo e empenho, a enveredar por um caminho, obtemos a estabilidade e a certeza que não tínhamos antes, pois sabemos que a nossa vida tem um sentido claro. E sabemos que, em cada momento, teremos o Senhor a nosso lado, confiando em nós e estando de algum modo presente, com delicadeza e ternura.

A Virgem Maria também sentiu um certo medo quando ouviu a saudação do anjo. Por isso, Gabriel lhe disse: «Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus» (Lc 1, 30). Aquele temor inicial não a

impediu de se lançar à aventura de ser Mãe de Deus. Embora desconhecesse as dificuldades que iriam surgir, sabia que poderia contar a todo o momento com o Senhor, para quem «nada é impossível» (Lc 1, 37). O anúncio do anjo rapidamente a encheria de alegria e de firmeza. Assim, pondo a sua segurança na força divina, sem fazer cálculos, decidiu empreender com alegria esse caminho: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38).

NOTAS

[1] Bento XVI, Angelus, 13/11/2011.

[2] Fernando Ocáriz, “*Luz para ver, força para querer*”, *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 32.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 47.

[4] Francisco, cit. em S. Noé, *El miedo como don*, Ediciones San Pablo, 2023.

[5] Fernando Ocáriz, “*Luz para ver, força para querer*”, *Expresso*, edição de 27/10/2018, Primeiro Caderno, p. 32.

[6] *Ibid.*

XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

*Reflexão para meditar no XXXIII domingo do Tempo Comum (Ciclo C).
Os temas propostos são: confiar na ação de Cristo; Deus conta com o
nosso esforço; o fundamento da nossa segurança.*

Sumário

- Confiar na ação de Cristo.
- Deus conta com o nosso esforço.
- O fundamento da nossa segurança.

JESUS encontra-se no Templo. Depois de contemplar a beleza com que está adornado, dirige-se aos seus discípulos e fala-lhes do tempo da perseguição e da destruição do Templo. E no meio deste discurso, o Senhor intercala uma série de recomendações para enfrentar esses acontecimentos. «Deitar-vos-ão as mãos e hão de perseguir-vos, entregando-vos às sinagogas e às prisões (...). Tende presente em vossos corações que não deveis preparar a vossa defesa» (Lc 21, 12-14).

Este conselho pode soar um pouco estranho. Que sentido tem não preparar uma defesa perante uma perseguição injusta? Efetivamente, talvez Jesus queira que não demos tanta importância ao que somos capazes de fazer, mas ao que Ele pode operar em nós, sobretudo em momentos de dificuldades. « Eu vos darei língua e sabedoria a que nenhum dos vossos adversários poderá resistir ou contradizer» (Lc 21, 15), diz a seguir. Colocamos perante os nossos limites para ser Ele a brilhar na nossa vida. São palavras que podem avivar ainda mais a nossa fé e a nossa esperança, porque nos lembram que não estamos sós.

Isto foi algo que S. Josemaria experimentou na sua própria vida. Em determinada altura, ia a passear por Londres. Ao contemplar o ritmo frenético das pessoas, o poderio material e financeiro, sentiu-se tão desconcertado e incapaz que pensou: «Josemaria, aqui não podes fazer

nada». E imediatamente teve a resposta: «Tu não podes nada. Mas Eu posso tudo!»^[1]. Tinha essa convicção tão gravada na sua alma que deixara escrito em *Caminho*: «Sentes uma Fé gigante... – Quem te dá essa fé, dar-te-á os meios»^[2].

SABER que Deus está sempre ao nosso lado leva-nos a viver de maneira serena e otimista. Contudo, isto não quer dizer que as nossas ações sejam indiferentes, que tanto faça tomar uma decisão como outra. Cristo, para dilatar o seu reinado nos corações, conta com o que fazemos e com o que somos capazes de fazer. De facto, o Evangelho dá exemplos de pessoas que colaboraram com Jesus através de gestos concretos: encher as talhas de água, abrir um buraco num teto, apresentar os pães e os peixes, dar de beber ao desconhecido que tem sede... São pormenores que estavam ao alcance de qualquer um, mas que, ao pô-los em prática, tiveram um resultado inimaginável: o melhor vinho, a cura de um paralítico, abundância de comida ou uma mudança de vida.

Jesus comove-se de certeza ao ver os nossos esforços por sermos santos. «O Deus da nossa fé não é um ser longínquo, que contempla indiferente a sorte dos homens. É um Pai criador que transborda de carinho pelas suas criaturas»^[3]. Ele não vai pôr-nos perante uma tarefa que não sejamos capazes de realizar; convida-nos a colaborar com as coisas comuns da nossa vida, que nos podem parecer pequenas, mas adquirem outra dimensão nas suas mãos. Ele supera os nossos limites de uma maneira que não podemos imaginar. «Jesus não nos pede aquilo de que não dispomos, mas faz-nos ver que se cada um oferecer o pouco que tiver, pode realizar-se sempre de novo o milagre: Deus é capaz de multiplicar o nosso pequeno gesto de amor e tornar-nos partícipes do seu dom»^[4].

PERANTE os acontecimentos que o Senhor anuncia, de perseguições e dificuldades, podemos sentir que «a nossa fé é pobre (...) e o nosso caminho pode ser perturbado, bloqueado por forças adversas»^[5]. Nessas situações, pode ajudar-nos recordar que a nossa esperança está fundamentada em «algo que já se cumpriu e que certamente se há de realizar para cada um de nós»^[6]: o triunfo de Jesus sobre a morte e o mal.

Desde os inícios da Igreja, os cristãos atravessaram diversas dificuldades. Nós, como eles, podemos superar qualquer obstáculo porque, como reza o sacerdote muitas vezes na santa Missa, Cristo venceu a morte e tornou-nos participantes da sua vida imortal^[7]. Está verdadeiramente presente no mundo, na Igreja e na nossa vida. O Senhor faz uma promessa a todos aqueles que colaboram na sua missão, embora muitas vezes a alegria se misture com o cansaço: «Pela vossa constância é que sereis salvos» (Lc 21, 19).

Aceitar as dificuldades com a convicção de quem se sabe sempre nas mãos de Deus levar-nos-á a viver com maior serenidade. «Pediste ao Senhor que te deixasse sofrer um pouco por Ele –escreve S. Josemaria–. Mas depois, quando chega o padecimento em forma tão humana, tão normal (dificuldades e problemas familiares..., ou essas mil e uma miudezas da vida corrente), custa-te ver Cristo por trás disso. – Abre com docilidade as mãos a esses cravos..., e a tua dor converter-se-á em alegria»^[8]. Podemos pedir a Maria para sabermos viver as contradições de cada dia com a segurança de que o seu Filho nos acompanha a todo o momento.

NOTAS

[1] cf. Andrés Vázquez de Prada, *Josemaria Escrivá*, tomo III, p. 273.

[2] S. Josemaria, *Caminho*, n. 577.

[3] S. Josemaria, Discurso da cerimónia de investidura académica, “*O compromisso da verdade*”, 09/05/1974, em *Josemaria Escrivá e a Universidade*. Almedina, Coimbra, 2003.

[4] Bento XVI, Angelus, 29/07/2012.

[5] Francisco, Angelus, 09/08/2020.

[6] Francisco, Audiência, 01/02/2017.

[7] cf. Missal Romano.

[8] S. Josemaria, *Sulco*, n. 234.

Segunda-feira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na segunda-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o grito do cego de Jericó; a oração é uma manifestação de fé; crescer no nosso desejo de Deus.

Sumário

- O grito do cego de Jericó.
- A oração é uma manifestação de fé.
- Crescer no nosso desejo de Deus.

O CEGO DE JERICÓ faz o mesmo trajeto todos os dias, da sua casa até ao lugar onde se senta para mendigar. Todos os dias volta para casa com algumas moedas, que recebe daqueles que se comovem com a sua miséria. Ninguém pode fazer nada para aliviar a sua cegueira. Mas um dia Jesus passa perto dele, cercado por uma pequena multidão. O cego pergunta aos transeuntes o motivo do alvoroço e «disseram-lhe que era Jesus Nazareno que passava. Então ele começou a gritar: “Jesus, filho de David, tem piedade de mim”» (Lc 18, 35-39). Aquela notícia inesperada, cheia de fé e esperança, abriu-lhe subitamente o coração.

Jesus também passa pelas nossas vidas quando estamos sentados à beira do caminho, conscientes de que, como o cego, precisamos de uma fé e uma esperança que não nascem apenas das nossas forças. «O Senhor procura-nos a todo o instante»^[1]. Ele está presente no nosso trabalho, na nossa casa, nas ruas da nossa cidade, quando sentimos necessidade da compaixão divina. Cristo está ao nosso lado nas pessoas ao nosso redor, especialmente nos doentes, nos idosos ou nos mais fracos, em quem vemos Jesus. O Senhor passa servindo-Se também das nossas fragilidades e dos nossos defeitos.

S. Josemaria animava-nos a rezar com as palavras da personagem de Jericó: «Então inflamou-se-lhe tanto a alma na fé em Cristo, que gritou: *Jesus, Filho de David, tem piedade de mim*. Não te dá vontade de gritar, a ti

que também estás parado na berma do caminho, desse caminho da vida que é tão curta; a ti, a quem faltam luzes; a ti, que necessitas de mais graça para te decidires a procurar a santidade? Não sentes urgência em clamar: *Jesus, Filho de David, tem piedade de mim?* Que bela jaculatória para repetires com frequência!»^[2].

DEPOIS DE SUPERAR múltiplas dificuldades – a distância, o barulho, os vizinhos que o mandam calar-se – o cego conseguiu fazer-se ouvir por Jesus. Talvez seja a primeira vez que se depara com Cristo, mas já neste primeiro encontro arrancará da misericórdia de Deus o milagre de recuperar a visão. É um exemplo de fé audaz. Nada o detém porque é muita a sua necessidade e desejo de luz. «Os que vinham à frente repreendiam-no, para que se calasse, mas ele – diz-nos o Evangelho – gritava ainda mais. Jesus parou e mandou que Lho trouxessem» (Lc 18, 39-40). Da mesma forma que o cego, com os seus gritos ardentes, deteve o Senhor, nós podemos “parar” Jesus todos os dias com a nossa oração. Quanto mais necessitados nos sentimos, mais devemos insistir, porque assim o Senhor já estará a atuar em nós; já estaremos a caminho de recuperar a luz perdida.

«A oração é o respiro da fé, é a sua expressão mais adequada. Como *um grito* que sai do coração de quem crê e se confia a Deus (...) A fé é um grito; a não-fé é sufocar aquele grito. Aquela atitude que as pessoas tinham, ao silenciá-lo: não eram pessoas de fé, mas ele sim. Sufocar aquele grito é uma espécie de “cumplicidade tácita”. A fé é protesto contra uma condição penosa da qual não compreendemos o motivo; a não-fé é limitar-se a padecer uma situação à qual nos adaptamos. A fé é esperança de ser salvo; a não-fé é acostumar-nos com o mal que nos oprime e continuar assim. (...) Tudo invoca e suplica para que o mistério da misericórdia encontre o seu cumprimento definitivo. Não rezam só os cristãos: eles compartilham o clamor de oração com todos os homens e mulheres»^[3].

Comentando esta passagem, S. Gregório Magno sugere: «Aquele que tem o poder de restaurar a visão ignorava o que o cego queria? Obviamente, não. Mas quer que lhe peçamos coisas, mesmo que saiba de antemão e vai-nos conceder. Exorta-nos a pedir, até ao ponto de incomodar (...). Se

pergunta, é para que se Lhe peça; se pergunta, é para impelir o nosso coração à oração»^[4].

«O QUE O CEGO pede ao Senhor não é ouro, mas luz»^[5]. «“Senhor, que eu veja”. Disse-lhe Jesus: “Vê. A tua fé te salvou”. No mesmo instante ele recuperou a vista» (Lc 18, 41-42). As muralhas da velha Jericó desmoronaram-se quando a Arca da Aliança a circundou sete vezes. Nesta ocasião, quando Jesus atravessava a cidade, alguns gritos cheios de fé foram suficientes para alcançar a cura. «Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se veem», diz o autor da Carta aos Hebreus (Heb 11, 1).

O que pode um pobre cego esperar mais ardentemente do que recuperar a visão, parar de mendigar na rua, contemplar finalmente os rostos dos seus entes queridos, caminhar livremente pela sua cidade ou ir em peregrinação ao Templo de Jerusalém? O seu desejo é acompanhado pela sua audácia. S. João da Cruz costumava repetir de várias maneiras que o que alcançamos é proporcional ao que esperamos^[6]. S. João Crisóstomo, na mesma linha, comentou que «assim como tira pouca água de uma fonte quem vai lá com vasilhas pequenas e quem leva as maiores tira muita (...), e como também acontece com a luz, que estende mais ou menos a sua claridade segundo as janelas que se abrem, assim a graça se recebe segundo a medida da intenção»^[7].

Por isso o Senhor «que o ouviu desde o começo, deixou-o perseverar na sua oração. Contigo, procede da mesma maneira. Jesus apercebe-se do primeiro apelo da nossa alma, mas espera. Quer que nos convençamos de que precisamos dele; quer que lhe roguemos, que sejamos teimosos, como aquele cego que estava à beira do caminho»^[8]. A nossa Mãe, Maria, mesmo cheia de graça, rezava sem cessar e continua a fazê-lo. Podemos pedir-lhe para descobrir na nossa oração essa dimensão de necessidade e desejo de Deus.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 196.

[2] *Ibid.*, n. 195

[3] Francisco, Audiência, 06/05/2020.

[4] S. Gregório Magno, *Homilias sobre o Evangelho*, n. 2.

[5] *Ibid.*

[6] «Porque a esperança do céu / tanto alcança quanto espera» (S. João da Cruz, *Tras de un amoroso lance*, estrofe 4).

[7] S. João Crisóstomo, comentário a esta passagem em *Catena aurea*.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 195.

Terça-feira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus entra no coração de Zaqueu; aprender com a sua «santa desvergonha»; a conversão manifesta-se na generosidade.

Sumário

- Deus entra no coração de Zaqueu.
- Aprender com a sua «santa desvergonha».
- A conversão manifesta-se na generosidade.

O EVANGELHO apresenta-nos o encontro entre Jesus e Zaqueu quase como um facto casual. Zaqueu exerce o ofício de chefe dos publicanos de Jericó, uma cidade importante situada junto ao rio Jordão, e é muito rico. Cobra impostos para a autoridade romana, e é por isso considerado um pecador público. Os publicanos, além disso, com frequência, aproveitavam a sua posição para se enriquecer com a chantagem, o que lhes tinha feito ganhar o desprezo dos seus vizinhos.

Naquele dia, Jesus entra em Jericó e atravessa-a acompanhado pela multidão (cf. Lc 19, 1-10). O desejo de ver o Mestre leva Zaqueu a um gesto peculiar, de certo modo ridículo, devido à sua posição social. Por ser de pequena estatura, «correu à frente, subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar por ali» (Lc 19, 4). Apesar de Zaqueu parecer estar movido apenas pela curiosidade, na realidade esse gesto era já um fruto da misericórdia de Deus que o atraía e que rapidamente iria transformar o seu coração. Antes de Zaqueu receber Jesus na sua casa, o Senhor tinha-o recebido a ele. «Às vezes, o encontro de Deus com o homem também tem a aparência da casualidade. Mas nada é “casual” da parte de Deus»^[1].

«Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa» (Lc 19, 5). O

olhar de Cristo penetrou na alma do publicano com firmeza. Além disso, com quanta ternura e familiaridade escutou Zaqueu pronunciar o seu nome! Feliz pelo encontro, «ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria» (Lc 19, 6). Ou seja, abriu generosamente a porta da sua casa e do seu coração ao encontro com o Salvador.

ZAQUEU TEVE possivelmente uma resistência interior a trepar ao sicómoro. Sim, queria conhecer Jesus, mas corria o risco de provocar ainda mais animosidade entre os seus vizinhos. Desde o início teve de vencer a vergonha do ridículo e ignorar o *que vão dizer*. Arriscou-se e superou estes obstáculos «porque a atração de Jesus era mais forte»^[2].

S. Josemaria qualificou a sua valente atitude de «santa desvergonha» e comentava-a assim: «Não faltam [a Zaqueu] nem as zombarias das crianças, nem a gargalhada na boca de algumas pessoas adultas. Mas tudo isso, que importa? Que importa, quando se trata do serviço de Cristo, a opinião das pessoas, os respeitos humanos? Quando uma falsa vergonha nos intimide, seja sempre este o nosso pensamento: Jesus e eu, Jesus e eu; o restante, que nos importa? (...). Dá-me, meu Jesus, a santa desvergonha (...). Concedeme, meu Deus, uma fortaleza de ferro para fazer o que deva fazer»^[3].

Deus é «muito bom pagador – afirmava Sta. Teresa de Jesus –. E como tal, mesmo que sejam coisas muito pequenas, não deixeis de fazer pelo seu amor o que puderdes. Sua Majestade as pagará; não olhará senão para o amor com que as fizerdes»^[4]. Apesar do movimento inicial de Zaqueu parecer mais de curiosidade do que de amor, ele «empregou os meios para conhecer Jesus e vai obter a sua recompensa. É necessário, para sentirmos a fâsca do olhar de Jesus Cristo, que nos entreguemos a ele (...). A recompensa está aí: no olhar, na chamada de Jesus»^[5].

O CHEFE dos publicanos hospedou na sua casa o Senhor e, assim, abriu espaço para Deus na sua vida. Em poucos minutos, a proximidade de Jesus começou a transformar o seu coração. Já no limiar da sua casa, declarou: «Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e se defraudei alguém em alguma coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais» (Lc 19, 8).

Jesus dissipou com delicadeza as trevas do seu interior. Certamente, «à sua luz alargam-se os horizontes da existência: um homem começa a dar-se conta dos outros e das suas necessidades (...). Dar-se conta da existência de outro ser humano, do próximo, constitui um dos principais frutos de uma conversão sincera. O homem abandona o seu egoísta «ser para si mesmo» e torna-se altruísta, sente a necessidade de «ser para os outros», de ser para os irmãos»^[6].

«Como o coração é de tamanho reduzido – dizia Sta. Catalina de Sena –, temos de fazer como Zaqueu, que não era grande e subiu a uma árvore para ver Deus... Devemos fazer o mesmo se somos baixos, quando temos o coração estreito e pouca caridade: temos de subir à árvore da santa cruz, e ali veremos, tocaremos em Deus»^[7].

Como sucedeu naquele dia em Jericó, também hoje Cristo nos olha, nos chama pelo nosso nome, e a cada um faz a sua proposta: «Hoje tenho de ficar em tua casa» (Lc 19, 5). Esse «hoje» é um estímulo para a nossa generosidade. O «hoje» de Cristo tem de soar com toda a sua força, como uma chamada a dar-mo-nos sinceramente às pessoas. «Ele pode mudar-nos, pode transformar o nosso coração de pedra em coração de carne, pode libertar-nos do egoísmo e fazer da nossa vida uma dádiva de amor»^[8]. Maria observava Jesus desde criança e vivia na mesma casa: ela pode ensinar-nos o caminho para o convidar para a nossa e para deixar que nos transforme em generosos servidores dos outros.

NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Carta aos sacerdotes*, 17/03/2002.

[2] Francisco, Homilia, 31/07/2016.

[3] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 12/04/1937.

[4] Sta. Teresa de Jesus, *Conceptos del Amor de Dios*, I, 6.

[5] S. Josemaria, Notas de uma meditação, 12/05/1937.

[6] S. João Paulo II, Homilia, 08/06/1999.

[7] Sta. Catalina de Siena, Carta 119.

[8] Francisco, Angelus, 03/11/2013.

Quarta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: fazer render os dons que Deus nos deu; chamados a redimir o nosso tempo; não desconfiar do nosso talento.

Sumário

- Fazer render os dons que Deus nos deu.
- Chamados a redimir o nosso tempo.
- Não desconfiar do nosso talento.

AO SUBIR PARA JERUSALÉM, já perto da Cidade Santa, Jesus contou a parábola das minas ao grupo que O acompanhava (cf. Lc 19, 11-27). Um rei vai para uma terra distante e confia os seus bens a dez dos seus servos, para que os rentabilizem. Cada servo recebe a mesma quantia de dinheiro: uma mina, que equivalia a meio quilo de prata. Dá a todos a mesma instrução: «Fazei-as render até que eu volte» (Lc 19, 13). Cada um destes servos tem nas suas mãos um dom, e o senhor pede-lhes que o empreguem bem para dar fruto.

Olhar para os nossos próprios talentos ajuda-nos a compreender a confiança que o Senhor tem em nós. São a nossa forma única e pessoal de participar na missão de Deus. Os nossos talentos são dons que ajudam a Igreja, o mundo e a sociedade. Além disso, juntamente com todas as nossas características pessoais, recebemos o grande dom da fé em Cristo e a possibilidade de viver a sua própria vida através dos sacramentos, esses «tesouros inesgotáveis de amor, misericórdia e afeto»^[1]. Cristo «deu-nos os mais preciosos e magníficos dons prometidos, para que assim vos torneis participantes da natureza divina» (2Pd 1, 4).

O rei da parábola confia nesses servos, dá muita margem à sua iniciativa. Não lhes dá instruções detalhadas, dizendo-lhes exatamente o que fazer, mas deixa tudo nas suas mãos. Dois deles entenderam-no

rapidamente. Souberam atuar com liberdade e generosidade dentro dos amplos planos do seu senhor. Viram aquele gesto de confiança como um apelo a fomentar os seus próprios talentos e a abrirem-se aos seus concidadãos: «Que cada um ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu, como bons administradores da multiforme graça de Deus» (1Pd 4, 10-11).

«QUANDO VOLTOU, investido do poder real, mandou chamar à sua presença os servos a quem entregara o dinheiro, para saber o que cada um tinha lucrado» (Lc 19, 15). Os dois primeiros servos receberam uma generosa recompensa pelo seu trabalho: tinham feito render o tesouro recebido, dando fruto abundante. O rei regozijou-se e disse a ambos: «Muito bem, servo bom! (...) foste fiel no pouco» (Lc 19, 17).

Os dons «que Deus nos deu não são nossos, foram-nos dados para que os usemos para a glória de Deus – dizia Sta. Teresa de Calcutá –. Sejamos generosos e usemos tudo o que temos, pelo bom Mestre»^[2]. Regra geral, este «negócio» será levado a cabo nas coisas normais da nossa vida, no quotidiano, nas tarefas e relações que aos olhos do mundo poderiam parecer irrelevantes. «Façamos o que fizermos, mesmo que seja apenas ajudar alguém a atravessar a rua, estamos a fazê-lo a Jesus. Até mesmo oferecer um copo de água a alguém, é dá-lo a Jesus», concluía a Santa. «Deus conta com a nossa correspondência diária, feita de coisas pequenas que se engrandecem pelo poder da sua graça»^[3].

«Tem o homem alguma coisa para oferecer a Deus? – perguntava-se, por sua vez, um Padre da Igreja –. Sim, a sua fé e o seu amor. Isto é o que Deus pede ao homem (...). O dom de Deus existe, mas também deve existir a colaboração do homem»^[4]. Na realidade, o facto de Deus ter querido entregar nas nossas mãos a possibilidade de fazermos tantas coisas boas, em vez de as fazer Ele próprio, é uma dádiva misteriosa. Esta parábola mostra como o Senhor deseja que, com as nossas capacidades, O ajudemos a cuidar dos outros e a transformar o mundo. Esta confiança divina em nós cria variedade e pluralidade. Como dizia S. Josemaria: «Cada geração de cristãos deve redimir e santificar o seu tempo»^[5].

O TERCEIRO servo da parábola não pensou nas preocupações do seu amo, nem quis investir o dinheiro, mas apenas se preocupou com a sua própria segurança: escondeu tudo num lenço para o devolver intacto. «Senhor, aqui está a tua mina» (Lc 19, 20). Este servo, ao contrário dos outros dois, «decidiu irresponsavelmente optar pela comodidade de devolver apenas o que lhe fora entregue. Dedicar-se-á a matar os minutos, as horas, os dias, os meses, os anos... a vida!»^[6]. Comparando-se com os seus companheiros, talvez pensasse que a tarefa o superava e preferiu um caminho sem riscos. Sem dúvida perdeu a grande oportunidade de pôr em jogo os seus valiosos talentos.

Ao chegar, o senhor censurou, com dureza, a negligência deste servo; tinha sido um «servo mau» (Lc 19, 26), disse-lhe, porque não tinha feito render o que lhe tinha confiado. Esconder a moeda, comenta S. Beda, «é tanto como enterrar os dons recebidos debaixo do ócio numa frouxa preguiça (...). É chamado ‘servo mau’ porque foi preguiçoso no cumprimento do seu dever»^[7]. Entre o medo de fracassar e o desejo de não complicar a sua vida, afogou a felicidade a que era chamado, muito maior do que a que imaginara.

«Temos uma grande tarefa à nossa frente – recordava-nos S. Josemaria –. Não há lugar para a atitude de ficarmos passivos, porque o Senhor declarou expressamente: ‘negociai até Eu vir’. Enquanto esperamos o regresso do Senhor, que voltará para tomar posse plena do seu Reino, não podemos estar de braços cruzados»^[8]. A nossa Mãe bendita correu a partilhar a sua alegria com a sua prima; não enterrou, nem por um segundo, a graça com que Deus a tinha cumulado. Podemos pedir-lhe essa mesma audácia para rentabilizarmos os talentos que Deus nos deu.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 162.

[2] Sta. Teresa de Calcutá, *Não há amor maior*, cap. 5.

[3] Fernando Ocáriz, *À luz do Evangelho*.

[4] Orígenes, Homilias sobre o Livro dos Números, n. 12, 3.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 132.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 45.

[7] S. Beda, comentário a esta passagem em *Catena Aurea*.

[8] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 121.

Quinta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus chora por Jerusalém; o engano do pecado; descobrir os dons de Deus.

Sumário

- Jesus chora por Jerusalém.
- O engano do pecado.
- Descobrir os dons de Deus.

A MEIO da encosta do Monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém, fica a igreja conhecida como *Dominus flevit*. Segundo a tradição, foi ali que Jesus, «ao ver a cidade, chorou sobre ela», pois muitos não O reconheceram como o Messias. «Dias virão para ti –disse o Senhor, profetizando a destruição de Jerusalém– em que os teus inimigos te rodearão de trincheiras e te apertarão de todos os lados. Esmagar-te-ão a ti e aos teus filhos» (Lc 19, 43-44). Como todo o judeu piedoso, o Senhor amava Jerusalém. Desde a Sua apresentação no Templo, aquela cidade seria um lugar de destaque para a Sua missão. Foi lá rezar, pregar, fazer milagres... Por isso não fica indiferente à sorte que vai correr.

Mas o que mais preocupa Jesus são aqueles homens e mulheres que não quiseram acolhê-lo como Messias. A Sua reação é a de qualquer pessoa quando vê sofrer alguém que ama: chora pelo outro. O Senhor, como aconteceu naquele dia em que viu Jerusalém, sofre pelo mal que nós mesmos causamos pelo pecado. «Que valor deve ter o homem aos olhos do Criador, que mereceu ter tão grande Redentor!»^[1], canta um hino litúrgico. Merecemos não apenas as lágrimas de Deus, mas até a última gota do Seu sangue. O Senhor «não pode ver as pessoas sem sentir compaixão»^[2]. As Suas lágrimas por Jerusalém mostram-nos como é o coração de Deus e como reage quando nos afastamos d'Ele. Podemos também pedir que o

nosso coração seja mais sensível ao drama do pecado para que, abrindo-nos à Sua graça, levemos conforto aos que nos rodeiam.

O SENHOR chora por Jerusalém porque não reconheceram Deus, e isso só pode causar sofrimento. É o drama que percorre a história da humanidade: o do amor fiel de Deus que nos procura para estabelecer uma aliança de amor, e as infidelidades no coração do homem por causa do pecado. «À luz de toda a Bíblia, esta atitude de hostilidade, ambiguidade ou superficialidade está a representar a de cada homem e a do "mundo" no sentido espiritual quando se fecha ao mistério do verdadeiro Deus, o qual vem ao nosso encontro com a desarmante mansidão do amor»^[3].

Alguns autores da antiguidade cristã consideraram que «nós somos aquela Jerusalém sobre a qual Jesus chorou»^[4]. Quando nos deixamos enganar pelo pecado, é esse mesmo mal que causamos a nós mesmos que, de alguma forma, aflige o Senhor. O verdadeiro drama do mal não é tanto a desobediência a uma regra ou norma; é sobretudo, uma expressão de recusa do Seu amor, com a consequência de nos fecharmos em nós próprios, iludindo-nos que encontramos mais liberdade e autonomia»^[5]. Todo o pecado acaba por mostrar a sua falsidade, ao privar-nos da alegria e da paz que Deus nos oferece.

Pelo contrário, a vida com Cristo leva-nos a abrir-nos aos outros e a encontrar a verdadeira liberdade. Não é uma existência marcada pela resignação de se submeter a alguma regra externa. É, antes, uma vida conduzida pelo amor que procura descobrir a verdade e a beleza de tudo o que Deus revelou e de todas as atividades quotidianas. «Gosto de falar da aventura da liberdade – dizia S. Josemaria –, porque é essa realmente a aventura da vossa vida e da minha. Livremente –como filhos, insisto, não como escravos– seguimos o caminho que Nosso Senhor assinalou para cada um de nós. E saboreamos esta facilidade de movimentos como um presente de Deus»^[6].

POR VOLTA DO ANO SETENTA, a cidade santa foi cercada por tropas romanas. Após um longo cerco, o Templo foi destruído e as suas

paredes completamente arrasadas. Assim se cumpriu a profecia do Senhor: «não deixarão em ti pedra sobre pedra» (Lc 19, 44). Jesus, logicamente, não se alegra com o desastre que acontecerá mais tarde, mas chora por Jerusalém. Ele não veio para condenar, mas para anunciar a paz aos que estavam perto e aos que estavam longe (cf. Ef 2, 17). Por isso, ao contemplá-la, dirige-se assim às pessoas que ali vivem: «Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz! Mas não. Está escondido a teus olhos» (Lc 19, 42). Estas palavras parecem um eco das ouvidas pela samaritana junto ao poço de Sicar: «Se conhecesses o dom de Deus» (Jo 4, 10).

A vida cristã começa por descobrir o maior «dom de Deus»: sermos Seus filhos. Dia após dia Ele está ao nosso lado, espera por nós em cada momento. Para amar o Senhor «com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças» (Mc 12, 33), não temos necessariamente que fazer coisas fora do comum. Vivemos recebendo esse dom de Deus quando percebemos que há uma graça –um dom divino– que espera por nós a cada momento e em cada pessoa que está ao nosso lado. Ali, no meio das batalhas da vida quotidiana, podemos alcançar a paz que tanto desejamos.

Santa Maria é rainha da paz. «Por isso, quando se agitar a tua alma, ou o ambiente familiar ou profissional, a convivência na sociedade ou entre os povos, não cesses de aclamá-la com esse título: *Regina pacis, ora pro nobis!*, Rainha da paz, roga por nós! Experimentaste-o alguma vez, quando perdeste a tranquilidade?... Surpreender-te-ás com a sua imediata eficácia»^[7]. A Virgem nunca deixou passar nenhum dom que Deus lhe ofereceu e por isso soube recebê-lo nas suas próprias entranhas: podemos ir a ela para nos abirmos também nós à paz que o seu filho nos oferece a cada momento.

NOTAS

[1] Missal Romano, Hino *Exsultet* da Vigília Pascal.

[2] Francisco, Meditações Matutinas, 29/03/2020

[3] Bento XVI, *Angelus*, 06/01/2009.

[4] Orígenes, Homilia 38, sobre o Evangelho de Lucas; PG 13, 1896-1898.

[5] Francisco, Audiência, 30/04/2016.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 35.

[7] S. Josemaria, *Sulco*, n. 874.

Sexta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: purificar o templo para a oração; a Igreja é o templo para o mundo; junto de Cristo, somos pedras vivas da Igreja.

Sumário

- Purificar o templo para a oração.
- A Igreja é o templo para o mundo.
- Junto de Cristo, somos pedras vivas da Igreja.

DURANTE AS SUAS ESTADIAS em Jerusalém, Jesus ensinava todos os dias no Templo. Esse era o lugar do encontro com Deus através da oração e dos sacrifícios; era o símbolo da proteção de Javé, da sua presença, sempre disposto a escutar o seu povo e a socorrer os que recorriam a Ele nas necessidades. Deus quis habitar entre os homens para que, assim, os homens encontrem Deus.

O Senhor dirigia-se para ali, acompanhado pelos apóstolos, com a alegria do Filho que vai orar à casa do seu Pai. No entanto, nem sempre o ambiente que se respirava era o mais propício para a oração. A dinâmica que se tinha estabelecido, por causa dos sacrifícios prescritos na lei, fazia com que o Templo – e, de modo especial, o seu enorme recinto – parecesse mais um lugar de negócios. Não é difícil imaginar os gritos, o movimento de pessoas e animais.

Numa dessas visitas, Jesus decidiu «expulsar os vendedores, dizendo-lhes: “Está escrito: a minha casa é casa de oração”» (Lc 19, 45). A cena deve ter sido impressionante. E com esta imagem na mente podemos recordar que também nós «somos templos do Espírito Santo: eu sou um templo, o Espírito de Deus está em mim (...). Também nós nos devemos purificar continuamente porque somos pecadores: purificar-nos com a

oração, com a penitência, com o sacramento da reconciliação, com a Eucaristia»^[1].

O TEMPLO onde Deus habita não é apenas um edifício construído com as nossas mãos. Em última instância, o templo é o Corpo de Cristo, ou seja, a Igreja: a Igreja acolhe a presença de Deus. «Aquilo que estava renunciado no antigo Templo, está realizado, pelo poder do Espírito Santo, na Igreja: a Igreja é a “casa de Deus” (...). Se nos perguntarmos: onde podemos encontrar Deus? Onde podemos entrar em comunhão com Ele através de Cristo? Onde podemos encontrar a luz do Espírito Santo que ilumina a nossa vida? A resposta é: no Povo de Deus, no meio de nós, que somos Igreja»^[2].

Certamente que nós, os homens, podemos «ensombrecer o rosto limpo da Igreja»^[3] porque, apesar de se tratar de um povo santificado por Cristo, está composto por criaturas frágeis. S. Josemaria chamava a atenção que «esta aparente contradição marca um aspeto do mistério da Igreja. A Igreja, que é divina, é também humana, porque está formada por homens, e os homens têm defeitos (...). Nosso Senhor Jesus Cristo, que funda a Igreja Santa, espera que os membros deste povo se empenhem continuamente em adquirir a santidade (...). Na Esposa de Cristo observam-se, ao mesmo tempo, a maravilha do caminho de salvação e as misérias dos que o atravessam»^[4]. A Igreja é templo para todo o mundo na vida de cada cristão. Por isso queremos, com a ajuda de Deus, transparecer com a maior clareza possível Deus que se quer tornar presente em nós.

A IGREJA DE CRISTO está construída com «pedras vivas» (1Pe 2, 5) das quais, a primeira, aquela «rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus» (1Pe 2, 4), é Jesus. Ao mesmo tempo, cada batizado é «pedra viva» para construir um «edifício espiritual para um sacerdócio santo, com a finalidade de oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo» (1Pe 2, 5). Já não são necessários longos rituais nem sacrifícios de animais. A principal oferenda que Deus espera é a entrega diária da nossa vida unida à de Cristo: esse é «o sacrifício puro, imaculado e santo»^[5], a hóstia agradável aos olhos de Deus.

O Senhor deseja que o templo do nosso coração não seja, como diz S. Ambrósio, uma «casa de mercadores, mas de santidade»^[6]. Com a purificação do Templo, Jesus convida-nos a purificar as nossas intenções, de modo que a nossa busca de Deus seja o mais autêntica possível. Para que o coração seja casa de oração necessitamos de afastar o ruído, o barulho, encontrando momentos de silêncio interior para contemplar Jesus. Nesse silêncio acontecem, imperceptivelmente, as grandes coisas, as grandes mudanças para a nossa vida e o nosso entorno.

Assim o expressa um hino da Liturgia das horas de hoje: «Ali onde vai um cristão / não há solidão, mas amor, / pois leva toda a Igreja / dentro do seu coração. / E diz sempre “nós”, / inclusive quando diz “eu”». E no centro desse «nós» está Maria, templo do Espírito Santo e Mãe da Igreja: ela intercede por nós para que a nossa vida seja cada dia mais santa, mais feliz: melhor pedra viva do Templo que é seu Filho.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 22/11/2013.

[2] Francisco, Audiência, 26/06/2013.

[3] S. Josemaria, *Lealdade à Igreja*, n. 19.

[4] *Ibid.*, n. 23

[5] Cânone Romano, Oração Eucarística I.

[6] Sto. Ambrósio, comentário a esta passagem na *Catena aurea*.

Sábado da XXXIII semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXXIII semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus surpreender-nos-á na vida eterna com o seu amor e misericórdia; o Senhor estabeleceu um pacto connosco; a vida futura ilumina a nossa vida terrena.

Sumário

- Deus surpreender-nos-á na vida eterna com o seu amor e misericórdia.
- O Senhor estabeleceu um pacto connosco.
- A vida futura ilumina a nossa vida terrena.

CREMOS E ESPERAMOS «a ressurreição dos mortos e a vida do mundo futuro»: assim o traduzem os símbolos da fé, que são um compêndio da doutrina cristã. Amanhã celebraremos a Solenidade de Cristo Rei e, na véspera deste grande dia, a Igreja convida-nos a ponderar sobre a ressurreição da carne. Esta verdade de fé forma parte, desde o princípio, do conteúdo essencial da mensagem que transmitiam os apóstolos.

Entre os judeus existia divisão sobre a possibilidade da vida eterna. Um grupo, o dos saduceus, não acreditava na ressurreição da carne e afirmava «que a alma morre com o corpo»^[1]. Outro grupo, pelo contrário, o dos fariseus, aceitava-a porque assim estava exposta em alguns textos da Escritura (cf. Dn 12, 2-3) e na tradição oral (cf. At 23, 8). Por isso, numa certa ocasião, alguns saduceus de intenção pouco reta indagam Jesus sobre este tema, com a finalidade de ridicularizar a fé na ressurreição. Partem de um caso imaginário e complicado: uma mulher teve sete maridos, todos irmãos de uma mesma família, que morreram uns a seguir aos outros sem deixar descendência. Perguntam a Jesus: «Na ressurreição, a qual deles pertencerá a mulher?» (Lc 20, 33).

Com paciência, Jesus responde-lhes – e, ao mesmo tempo, ilumina-nos – que a vida depois da morte não tem os mesmos parâmetros da vida

terrena. A vida eterna é «outra» vida. Os ressuscitados – disse Jesus – serão «semelhantes aos anjos» (Lc 20, 36), viverão num outro estado, do qual não temos experiência e não podemos suspeitar. «Em Jesus, Deus doa-nos a vida eterna, concede-a a todos, e graças a Ele todos têm a esperança de uma vida ainda mais verdadeira do que esta. A vida que Deus nos prepara não é um simples embelezamento desta vida atual: ela supera a nossa imaginação, porque Deus surpreende-nos continuamente com o seu amor e com a sua misericórdia»^[2].

NA SUA RESPOSTA aos saduceus, simples e ao mesmo tempo cheia de originalidade, Jesus salienta que Deus «não é Deus de mortos, mas de vivos; pois para Ele, todos estão vivos» (Lc 20, 38). Jesus recorda o episódio de Moisés diante da sarça ardente no qual Deus se revela a si próprio como «o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob» (Lc 20, 37). «Aquele que falou a Moisés na sarça e declarou ser o Deus dos pais, é o Deus dos vivos»^[3].

Deus quis deixar o seu nome unido ao daqueles com os quais estabeleceu uma aliança, com os quais realizou um pacto que é mais forte do que a morte. «O Senhor não se alegra tanto quando lhe chamam o Deus do céu e da terra, como quando lhe chamam o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob»^[4], diz S. João Crisóstomo. E selou aquela aliança também connosco, pelo que podemos dizer com toda a segurança: Ele é nosso Deus! O Senhor leva o nosso nome unido ao seu: eu sou de Deus e Deus é meu. «Preciso de te confiar a minha emoção interior –exclama S. Josemaria–, depois de ler as palavras do profeta Isaías: “*Ego vocavi te nomine tuo, meus es tu!*”. Eu chamei-te, trouxe-te à minha Igreja, és meu! Que Deus me diga a mim que sou d'Ele! É para enlouquecer de amor!»^[5].

Deus ama-nos como algo seu e estabeleceu uma aliança connosco. É o Deus vivo que nos quer dar a vida no seu Filho. Jesus Cristo vive, Ele próprio é a aliança, Ele é a vida e a ressurreição, porque com o seu amor crucificado venceu a morte e o poder das trevas. Na vida de Jesus, na experiência do seu amor fiel por nós, podemos saborear algo da vida ressuscitada.

NO ANTIGO Testamento, Deus é chamado muitas vezes «o Deus vivo». Assim reza, por exemplo, um salmo: «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo! Quando poderei contemplar a face de Deus?» (Sl 42, 3). Também o profeta Jeremias o chama «Deus verdadeiro», «Deus vivo e rei eterno» (Jr 10, 10). No Novo Testamento, por seu lado, encontramos a confissão de fé de Pedro: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Não há espaço para a dúvida: em Deus só há vida e o mesmo quer para nós.

Os saduceus pensavam, no entanto, que a vida do homem conduzia definitivamente à morte. Assim também o consideraram muitos pensadores ao longo da história. Mas Jesus Cristo dá a volta completamente a esta conceção. Ao contrário do que defendiam os saduceus, na realidade nascemos para nunca morrer, estamos destinados a uma felicidade eterna. Nem sequer se poderia dizer que esta vida ilumina a que virá depois da morte, mas que «é a eternidade –aquela vida– que ilumina e confere esperança à vida terrena de cada um de nós»^[6].

A nossa caminhada, que certamente inclui momentos felizes e também dissabores, é uma peregrinação para a eternidade. Ali nos espera Deus. Estamos a caminhar nesta vida terrena para a vida plena. Se olharmos apenas com olhos humanos, poderíamos pensar que o caminho do homem parte da vida com destino para a morte. Mas, se procuramos olhar com os olhos de Deus, descobrimos que é precisamente ao contrário: caminhamos para a vida plena, é a vida eterna que ilumina o nosso caminho diário. «A morte está atrás, no passado, não diante de nós. À nossa frente está o Deus dos vivos, o Deus da aliança, o Deus que leva o meu nome»^[7]. Maria, que misteriosamente deu à luz o Deus da vida, pode ajudar-nos a ter o olhar fixo nessa vida que não acaba nunca e que já se iniciou nos nossos corações.

NOTAS

[1] Orígenes, comentário a esta passagem em *Catena aurea*.

[2] Francisco, *Angelus*, 10/11/2013.

[3] Sto. Ireneu de Lyon, Lib. 4, 5, 2-5, 4.

[4] S. João Crisóstomo, comentário a esta passagem em *Catena aurea*.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 12

[6] Francisco, Angelus, 10/11/2013.

[7] *Ibid.*

Cristo Rei (Ciclo A)

Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo A). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; sem medo do juízo; Cristo identifica-se com as ovelhas.

Sumário

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- Sem medo do juízo.
- Cristo identifica-se com as ovelhas.

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «Deus todo-poderoso e eterno, – rezamos na oração coleta – que no vosso amado Filho, Rei do universo, quisestes instaurar todas as coisas, concedei propício que todas as criaturas, libertas da escravidão, sirvam a vossa majestade e Vos glorifiquem eternamente». Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

Regnare Christum volumus, escolheu como lema episcopal o Beato Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar, se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»^[1].

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele Se torne o nosso rei*. Um rei que com a Sua palavra, o Seu exemplo e a Sua vida imolada na cruz nos salvou da morte, e indica – este rei – o caminho ao homem perdido, dá luz nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»^[2].

O EVANGELHO de hoje mostra-nos Jesus a anunciar como será o Juízo Universal. Ele mesmo, sentado no trono da Sua glória, «separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos» (Mt 25, 32). Pode surpreender que o Senhor, ao falar daquele momento, não Se apresente como um juiz temeroso, mas como um pastor misericordioso. Jesus é o primeiro interessado na nossa própria salvação. Ele é o pastor que, quando as ovelhas se afastam, faz todo o possível para trazê-las de volta ao rebanho. «Eu apascentarei as minhas ovelhas – lemos na primeira leitura –, Eu as levarei a repousar, diz o Senhor Deus. Hei de procurar a que anda perdida e reconduzir a que anda tresmalhada» (Ez 34, 15-16).

S. Josemaria recordava que o Senhor «não é um dominador tirânico, nem um juiz rígido e implacável; é nosso Pai. Fala-nos dos nossos pecados, dos nossos erros, da nossa falta de generosidade, mas é para nos livrar deles e nos prometer a sua amizade e o seu amor. A consciência da nossa filiação divina dá alegria à nossa conversão; diz-nos que estamos a voltar à casa do Pai»^[3]. Por isso, «a imagem do Juízo final não é primariamente uma imagem aterradora, mas de esperança»^[4].

Quando alguém atua apenas por medo – seja de um possível castigo, de ficar mal, ou por outros motivos –, não dá sentido pleno a tudo o que faz. Poderá realizar ações aparentemente corretas, mas como a motivação não parece adequada, será difícil aproveitar o bem que elas trazem para a própria vida: simplesmente comportar-se-á de maneira a evitar consequências negativas. Por isso, Jesus, ao apresentar-Se como Juiz-Pastor, chama-nos a esperar sem medo aquele encontro final com Ele. Além do mais, será um momento muito esperado, pois contemplaremos o Amor

que deu sentido a todas as nossas ações. «Não brilha na tua alma o desejo de que teu Pai-Deus fique contente quando te tiver de julgar?»^[5].

NESSE JUÍZO, o Senhor elogia aqueles que O viram necessitado e vieram em Seu auxílio. Quando esses justos Lhe perguntam quando fizeram tal coisa, já que não se lembram, Jesus assegura-lhes: «Em verdade vos digo: quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25, 40). Algo semelhante, mas ao contrário, diz a quem não cuidou dos mais fracos: «Em verdade vos digo: quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer» (Mt 25, 45). Desta forma, Cristo não só Se apresenta como pastor, mas também Se identifica com as ovelhas do rebanho: qualquer gesto de carinho ou rejeição para com os nossos irmãos, especialmente os mais necessitados, é como se o dirigíssemos a Ele mesmo.

O Senhor conclui assim o Seu anúncio do Juízo: aqueles que ignoraram as necessidades dos outros «Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna» (Mt 25, 46). Deste modo, afirma que «no final da nossa vida, seremos julgados sobre o amor, ou seja, sobre o nosso compromisso concreto de amar e servir Jesus nos nossos irmãos mais pequeninos e necessitados. Aquele mendigo, esse necessitado que estende a mão é Jesus; aquele doente que devo visitar é Jesus; esse preso é Jesus; aquele faminto é Jesus»^[6]. É assim que Cristo mostra a Sua realeza: tornando-Se presente nos mais fracos. Podemos pedir à Virgem Maria que nos ajude a reconhecer o Seu Filho nas pessoas que passam por nós, sabendo que com o nosso desejo de servi-las estamos a amar o Rei do Universo.

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, Angelus, 25/11/2018.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 64.

[4] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 44.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 746.

[6] Francisco, Angelus, 26/11/2017.

Cristo Rei (Ciclo C)

Reflexão para meditar no último domingo do Tempo Comum, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo (Ciclo C). Os temas propostos são: Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós; a aparente fraqueza do reinado de Cristo; o serviço é o verdadeiro poder.

Sumário

- Jesus é o rei do Universo e de cada um de nós.
- A aparente fraqueza do reinado de Cristo.
- O serviço é o verdadeiro poder.

O FIM do ano litúrgico chega com a solenidade de Cristo Rei. Estas semanas em que a Igreja nos propôs considerar as verdades últimas levam-nos a uma certeza: Jesus Cristo é o Senhor da história universal e, ao mesmo tempo, de cada história pessoal. «É a imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura; porque n’Ele foram criadas todas as coisas no céu e na terra» (Cl 1, 15-16). Nada do que acontece escapa ao Seu conhecimento. Nenhum dos nossos cuidados ou desejos é perdido, porque Ele governa tudo.

Regnare Christum volumus, escolheu como lema episcopal o Bto. Álvaro del Portillo: queremos que Cristo reine. É uma das jaculatórias que S. Josemaria repetia desde muito novo. «Cristo deve reinar, em primeiro lugar, na nossa alma – dizia –. Mas como Lhe responderíamos, se Ele nos perguntasse: como é que tu Me deixas reinar em ti? Eu responder-lhe-ia que para que Ele reine em mim, preciso da sua graça abundante, pois só assim é que o mais impercetível pulsar do meu coração, a menor respiração, o olhar menos intenso, a palavra mais corrente, a sensação mais elementar se traduzirão num *hossana* ao meu Cristo Rei»^[1].

«Jesus hoje pede-nos para deixarmos que *Ele se torne o nosso rei*. Um rei que com a sua palavra, o seu exemplo e a sua vida imolada na cruz nos

salvou da morte, e indica – este rei – o caminho ao homem perdido, dá luz nova à nossa existência marcada pela dúvida, pelo medo e pelas provações de cada dia. Mas não devemos esquecer que o reino de Jesus *não é deste mundo*. Ele só poderá dar um sentido novo à nossa vida, às vezes submetida a dura prova inclusive pelos nossos erros e pecados, se não seguirmos as lógicas do mundo e dos seus “reis”»^[2].

POUCO ANTES da morte de Jesus, os chefes do povo e os soldados começaram a insultá-l'O: «Se és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo» (Lc 23, 37). A sua realeza permanece oculta aos olhos destes homens. Consideravam que o verdadeiro poder era aquele que dominava politicamente grande parte do mundo conhecido no Ocidente. Não concebiam que aquela pessoa, prestes a morrer na cruz, fosse alguém importante.

A resposta do Senhor a estes insultos é eloquente: não se defende a Si próprio. O seu reinado é o de quem se entrega e só assim começa a salvação. Jesus «deseja cumprir a vontade do Pai até ao fim e estabelecer o seu reino, não com as armas e a violência, mas com a aparente fragilidade do amor que dá a vida. O reino de Deus é um reino completamente diferente dos reinos terrenos»^[3]. Essa “aparente fraqueza” é o que conquista a liberdade das almas. É a fragilidade do Senhor que infunde vida no mundo e nos povos, aquele que sabe tirar o bem do mal, aquele que infunde graça sem se impor.

Talvez tenha sido precisamente esta "fraqueza" que conquistou o coração do "bom ladrão". Enquanto o seu parceiro no crime desafiava Jesus e pedia-Lhe que os salvasse da cruz, ele atreveu-se a fazer uma súplica mais audaz: «Jesus, lembra-Te de Mim, quando vieres com a tua realeza» (Lc 23, 42). Ele tinha reconhecido o seu reinado, mas sabia que não era deste mundo. É por isso que se dirige a Ele, para que, onde quer que exerça o seu poder, se possa lembrar do seu companheiro de agonia. E o que obtém deste Rei é muito mais do que poderia ter imaginado: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43).

TODO O CRISTÃO é chamado a ser Cristo que passa entre os homens. Olhar para o Senhor na Cruz impele-nos a dar-mo-nos como Ele. O Seu exemplo leva-nos a amar sem condições. Quem se entrega depõe as armas, renuncia a defender-se. Desta forma, aprendemos a ouvir sem nos impormos, a valorizar o bem de cada pessoa, a oferecer o nosso próprio tempo e a alegria que temos dentro de nós sem esperar nada em troca.

Nesse reinado de Cristo diante dos que O ridicularizam, descobrimos que de pouco serve pretender ter razão ou levar a nossa avante; até o bem que fazemos perde peso se não formos movidos por um desejo sincero de servir, como Cristo na Sua Paixão. «Serviço. Como gosto desta palavra! Servir o meu Rei e, por Ele, todos os que foram redimidos com o seu sangue. Se os cristãos soubessem servir! Vamos confiar ao Senhor a nossa decisão de aprender a realizar esta tarefa de serviço, porque só servindo é que poderemos conhecer e amar Cristo e dá-l’O a conhecer e conseguir que os outros O amem mais»^[4].

O Arcanjo S. Gabriel disse a Maria que o seu Filho reinaria para sempre. Ela acreditou antes de O dar ao mundo. Mais tarde, não sem perplexidades, entenderia que tipo de realeza era a de Jesus. Pedimos à nossa Mãe que compreendamos e vivamos, sempre com maior profundidade, aquela maneira suave com a que reina o seu Filho.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[2] Francisco, Angelus, 25/11/2018.

[3] Bento XVI, Homilia, 25/11/2012

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 182.

Segunda-feira da XXXIV semana do Tempo Comum

Sumário

- Olhar para Jesus, que é luz para a nossa vida.
 - Deus pede-nos tudo para nos fazer felizes.
 - A entrega a Deus torna-se entrega aos outros.
-

A ÚLTIMA SEMANA do Tempo Comum lembra-nos que a vida é breve, em comparação com o que viveremos depois, e por isso nos anima a aproveitar cada oportunidade para nos encontrarmos com o Senhor. Sto. Agostinho dizia que lhe causava temor pensar que Jesus estava a passar pela sua vida sem ele se aperceber. Trata-se da incerteza, normal nesta terra, de não sabermos se seremos capazes de acolher habitualmente a presença de Deus, luz para o nosso caminho.

«A confissão cristã de Jesus como o único Salvador, afirma que toda a luz de Deus se concentra n'Ele, na Sua «vida luminosa», em que se revela a origem e a consumação da História. Não há nenhuma experiência humana, nenhum itinerário do homem para Deus que não possa ser acolhido, iluminado e purificado por essa luz»^[1]. A luz da fé dá paz e confiança à alma do cristão. Cristo, a Luz da luz, o verdadeiro Deus, é Aquele que dá pleno sentido a tudo o que fazemos. Por isso, é do nosso interesse procurar o Seu rosto, sem descanso e sem cansaço, presente nas nossas ações, nos nossos amores, nos nossos ideais.

Queremos começar esta última semana do ano litúrgico com os olhos postos em Jesus, que, já ressuscitado, disse: «Vede as Minhas mãos e os Meus pés» (Lc 24, 39). «*Ver* não é apenas olhar, é mais, requer também a intenção, a vontade. É por isso que é um dos verbos do amor. A mãe e o pai veem o filho, os amantes veem-se um ao outro; o bom médico vê o paciente com atenção... *Ver* é um primeiro passo contra a indiferença, contra a tentação de virar o rosto para o outro lado face às dificuldades e sofrimentos dos outros. *Ver*. Eu *vejo* ou *olho* para Jesus?»^[2].

ANTES DO DISCURSO em que Cristo anuncia, de modo profético, o fim de Jerusalém e do mundo, decorre uma cena escondida, discreta, no meio de toda a atividade do Templo. Uma mulher sem muitos recursos dá tudo o que tem perante o Altíssimo. Embora ninguém repare, Jesus repara. «Ela deu mais do que todos os outros» (Lc 21, 3), diz o Evangelho de hoje, dirigindo-se àqueles que O rodeiam. A atitude da viúva ficou como um retrato, feito pelo próprio Cristo, da relação das pessoas com Deus: «O Senhor não olha para a quantidade que Lhe é oferecida, mas para o afeto com que se Lhe oferece. Não está a esmola em dar pouco do muito que se tem, mas em fazer como fez aquela viúva, que deu tudo o que tinha»^[3].

A relação de amizade com Deus, que é própria do chamamento cristão, anseia uma resposta que envolve toda a nossa existência. Não ficamos indiferentes depois de O termos encontrado. «O Senhor sabe que o dar é próprio dos apaixonados e Ele próprio nos diz o que deseja de nós. Não Lhe interessam riquezas, nem frutos, nem animais da terra, do mar ou do ar, porque tudo isso Lhe pertence. Quer uma realidade íntima, que havemos de Lhe entregar com liberdade: *dá-me, meu filho, o teu coração*. Vedes? Se compartilha, não fica satisfeito: quer tudo para si. Repito: não pretende o que é nosso, quer-nos a nós mesmos. Daí - e só daí - provêm todas as outras ofertas que podemos fazer ao Senhor»^[4].

Jesus convida-nos a lançar todas as nossas moedas sem chamar a atenção sobre nós próprios. As decisões que tomamos no íntimo do nosso coração, essa abertura à luz da fé, levar-nos-ão a uma alegria sem comparação. A pobre viúva deu tudo, mas deixou o Templo enriquecida pelo olhar de Deus, tão feliz que nem sequer precisava de saber que seria um exemplo para tantas pessoas ao longo da História.

A VIÚVA que hoje contemplamos no Evangelho, «por causa da sua pobreza extrema, poderia ter oferecido uma única moeda para o templo e conservado outra para si. Mas ela não quer dividir a meio com Deus: priva-se de tudo. Na sua pobreza, ela entendeu que, se tiver Deus, tem tudo: sente-se totalmente amada por Ele e, por sua vez, ama-O também de modo total. Que bonito exemplo, aquela velhinha! Hoje, Jesus diz-nos, também a

nós, que a medida para julgar não é a quantidade, mas a plenitude (...). Meditai sobre a diferença que existe entre quantidade e plenitude. Não é questão de carteira, mas de coração»^[5].

Esta plenitude com que nos queremos abandonar no Senhor, que não faz cálculos, e que é a que nos tornará verdadeiramente felizes, tem sempre o efeito da nossa entrega aos outros. Enche-nos com o amor de Deus que procura ser compartilhado. Essas duas moedas que a viúva dá ao Senhor quando vai ao Templo convertem-se numa forma habitual de se dar também aos outros. Quem é verdadeiramente generoso com Deus também é generoso com os outros.

«Diante das necessidades do próximo, somos chamados a privar-nos do que nos faz falta, não apenas do supérfluo. Somos chamados a dar o tempo necessário, não só aquele que nos sobra. Somos chamados a oferecer um talento nosso de modo imediato, incondicional, e não depois de o termos usado para as nossas finalidades pessoais ou de grupo.

Peçamos ao Senhor que nos admita na escola desta pobre viúva que Jesus, diante da perplexidade dos discípulos, faz subir à cátedra, e apresenta como mestra do Evangelho vivo. Mediante a intercessão de Maria, a mulher pobre que ofereceu a sua vida inteira a Deus, por nós, peçamos o dom de um coração pobre, mas rico de uma generosidade alegre e gratuita»^[6].

NOTAS

[1] Francisco, *Lumen Fidei*, n. 35.

[2] Francisco, Regina Cœli, 18/04/2021.

[3] S. João Crisóstomo, *Homilias sobre a Carta aos Hebreus*, 1, 4.

[4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 35.

[5] Francisco, Angelus, 08/11/2015.

[6] *Ibid.*

Terça-feira da XXXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na terça-feira da XXXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: abandonar-se em Deus; Cristo na Eucaristia; Deus também habita em cada cristão.

Sumário

- Abandonar-se em Deus.
- Cristo na Eucaristia.
- Deus também habita em cada cristão.

A BELEZA DO TEMPLO de Jerusalém era admirada pelas civilizações da época. Após a sua destruição por Nabucodonosor e a deportação para a Babilônia, o Templo foi cuidadosamente reconstruído graças à fé do povo judeu. Este novo templo data de 536 A.C. O livro de Macabeus conta como foi recuperado para o culto do Senhor após as profanações. E na época de Jesus o rei Herodes já tinha renovado e ampliado as construções. Para os judeus, apesar de todas as vicissitudes da História, continuava a ser um motivo de orgulho e de fidelidade à Aliança com Deus.

Por todas estas razões, o temor e o espanto apoderam-se dos ouvintes quando Jesus revela que dentro de alguns anos o Templo será novamente arrasado. Era evidentemente um perigo e como vinha dos lábios do Senhor, tinham ainda mais razões para se sentirem inquietos. «Podemos imaginar o efeito destas palavras sobre os discípulos de Jesus! No entanto, não quis ofender o templo, mas fazer-nos compreender, a eles e a nós hoje, que as construções humanas, mesmo as mais sagradas, são temporárias e que não devemos pôr nelas a nossa segurança. Nas nossas vidas, quantas supostas certezas pensávamos serem definitivas e depois acabaram por se revelar efémeras!»^[1].

«Habitar sob a proteção de Deus, viver com Deus: eis a arriscada segurança do cristão –dizia S. Josemaria–. É necessário convencer-mos

de que Deus nos ouve, de que está sempre atento, e assim o nosso coração se encherá de paz. Mas viver com Deus é indubitavelmente correr *um risco*, porque o Senhor não Se contenta compartilhando; quer tudo. E aproximar-se d'Ele um pouco mais significa estar disposto a uma nova retificação, a escutar mais atentamente as suas inspirações, os santos desejos que faz brotar na nossa alma»^[2].

COM A INSTITUIÇÃO da Igreja, o templo onde se ia adorar a Deus passou a ser o próprio Corpo de Cristo e, de um modo especial, a sua presença eucarística. A sagrada comunhão é o "lugar" onde ele nos espera. «Esse pão que vedes no altar – afirmará Sto. Agostinho – santificado pela palavra de Deus, é o Corpo de Cristo; aquele cálice, ou melhor, o que está contido nesse cálice, santificado pela palavra de Deus, é o Sangue de Cristo. Desta forma, Nosso Senhor Jesus Cristo quis deixar-nos o seu corpo e deixar-nos o seu sangue, que derramou por nós em remissão dos nossos pecados. Se o recebeis dignamente, sereis aquilo que recebestes»^[3].

«A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese *o próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20); mas na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par»^[4].

De facto, experimentamos a sua presença sacramental como uma antecâmara para a eternidade. Ainda mais neste mês dos defuntos, em que sonhamos com o Céu, onde Deus, a Santíssima Virgem, os santos, as santas e tantos entes queridos nos esperam. Receber a comunhão e os momentos de ação de graças depois da comunhão podem ser a antecipação desse gozo. A iluminação das cidades à noite, vista do céu, é semelhante a esses pontos de luz que nunca se apagam, onde o Senhor está escondido: cada tabernáculo é um brilho infinito.

O SENHOR HABITA no coração do cristão. Sabemos que somos também templo do Espírito Santo e por isso, de certa forma, não precisamos de ir a outro lugar para nos dirigirmos a Deus. Nada nos pode assustar. E se porventura nos entristece a possibilidade de o ofender, isso também não nos faz viver com temor, porque temos sempre a possibilidade de ser perdoados. O amor de Deus é tão grande, que o leva a querer esquecer as nossas ofensas e a perdoar-nos.

Em constante alegria por todos os “lugares” da presença de Deus, nada nos tirará a paz, ainda que as dificuldades possam ser muito grandes e verdadeiramente dolorosas. «Se Deus está connosco, quem contra nós?» (Rm 8, 31). A serenidade interior, a fortaleza no meio das adversidades são um dom, consequência de sentir a contínua proximidade do Senhor. O que acontece à nossa volta é também uma ocasião permanente para referir tudo ao Senhor.

«Somos almas contemplativas – diz S. Josemaria – com um diálogo constante, conversando com o Senhor a qualquer hora: desde o primeiro pensamento do dia até ao último pensamento da noite: porque somos apaixonados e vivemos por amor, temos o nosso coração continuamente metido em Jesus Cristo Nosso Senhor, indo a Ele através da sua mãe Santa Maria e por ele ao Pai e ao Espírito Santo»^[5].

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 13/11/2016.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 58.

[3] Sto. Agostinho, Sermão 227.

[4] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 1.

[5] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 59b.

Quarta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o testemunho do martírio; mártires no que é habitual; a fecundidade da vida dum apóstolo no mundo.

Sumário

- O testemunho do martírio.
- Mártires no que é habitual.
- A fecundidade da vida dum apóstolo no mundo.

JESUS TINHA RESPONDIDO a várias perguntas dos seus ouvintes quando, já quase no fim, um deles começa a elogiar a beleza do Templo de Jerusalém. O Senhor aproveita o comentário para, surpreendentemente, falar da sua futura destruição e, ainda com maior mistério, para dizer algumas coisas sobre o fim dos tempos. Este discurso escatológico de Cristo – quer dizer, sobre o que acontecerá no fim do mundo – não passou despercebido a nenhum dos evangelistas, pois encontramos-lo nos três Evangelhos sinópticos; e é o que a liturgia da Igreja nos propõe refletir nesta semana, nos últimos dias do Tempo Comum.

Não saberemos quando chegará o fim, o próprio Deus não quis revelá-lo. Mas o Evangelho de hoje leva-nos a «dar testemunho» constantemente e em qualquer circunstância, permanecendo sempre em atitude de espera. O martírio é o maior testemunho de fé em Jesus Cristo. De facto, a palavra mártir vem do grego e significa «testemunha». Jesus não é alheio a que, desde os inícios do cristianismo até aos nossos dias, alguns dos nossos irmãos sofrerão esta perseguição: «Prender-vos-ão e perseguir-vos-ão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, levando-vos perante reis e governadores por causa do meu nome; isto acontecer-vos-á para dardes testemunho» (Lc 21, 12-13).

«Os mártires são os que levam a Igreja para a frente, os que sustentaram a Igreja e a sustentam hoje (...). Hoje muitos cristãos no mundo são bem-aventurados porque são perseguidos, insultados, presos. Há tantos na prisão só por trazerem um crucifixo ou por confessar Jesus Cristo. Essa é a glória da Igreja, o nosso apoio e também a nossa humilhação (...). Nos primeiros séculos da Igreja um antigo escritor dizia: “O sangue dos mártires é semente dos cristãos”. Eles, com o seu martírio, com o seu testemunho, com o seu sofrimento, também dando a vida, oferecendo a vida, semeiam cristãos para o futuro»^[1].

«ESTE MUNDO em que vivemos tem necessidade da beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, põe alegria no coração dos homens; é o fruto precioso que resiste à usura do tempo, que une as gerações»^[2]. O brilho duma vida cristã humilde e alegre é fonte de esperança para o nosso mundo. Cada esforço que, unidos a Deus, levamos a cabo no nosso dia, é uma ocasião para dar testemunho; nas coisas do dia a dia podemos permanecer perto de todos os cristãos, especialmente dos que passam por dificuldades e precisam de nós.

S. Josemaria recordava que «o modo específico de os leigos contribuírem para a santidade e para o apostolado da Igreja é a ação livre e responsável no seio das estruturas temporais, levando ali o fermento da mensagem cristã. O testemunho de vida cristã que ilumina em nome de Deus, e a ação responsável, para servir os outros contribuindo para a resolução dos problemas comuns, são outras tantas manifestações dessa presença com que o cristão corrente cumpre a sua missão divina»^[3].

É provável que o chamamento de Deus a cada um de nós seja o de viver coerentemente a fé em qualquer circunstância: no nosso trabalho, na nossa família, com os nossos amigos; talvez o *martírio* a que estamos chamados venha a ser constante, nas coisas habituais feitas com carinho, enquanto procuramos fazer os outros felizes. «Queres ser mártir. Eu te indicarei um martírio ao alcance da mão: ser apóstolo e não te chamares apóstolo; ser missionário –com missão– e não te chamares missionário; ser homem de Deus e pareceres homem do mundo: passar inadvertido!»^[4].

QUE SURPRESAS nos deparará o fim da nossa vida, quando descobriremos o imenso bem que fizemos durante os anos que Deus nos deu aqui na terra. Descobriremos com espanto os frutos do nosso testemunho cristão, que muitas vezes pensamos que passa despercebido ou que inclusivamente nos enganamos pensando que não é fecundo. No fim veremos que o nosso apostolado foi muito mais eficaz do que nos parece.

S. Pedro numa das suas cartas afirmava aos primeiros cristãos: «E quem vos poderá fazer mal se fordes zelosos do bem? Se padecerdes alguma coisa por causa da justiça, felizes de vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar nos vossos corações. Mas venerai Cristo Senhor» (1Pe 3, 13-15). A lealdade que Deus espera implica, por um lado, a convicção de que estamos sempre muito protegidos por Ele; e, por outro, o desejo de perseverar no nosso testemunho humilde e escondido.

Não vale a pena deter-se nos obstáculos do caminho. «O desalento é inimigo da tua perseverança –escreve S. Josemaria– Se não lutares contra o desalento, chegarás ao pessimismo, primeiro, e à tibieza, depois. Sê otimista»^[5]. Não sabemos quando chegará o fim, mas na terra podemos estar sempre alegres, porque, mesmo nas dificuldades, sabemos que Deus é o Senhor da história. E queremos que o mundo seja mais de Deus, com a esperança de ver, no fim dos tempos, a nossa Mãe, Maria, que nos espera.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 30/01/2017.

[2] S. Paulo VI, Mensagem aos artistas, 08/12/1965.

[3] S. Josemaria, *Entrevistas a S. Josemaria*, n. 59.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 848.

[5] *Ibid.*, n. 988.

Quinta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quinta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: a brevidade da nossa vida; Deus acompanhar-nos-á no final do caminho; a urgência de fazer os outros felizes.

Sumário

- A brevidade da nossa vida.
- Deus acompanhar-nos-á no final do caminho.
- A urgência de fazer os outros felizes.

PENSAR NA BREVIDADE da vida e considerar que a nossa passagem pela terra tem um final pode criar em nós temor. «Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabei que está próxima a sua devastação (...). Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas e, na terra, angústia entre as nações, aterradas com o rugido e a agitação do mar» (Lc 21, 20-25), diz hoje Jesus no discurso escatológico que a Igreja nos apresenta na liturgia. De facto, poucos anos depois, ao ver que os exércitos rodeavam a cidade, alguns cristãos que se recordavam das palavras do Senhor fugiram para a Transjordânia^[1].

No entanto, os apóstolos tinham vivido uma situação semelhante à que Jesus descreve, com um mar agitado e grandes ondas. Tinham-no bem gravado na memória. Nessa altura estavam num barco e tudo parecia indicar que morreriam afogados na tempestade. Então, o Senhor tinha-Se levantado, tinha acalmado as águas e serenado os seus ânimos. «“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?”. O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamo-nos. Precisamos do Senhor como os antigos marinheiros precisavam das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos –como os discípulos– que não há naufrágio. Porque esta

é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida jamais morre»^[2]. S. Josemaria olhava com grande segurança para as realidades últimas que a Igreja nos propõe considerar nestes dias. A algumas pessoas «a morte paralisa-as e espanta-as. A nós, a morte – a Vida – dá-nos ânimo e impulso. Para eles, é o fim; para nós, o princípio»^[3].

EM MUITOS SARCÓFAGOS antigos, a figura de Cristo é representada pela imagem do bom pastor. Na arte romana, «o pastor era, em geral, expressão do sonho de uma vida serena e simples de que as pessoas, na confusão da grande cidade, sentiam saudade. Agora a imagem era lida no âmbito de um novo cenário que lhe conferia um conteúdo mais profundo: “O Senhor é meu pastor, nada me falta... Mesmo que atravesse vales sombrios, nenhum mal temerei, porque Vós estais comigo”. O verdadeiro pastor é Aquele que conhece também o caminho que passa pelo vale da morte; Aquele que, mesmo na estrada da derradeira solidão, onde ninguém me pode acompanhar, caminha comigo servindo-me de guia ao atravessá-la: Ele mesmo percorreu esta estrada, desceu ao reino da morte, venceu-a e voltou para nos acompanhar a nós, agora, e nos dar a certeza de que, juntamente com Ele, acha-se uma passagem. A certeza de que existe Aquele que, mesmo na morte, me acompanha e com o seu “bastão e o seu cajado me conforta”, de modo que “não devo temer nenhum mal”, era a nova esperança que surgia na vida dos crentes»^[4].

Chegará o momento, quando Deus quiser e como Deus quiser, em que o Senhor nos chamará à sua presença. A Igreja põe nos lábios do sacerdote que assiste um moribundo umas palavras especiais para esses momentos: «Entra no lugar da paz e que a tua morada esteja junto de Deus (...), com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com S. José e todos os anjos e santos (...). Entrego-te a Deus, e, como criatura sua, coloco-te em suas mãos, pois Ele é o teu Criador, que te formou do pó da terra»^[5]. Considerar que sairemos deste mundo sem nada pode ajudar-nos a viver com mais agilidade para nos movermos ao ritmo de Deus. Que é realmente importante? Que hei de guardar no meu coração para que, quando chegar o momento, possa atravessar sem tristeza o limiar da vida terrena para a eternidade? Sabemos

bem que só o amor está destinado a durar para sempre. Tornamo-nos eternos ao entregarmo-nos todos os dias, em tudo o que fazemos.

SABER QUE O NOSSO TEMPO é limitado aviva o sentido de missão que tem a nossa vida de batizados. Dá-nos ânimo para aproveitar cada dia como se fosse o último. Que maior aspiração existe do que levar a felicidade eterna aos que nos rodeiam? Fá-lo-emos gradualmente, um a um, pensando nas circunstâncias de cada pessoa concreta, procurando discernir que passos Deus quer dar nos seus corações... mas com essa pressa de saber que cada momento é único, que o tempo nos escapa entre os dedos. «Se o Senhor te chamou "amigo", tens de responder à chamada, deves caminhar com passo rápido, com a urgência necessária, ao passo de Deus!»^[6].

«A amizade multiplica as alegrias e oferece consolo nas tristezas. A amizade de um cristão deseja a maior felicidade –o relacionamento com Jesus Cristo– para os que tem à sua volta. Peçamos, como fazia S. Josemaria: “Dá-nos, Jesus, um coração à medida do Teu!”. Esse é o caminho. Somente identificando-nos com os sentimentos de Cristo – “tende entre vós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus” (Fil 2, 5) – poderemos levar essa alegria plena à nossa casa, ao nosso trabalho e a todos os lugares onde estivermos, através da nossa amizade»^[7].

Identificar-se com os sentimentos do Senhor, sem medo da morte porque nos leva ao Céu, e com a ânsia de levar as pessoas que amamos a essa felicidade, poderia ser um bom resumo da vida cristã nesta terra. Queremos chegar à presença de Deus rodeados dos nossos familiares e amigos, para partilhar a vida com Jesus e Maria durante toda a eternidade.

NOTAS

[1] cf. Eusébio de Cesareia, *História eclesiástica*, 3, 5.

[2] Francisco, Momento extraordinário de oração em tempos de pandemia, 27/03/2020.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n. 738.

[4] Bento XVI, *Spe salvi*, n. 6.

[5] Rito da Unção dos Doentes e do seu cuidado pastoral.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 629.

[7] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 23.

Sexta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XXXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: as palavras de Jesus transformam-nos; as Sagradas Escrituras; o Evangelho é sempre novo.

Sumário

- As palavras de Jesus transformam-nos.
- As Sagradas Escrituras.
- O Evangelho é sempre novo.

NESTA sexta-feira, a última do Tempo Comum, Jesus diz no Evangelho: «Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão» (Lc 21, 33). Embora naquele momento falasse especificamente da profecia sobre a ruína de Jerusalém, a palavra de Deus tem impacto de cada vez que a escutamos na oração, na liturgia, na leitura da Sagrada Escritura... Se não oferecermos resistência, transformam-nos pouco a pouco por dentro, não passa sem mudar as coisas. «Deus disse: “Faça-se a luz”. E a luz foi feita» (Gn 1, 3), dizem os primeiros versículos do Génesis.

S. Josemaria, ao olhar com atenção para a vida de Cristo, afirmava que «para todos tem uma palavra, a todos abre os seus lábios dulcíssimos; e ensina-os, doutrina-os, traz-lhes notícias de alegria e esperança, com esse facto maravilhoso e único de um Deus que convive com os homens. Às vezes, fala com eles de um barco, enquanto se sentam na margem; outras, na montanha, para que toda a multidão oiça bem; outras vezes, no meio do ruído de um banquete, no sossego da casa, caminhando pelo meio dos campos, sentados debaixo das oliveiras. Dirige-se a cada um de acordo com o que cada um pode compreender: e dá exemplos de redes e peixes, para os marinheiros; de sementes e vinhas, para aqueles que trabalham a terra; à dona de casa, falar-lhe-á da dracma perdida; à samaritana, aproveitando a ocasião da água que a mulher vai buscar ao poço de Jacob»^[1].

As palavras do Senhor não passarão, porque encontram sempre um caminho concreto para chegar ao ponto mais profundo de cada um de nós. «Creio em tudo o que o Filho de Deus veio dizer, nada mais verdadeiro pode ser do que a própria Palavra da Verdade», repetimos no hino *Adoro Te Devote*, porque o próprio Cristo é a verdade.

DEUS QUIS ficar connosco de muitas maneiras e uma delas é a Sagrada Escritura. «A Palavra de Deus permite-nos tocar com a mão esta proximidade, já que ela –como diz o Deuteronomio– não está longe de nós, antes está *muito perto* do nosso coração (cf. Dt 30, 14). É o antídoto contra o medo de enfrentar a vida sozinho. (...) A Palavra de Deus infunde esta paz, mas *não deixa em paz*. É Palavra de consolação, mas também de conversão. “Convertei-vos”: acrescenta Jesus imediatamente depois de ter proclamado a proximidade de Deus, porque com a sua proximidade acabou o tempo de deixarmos à distância Deus e os outros, acabou o tempo em que cada um só pensa em si e avança por conta própria. Isto não é cristão, porque a pessoa que experimenta a proximidade de Deus não pode colocar à distância o próximo, não pode deixá-lo distante na indiferença. Neste sentido, quem frequenta a Palavra de Deus, obtém viragens salutares na sua existência: descobre que a vida não é tempo para se guardar dos outros e proteger a si mesmo, mas ocasião para ir ao encontro dos outros em nome deste Deus próximo»^[2].

A leitura da Sagrada Escritura é, ao mesmo tempo, proximidade de Deus e proximidade com os outros; é uma leitura que nos transforma e nos aproxima dos que nos rodeiam. «Ao abrires o Santo Evangelho –aconselhava S. Josemaria–, pensa que não só tens de saber o que ali se narra –obras e ditos de Cristo– mas também tens de vivê-lo. Tudo, cada ponto relatado, se recolheu, pormenor a pormenor, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência. Nosso Senhor chamou os católicos para O seguirem de perto e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, debes encontrar a tua própria vida. Aprenderás a perguntar tu também, como o Apóstolo, cheio de amor: “Senhor, que queres que eu faça?...” – A Vontade de Deus! – ouvirás na tua alma de modo terminante. Então, pega no Evangelho diariamente, e lê-o e vive-o como norma concreta. Assim procederam os santos»^[3].

«AFIRMAVA STO. IRENEU: “Na sua vinda, Cristo trouxe consigo toda a novidade”. Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, (...) a proposta cristã nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-l’O, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novos caminhos, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”»^[4].

Na Sagrada Escritura, o Espírito Santo fala, o mesmo Consolador que Jesus prometeu enviar-nos até ao fim dos tempos (cf. Jo 15, 26). Assim, nos são reveladas as mesmas verdades que Deus desperta dentro de nós. «A Palavra de Deus não se contrapõe ao homem, nem mortifica os seus anseios verdadeiros; pelo contrário, ilumina-os, purifica-os e realiza-os. Como é importante, para o nosso tempo, descobrir que só Deus responde à sede que está no coração de cada homem!»^[5].

A leitura do Evangelho leva-nos por novos caminhos e faz-nos entrar, juntamente com Jesus, no conhecimento de quem realmente somos: filhos do mesmo Pai. Maria acompanha-nos neste caminho. Embora, como diz S. João Paulo II, «teríamos desejado indicações mais abundantes que nos permitissem conhecer melhor a Mãe de Jesus»^[6], temos vários relatos da infância de Cristo e passagens que nos indicam qual era o lugar de Maria na comunidade cristã. Deixemo-nos acompanhar por Ela na nossa leitura da Sagrada Escritura.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Cartas 4, n. 2.

[2] Francisco, Homilia, 24/01/2021.

[3] S. Josemaria, *Forja*, n. 754.

[4] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 11.

[5] Bento XVI, *Verbum Domini*, n. 23.

[6] S. João Paulo II, Audiência, 08/11/1995.

Sábado da XXXIV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar no sábado da XXXIV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: uma atitude saudável de vigilância; a liberdade que nos é dada pelas virtudes; as virtudes unem-nos aos outros.

Sumário

- Uma atitude vigilante.
- A liberdade que nos é dada pelas virtudes.
- As virtudes unem-nos aos outros.

ÀS PORTAS do tempo do Advento, que sempre nos enche de esperança, escutamos uma última mensagem de vigilância. «Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida» (Lc 21, 34). São conselhos breves e concretos que ouvimos diretamente dos lábios do Senhor. A atitude de quem vigia pode ser entendida de duas formas. Por um lado, como se estivesse encarregado de verificar se tudo corre bem, dando o alerta se aquela quietude for quebrada. Ou, por outro lado, pode ser a da pessoa que está em vigília, na espera alegre de que algo aconteça. Este segundo caso está relacionado com a proximidade de um evento importante e é compreensível que a expectativa possa até roubar horas de sono. O que está por vir interessa-nos tanto que não nos queremos distrair. É por isso que queremos evitar tudo o que nos pode fazer perder a orientação do que verdadeiramente ansiamos.

Os três exemplos que o Senhor dá são claros. O que costuma enredar-nos está relacionado com os excessos e as coisas que nos sobrecarregam de forma desordenada. A nossa inteligência fica obscurecida quando desistimos da luta pelos bons hábitos, quando tentamos fugir das dificuldades da vida quotidiana, ou quando cedemos à tentação de dar voltas e mais voltas ao que nos preocupa. Por isso, se queremos cultivar uma atitude de amável vigilância diante da chegada do Senhor –seja perante

a sua segunda vinda no fim dos tempos, seja ante a memória da sua primeira vinda no Natal— queremos evitar esses possíveis obstáculos. Como fazê-lo? O próprio Jesus nos diz no Evangelho: «Vigiai e orai em todo o tempo, para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer e comparecer diante do Filho do homem» (Lc 21, 36). Nas palavras de S. Josemaria, poderíamos dizer também que «para guardar o Amor precisamos de prudência, de vigiar com cuidado e de não nos deixarmos dominar pelo medo»^[1].

DESEJAMOS FICAR vigilantes para receber o Senhor. A sua chegada futura restaura as nossas energias, sabermos-nos fortalecidos por quem nos espera na meta é o que nos dá esperança. «A felicidade pessoal não depende do êxito que alcançamos, mas do amor que recebemos e do amor que damos»^[2]; a nossa alegria está nessa relação que cultivamos enquanto esperamos por um Deus que nos convida a partilhá-la com os outros.

Nesse processo de não nos enredarmos naquilo que não nos conduz a Deus, é fundamental o empenho de viver em vigília através das virtudes. Com elas aprendemos a receber o amor de Deus e depois a oferecê-lo aos que nos rodeiam. As virtudes são um caminho de liberdade porque nos arrancam das várias escravidões. O que há de mais importante na vida do que ser livre para deixar-se alcançar por Cristo? Neste caminho em que estamos a aprender a procurar o que nos leva a Jesus, as virtudes ajudam-nos a desfrutar de uma certa "conaturalidade" com o verdadeiro bem, fazem com que gostemos cada vez mais de escolher as coisas boas que nos aproximam de Deus^[3] e ajudam-nos a sustentar essa escolha.

As virtudes humanas permitem-nos estar – como nos diz o Evangelho de hoje – «de pé diante do Filho do Homem» (Lc 21, 36), permitem-nos vencer as contrariedades de cada dia com um senhorio particular; fazem parte desse “cuidado” que o Senhor nos pede. Em alguns momentos podem parecer um fardo, mas, vivificadas pela caridade, levam-nos a refletir uma imagem cada vez mais clara de Jesus. «Qualquer outra carga te oprime e agrilhoa – assinala Sto. Agostinho – mas a carga de Cristo alivia-te. Qualquer outra carga tem peso, mas a de Cristo tem asas. Se a um pássaro tirares as asas, parece que o alivias do seu peso, no entanto, quanto mais lhe

tirares esse peso, mais o estás a prender à terra. Vês no chão aquele que querias aliviar de um peso; restitui-lhe o peso das suas asas e verás como voa»^[4].

AS VIRTUDES SÃO CAMINHO para amar e gostar das coisas boas. «*Pondus meum amor meus*: o meu amor é o meu peso, dizia Sto. Agostinho (*Confissões*, XIII, 9,10), referindo-se não ao facto evidente de que, às vezes, amar é custoso, mas ao facto de que o amor que trazemos no coração é o que nos move, o que nos leva a todo o lado»^[5].

As virtudes nunca nos isolam, mas unem-nos necessariamente aos outros. «Precisamos considerar – dizia S. Josemaria – que a decisão e a responsabilidade residem na liberdade pessoal de cada um, e por isso as virtudes são também radicalmente pessoais, *da pessoa*. Todavia – continuava–, nessa batalha de amor, ninguém luta sozinho, ninguém é um verso solto, costume repetir: de algum modo, ou nos ajudamos ou nos prejudicamos. Todos somos elos de uma mesma cadeia. Pede agora comigo a Deus Nosso Senhor que essa cadeia nos prenda ao seu Coração, até que chegue o dia de o contemplarmos face a face no Céu, para sempre»^[6]. Na medida em que nos esforçamos por ser melhores, também ajudamos os outros. Todo esse começar e recomeçar, cheios de alegria, nos leva a contemplar o Senhor, também naqueles que nos rodeiam.

É verdade que as virtudes humanas nos permitem dar o melhor de nós, mas sobretudo dispõem-nos a receber as sobrenaturais, que vêm de Deus: a fé, a esperança e a caridade. No fundo, dispõem-nos a abrimo-nos ao amor de Deus. No final do ano litúrgico, cultivamos no nosso coração essa íntima aspiração: que toda a nossa existência seja para o Senhor... Desde as ações mais habituais até às decisões mais ponderadas e importantes. Neste caminho ajuda-nos Santa Maria, com as mãos delicadas que fizeram Jesus crescer e que contemplaremos com frequência este tempo de Advento que se aproxima.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 180.

[2] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 01/11/2019, n. 17.

[3] cf. S. João Paulo II, *Veritatis splendor*, n. 64.

[4] Sto. Agostinho, Sermão 126.

[5] Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 09/01/2018, n. 7.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 76.